

# *A estrela e o peregrino*

Histórias e poesias sobre uma alfacinha de alto astral



### Ficha catalográfica

*A estrela e o peregrino: histórias e poesias sobre uma alfacinha alto astral*

Textos produzidos por familiares, professores, alunos, colegas de tralhos e amigos.

Capa: Samantha Azambuja

Projeto gráfico e diagramação: Lena Benz (@LenaBenz-Comunica)

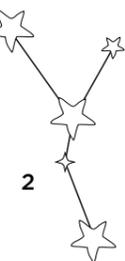
Copyright João Batista de Abreu, 2024.



### *O amor é fogo*

*Amor é fogo que arde sem se ver,  
é ferida que dói, e não se sente;  
é um contentamento descontente,  
é dor que desatina sem doer.*

*Luís de Camões (1524-1580)*





*Senhoras e senhores,  
tenho prazer de apresentar  
uma moça em fina sintonia*

A vida, as flores e o amor tornam-se eternos quando bem cultivados. Esse pensamento tem-me acompanhado nos últimos meses, desde que Alda virou estrela aos 64 anos. As flores estão vivas, assim como o amor, mas a vida, essa quase perdeu o sentido, tal a sensação de vazio que tomou conta de mim.

Este e-book, “A estrela e o peregrino – Histórias e poesias sobre uma alfacinha de alto astral”, consiste em uma forma de terapia para preencher o sentimento de ausência. Reunir textos meus, dos filhos, amigos comuns, colegas dela, professores e alunos faz parte do processo de cultivar a memória, regar as flores que ela tanto amava, assim como os filhos e gatos.

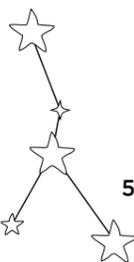
Alda jamais aceitou a ideia de escrever um livro sobre sua rica história de vida. Respondia os pedidos de André com um profundo silêncio; o silêncio da teimosia. Nós é que perdemos.

Uma vida às vezes atribulada, como a aventura de sua chegada ao Brasil em janeiro de 1974, aos 15 anos, vinda da cidade de Lourenço Marques, antiga capital da colônia portuguesa de Moçambique, hoje Maputo. Vivíamos a crise do petróleo e faltava combustível de aviação em todo canto. Na África não haveria de ser diferente.

A mãe e o padrasto tinham vindo antes e deixado a filha de 14 anos com os vizinhos da colônia. A rapariga completou 15 anos longe da família. Apenas com os vizinhos. Quando enfim conseguiu uma passagem no início de janeiro, teve que vir com a ajuda de um padre como acompanhante, sem autorização em cartório.

Durante a escala em Johannesburgo, na África do Sul, havia o temor de esbarrar na má vontade das autoridades sul-africanas dos tempos do *apartheid*. Mas o comandante do voo da Varig a encorajou; “Se implicarem com você na pista, corra e embarque no avião, que é território brasileiro”. No final deu tudo certo e a cachopa desembarcou por aqui no dia 4 de janeiro, quatro meses antes da Revolução dos Cravos.

Em pouco tempo o sotaque lusitano ficou para trás. Queria escapar do *bulying*. A palavra não existia por aqui na época, mas as brincadeiras com a cachopa, essas sim. Mas a origem lusitana fala mais forte e eu às vezes a pegava usando expressões como “deitar a mesa” em vez de botar a mesa, e “isso me sabe bem”, no sentido de gostar muito de um prato.



A única pessoa que conheço que morou em três continentes sem ser filha de diplomata, oficial, banqueiro ou exilado político. Europa, África e Brasil fazem parte da trajetória dessa moça nascida em Caxias, na periferia de Lisboa, filha de Dona Maria Helena, que se separou cedo do marido, Mário de Almeida.

*A única pessoa que conheço que morou em três continentes sem ser filha de diplomata, oficial, banqueiro ou exilado político. Europa, África e Brasil fazem parte da trajetória...*

Passou parte da infância com o avô materno Celestino, ferroviário e primo distante do escritor José Maria de Bocage, nascido em Setúbal. Talvez por isso tenha herdado o costume de abusar dos palavrões quando estava nervosa. Com apenas 13 anos, participava dos treinos do padrasto para o campeonato de *rally* cantando as curvas do mapa da corrida. Com a ajuda dela, o piloto Nascimento Costa tornou-se campeão português de *rally*. As taças estão aqui em casa até hoje.

Alegre, divertida e às vezes debochada, esta capricorniana logo conquistou a simpatia dos colegas no IACS, a faculdade de Comunicação Social na UFF, onde ingressou em agosto de 1979. Suas minissaias ficaram famosas, assim como o macacão da Shell, um tremendo *merchandising* gratuito. A semelhança com a atriz Glória Pires, em início de carreira, logo chamou a atenção. Na festa “Uma noite em Hollyuff”, dos alunos de Cinema, vestiu um paletó preto e disse que representava a atriz Itala Nandi no filme “O homem do Pau Brasil”.

Fã de Rita Lee e Frida Khalo, a moça jamais se conformou com modismos, nem com o lugar comum. Jogou futebol de salão na faculdade, quando isso era proibido para mulheres durante a ditadura. Batia de frente com o autoritarismo e o descaso, como na vez em que, ainda muito jovem, subiu na árvore em uma praça de Niterói para evitar que ela fosse cortada pela Prefeitura. E aos 56 anos foi uma das pioneiras do prata *power* ao parar de pintar o cabelo.

Também sabia ser vingativa. Numa festa na casa do professor de Cinema Sérgio Vilela, um colega do IACS a jogou de brincadeira na piscina de vestido e tudo. O constrangimento só não foi maior porque ela estava de *colant* debaixo da roupa. Na semana seguinte, quando viu o colega chegando de bicicleta à faculdade, não pensou duas vezes. Esperou-o entrar na sala de aula, foi lá e esvaziou os dois pneus. Naquela noite o garoto voltou a pé pra casa.

Na sala de aula, parecia ter déficit de atenção. Sempre precisava sair para fumar. Ainda assim, não conseguia ficar no anonimato. Com o tempo, eu lhe dei o título de “princesinha do IACS”. O pior é que ela gostava.

Em 1984, quando começamos a flertar, eu, mero jovem professor recém-separado, e ela, aluna rebelde, ninguém poderia imaginar que aquele namoro daria liga. Coisas da vida. Tempos depois ela cunhou uma frase que jamais esqueci: “Nem você era tão careta quanto parecia, nem eu tão porra louca quanto o pessoal imaginava”. Sábia frase.

Minha galega não costumava aceitar provocações. Na noite de sua formatura, em 1985, na quadra do IACS, depois de receber o diploma, os colegas exigiram aos gritos um discurso de improviso, à espera de ouvir algo

*“Nem você era tão careta quanto parecia, nem eu tão porra louca quanto o pessoal imaginava”*

crítico, zombeteiro ou insólito. Com o canudo debaixo do braço, a menina olhou para a plateia e sapecou um gesto de banana, como se respondesse: “Eu digo o que quero e quando quero”.

Doze anos depois, na festa de formatura de João Marcelo no Colégio Magnus da pré-escola, em Laranjeiras, fez um discurso comovente sobre a importância do afeto na formação escolar de uma criança. A mãe sabia expressar-se, mas só quando queria.

O bom humor era uma das peculiaridades da minha namorada. Quando Pedro tinha quatro anos e vinha passar os fins de semana aqui em casa, a mãe, esmerada, mandava um longo bilhete indicando a hora dos medicamentos e outros cuidados. Alda via tudo em silêncio. Um dia deixou escapar: “Este é o primeiro menino que eu conheço que já vem com manual de instruções”.

Adorava dar nomes diferentes às coisas. “Vacas e bois” era o Globo Rural, “tartaruguete”, a Internet lenta, e “companhia chichera” as empresas de aviação que prestam serviço ruim.

Aos 26 anos saiu da casa da mãe, em Icaraí, para morar em uma república no bairro do Ingá, também em Niterói. Eram cinco moças e dois rapazes, todos estudantes, a maioria deles do interior de Minas Gerais. República Esocléctica Casimiro de Abreu (RECA) transformou-se num exercício permanente de

socialização de ideias e comportamentos. Havia normas a cumprir; Por exemplo, o namorado que dormisse lá tinha que no dia seguinte sair cedo para comprar as coisas do café da manhã. Fiz isso várias vezes.

*Feminista sem carteirinha, adorava dar respostas que desconcertavam o interlocutor*

Uma das histórias curiosas da RECA envolve uma estudante mineira de Biologia que já tinha deixado a república quando Alda chegou, trazida pela amiga e colega de turma Geni, cuja família morava em Paciência, na Zona Oeste. A moça mineira só tinha um sutiã em seu guarda-roupa, algo bastante comum nos anos 1980 entre as jovens do Rio e de Niterói que namoravam o feminismo. Quando ela ia viajar e colocava o sutiã na mala, nem precisava perguntar: ia visitar a família em Belo Horizonte.

Extremamente crítica com os outros e consigo mesma, às vezes beirando o sarcasmo, a professora também levava este comportamento para a sala de aula. Certa vez no estúdio de rádio da Universidade Veiga de Almeida, diante de um grupo de alunas mergulhadas na fofoca na aula como se estivessem num salão de beleza, ela chega de repente, senta-se no meio delas, estende as mãos e provoca: “posso fazer minhas unhas também?” Silêncio no salão.

Feminista sem carteirinha, adorava dar respostas que desconcertavam o interlocutor. Uma vez, cobrindo o desfile das escolas de samba no sambódromo pela Rádio MEC, encontrou-se com uma repórter da TV Globo que fora minha orientanda no IACS. Educada, a moça puxou conversa: “Você é que é a mulher do João Batista? A resposta veio na lata: “Não, ele é que é meu marido”. Gargalhada geral na passarela.

*Companheira full time, a moça sempre comprou minhas brigas e as dos filhos*

Companheira *full time*, a moça sempre comprou minhas brigas e as dos filhos. Quando um garoto mais velho perseguia um deles no recreio no Colégio Bennett, ela fez queixa na secretaria. Como não deu resultado, ela pessoalmente pegou o garoto pelo braço e o mandou parar. Deu certo.

No mesmo colégio, quando a professora do ensino fundamental pediu à turma do André que pesquisasse a história de um personagem negro na História do Brasil, eu sugeri que ele escolhesse seu xará André Rebouças,

engenheiro da Corte Imperial junto com o irmão Antônio. Os dois fizeram o projeto da ferrovia Curitiba-Paranaguá, que engenheiros ingleses disseram ser uma construção inviável.

Ainda não havia *google* e a mãe ajudou o filho na pesquisa, mas não encontrou uma gravura sequer que indicasse a etnia do personagem. Diante da dificuldade, Alda cunhou uma frase magnífica: “Quando a sociedade racista não consegue esconder o personagem, esconde a cor”.

Na Rádio MEC revelou-se uma defensora voraz da comunicação pública. Quis o destino que minha namorada se despedisse da Terra justamente no mês e ano do centenário da Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, hoje Rádio MEC, onde ela tanto adorava trabalhar. Talvez tenha querido conhecer Edgar Roquette Pinto, pai de sua amiga, Dona Milu. Belas sintonias. Como disseram os amigos gaúchos do grupo de rádio, Alda viajou, mas jamais ficará fora do ar.

Nós adorávamos viajar juntos. Uma tarde de sábado, na Praia de Ipanema, ficamos discutindo o que fazer no fim de semana. Eu estava de folga no Globo na segunda-feira. Perguntei se conhecia Ouro Preto e ela disse que não. Pegamos um ônibus naquela noite, chegamos à antiga capital mineira no domingo de manhãzinha e na segunda-feira visitamos a cidade de Mariana. Alda ficou encantada com a viagem e decidiu ali mesmo que, quando tivesse uma filha, o nome seria Mariana.

Em 1991, de licença prêmio e um punhado de dólares no bolso, levei Alda para matar saudade da terrinha, com os miúdos Mariana (dois anos) e João Marcelo (seis meses). Ficamos lá três meses, tempo bastante para visitar Madrid, Barcelona, Florença, Roma e Paris, sempre com Mariana a tiracolo. Do lado de cá do Oceano Atlântico, fomos ao Uruguai, Peru, Equador e México. Um dos sonhos dela era conhecer Buenos Aires e Ushuaia, mas não deu tempo. Azar dos argentinos. . .

Roqueira de fino trato, dividíamos a paixão pelo Genesis, Beatles, Rolling Stones e Supertramp. Desde que ela virou estrela, a música que mais ouço é *Don't leave me now*, do Supertramp. Ouço quase todos os dias. É uma forma de senti-la perto de mim.

Alda gostava de brincar de viver e, por isso, quando começamos a namorar e não sabíamos do nosso destino, a letra de Guilherme Arantes não me saía da cabeça.

*“Você verá que é mesmo assim  
Que a história não tem fim;  
Continua sempre que você responde sim  
À sua imaginação;  
A arte de sorrir cada vez que o mundo diz não*

As impressões digitais dela estão em todos os cantos da casa, como se quisessem dizer: “Eu continuo aqui”. A escritora norte-americana Elizabeth Bishop, que viveu no Brasil e testemunhou o suicídio de sua companheira, costumava dizer que a vida é marcada por perdas e que é preciso saber perder. Se ela estiver mesmo certa, sinto-me um perdedor indignado.

Se Alda fosse um filme, poderia ser um drama, comédia ou filme de aventura. Ou talvez combinasse os três gêneros, com roteiro de Quentin Tarantino. Mas de uma coisa não tenho dúvida: seria um sucesso de bilheteria.

Carlos Borges, chefe dela na Rádio MEC, diz que Alda foi um cometa que passou pela Terra, Luciano Klockner a compara com o super-herói Batman, defensora dos oprimidos, Alexandre Medeiros, colega de IACS, a via como espletada; a vizinha Áurea realça seu alto astral e Maria Lúcia afirma que ela oscilava entre a alegria de viver e a indignação com as injustiças, sobretudo com os animais de rua.

Todas as definições fazem sentido quando se fala desta mulher multifacetária, mas eu, reles peregrino, prefiro acreditar que minha princesa abdicou da nobreza para se eternizar como estrela e brilhar para sempre no céu de todos nós.

*Todas as definições fazem sentido quando se fala desta mulher multifacetária, mas eu, reles peregrino, prefiro acreditar que minha princesa abdicou da nobreza para se eternizar como estrela*

Em janeiro de 2024 minha namorada completaria 50 anos de Pindorama. Eu planejava uma big festa para amigos numa adega portuguesa no Largo do Machado, o mesmo

lugar onde comemoramos os 40 anos de Brasil. Não deu tempo. O poema do grupo português Madredeus fala por mim.

*Coisas pequenas são coisas pequenas  
São tudo o que eu te quero dar  
E essas palavras são coisas pequenas  
Que dizem que eu quero te amar  
Amar, amar, amar só vale a pena se tu quiseres confirmar  
Que um grande amor não é coisa pequena  
Que nada é maior que amar  
E a hora que se espreita é só tua  
De certo não será a que resta  
A hora que esperei a vida toda  
É esta, é esta.*

A ideia deste e-book partiu de comentários de amigos no *facebook* sobre os textos que publiquei em homenagem à Alda nos últimos meses. Alguém sugeriu que aquilo merecia um livro. Pensei, pensei e resolvi aceitar o desafio. Mas decidi convidar outras pessoas para dividir comigo a homenagem. Professores dela na UFF, colegas de turma e do trabalho, alunos, amigos e vizinhos, além dos filhos André, Mariana e João Marcelo e do enteado Pedro. Mais de 40 pessoas fazem parte desta homenagem digital. O desenho da capa é de Samantha Azambuja de Abreu, artista plástica e minha sobrinha e o projeto gráfico e a diagramação, de nossa amiga (e designer) Lena Benz.

Curiosamente poucos não atenderam o convite, a maioria por motivo de saúde, prova de que minha galega era muito querida. São mais de 50 textos. Só não convidei uma pessoa para escrever sobre ela. Desde abril estou de mal com Ele. Deus roubou minha gueixa

**João Batista**

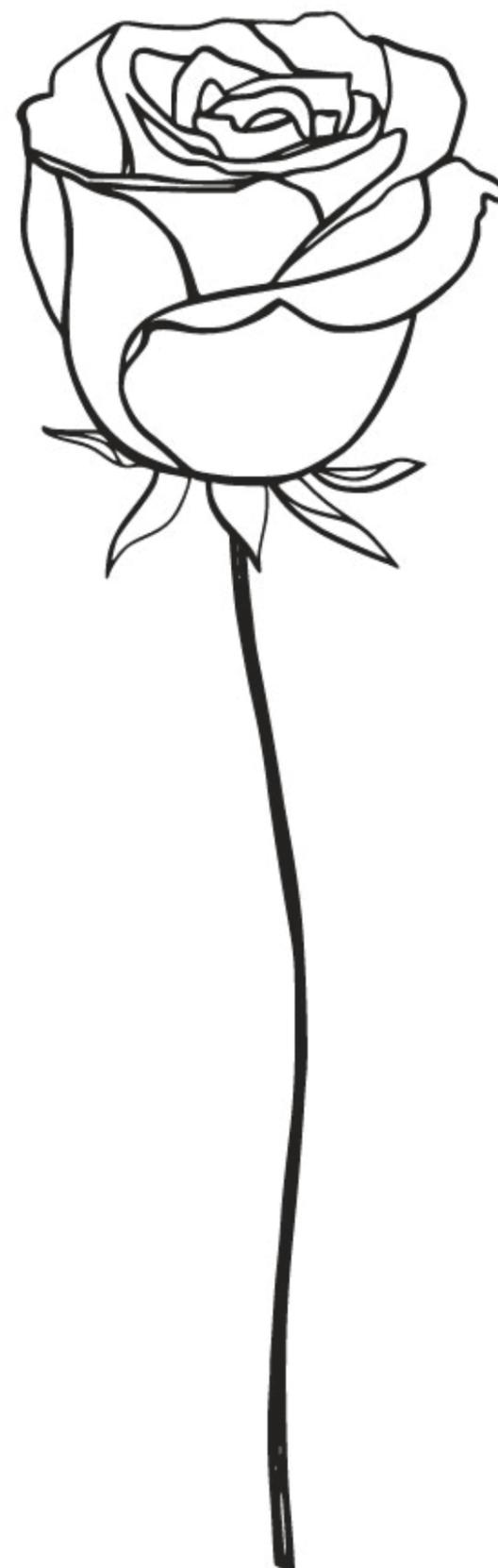
*jornalista, professor e peregrino*

**Amor**

**Liberdade**

**Dedicação**

**Afeto**



*Licença poética*

*Quando nasci um anjo esbelto,  
desses que tocam trombeta, anunciou:  
vai carregar bandeira.*

*Cargo muito pesado pra mulher,  
esta espécie ainda envergonhada.  
Aceito os subterfúgios que me cabem,  
sem precisar mentir.*

*Não sou feia que não possa casar,  
acho o Rio de Janeiro uma beleza e  
ora sim, ora não, creio em parto sem dor.*

*Mas o que sinto escrevo. Cumpro a sina.  
Inauguro linhagens, fundo reinos —  
dor não é amargura.*

*Minha tristeza não tem pedigree,  
já a minha vontade de alegria,  
sua raiz vai ao meu mil avô.*

*Vai ser coxo na vida é maldição pra  
homem.*

*Mulher é desdobrável. Eu sou.*

*Adélia Prado*



## **Alda, último evento**

Pedi licença a Deus e ele me devolveu a Alda por algumas horas. Foi ontem à noite durante o evento sobre os 100 anos da Rádio MEC, onde ela adorava trabalhar. Pela qualidade do trabalho e dos amigos que fez na redação, na técnica e na cantina.

Saltamos na Avenida Chile e caminhamos até o Teatro Nelson Rodrigues (ex-BNH), na avenida República do Paraguai. O centro do Rio é o único lugar no mundo em que o Paraguai fica acima do Chile.

Revimos os colegas, amigos e alguns ex-alunos. Como o teatro estava lotado, Alda sentou-se no meu colo. Leve que só ela. Pela primeira vez na história desse país ela não saiu do auditório para fumar durante os discursos. Aguentou firme até o final.

Na hora da exibição do documentário sobre o centenário da primeira emissora oficial de rádio do Brasil - dirigido por Beth Formaggini, com edição de Gustavo Cascon - , Alda se emocionou em dois momentos. No depoimento do produtor musical Sérgio Túlio, seu amigo de adolescência em Icaraí, e principalmente com as imagens de abandono do estúdio sinfônico e das instalações do antigo prédio na Praça da República. prova do descaso das autoridades com a comunicação pública e com a história da comunicação no Brasil.

Mas, cá entre nós, esperar o que de gente como Temer e Bolsonaro? Ela cochichou no meu ouvido: “Não sei como não puseram fogo em tudo para acabar de vez com o nosso patrimônio”.

Nas entrevistas, Alda sentiu falta do depoimento da amiga Beatriz Roquette-Pinto, a mobilizada Dona Milu, mas talvez a idade avançada e a saúde precária tenham feito os produtores desistirem.

No final, diante dos aplausos da plateia, não escapei da bronca: “Você bem que podia ter feito a barba antes da entrevista, né o mané”.

Na saída do teatro Deus estava lá para buscar de volta minha namorada charmosa. Nunca pensei que um dia fosse viver um triângulo amoroso desse jeito.





## Rosas tagarelas

Discordo, mestre Cartola. As rosas falam sim. Pelo menos algumas delas; outras até podem roubar o perfume da gente, mas é por um bom motivo. Fazem assim para enfeitar a casa por alguns dias. Se regadas com carinho, o perfume dura mais tempo. São como o amor da gente. Precisam ser regadas e devolvem o cuidado exalando perfume

Hoje de manhã, quando passava pelo quiosque de volta da feira, uma rosa vermelha levantou o caule e sussurrou: “Me leva pra sua casa, me leva”.

Ninguém mais ouviu. Só eu e talvez o Cartola. Não sei se foi um pedido da minha namorada ou da imagem de Sato Antônio, que dorme na cabeceira dela. Que ninguém ponha maldade e imagine uma relação a três, mas o fato é que o santo incólume está lá há mais de 30 anos.

Toda semana Alda encomendava uma rosa da feira para enfeitar o português. Sempre duvidei de seus milagres e dizia pra ela: “Você reza tanto pra conseguir um bom casamento e nunca conseguiu”.

Praga de santo ou não, o fato é que hoje ele virou meu único companheiro. Pelo menos não ronca como os gatos. Merece uma rosa. A de hoje é vermelha, mas bem poderia ser branca ou, amarela. Tanto faz, o santo nunca reclamou.

Não adianta voltar ao jardim. Fica a certeza de que o comprador da rosa vermelha vai chorar, porque - como diz Cartola - minha namorada não vai voltar para mim. O coração bate sem esperança.



## Duas roqueiras de resposta

Quem pensa que Rita Lee se despediu hoje da Terra não passa de um tolo. Gente como ela fica por aqui para sempre, seja na letra de suas músicas, no jeito irreverente de ser, no cuidado de ironizar a caretice predominante. Rita é eterna e LEEVRE para influenciar novas ideias e comportamentos. Louca? Mais louca é quem me diz e não é feliz, disseram Arnado Batista e Rita Lee.

Não foi à toa que Rita e Alda partiram deste mundo num intervalo de menos de um mês, como dois vagalumes. Tinham muita coisa em comum. A moça da Paulicéia Desvairada era de uma família italiana, com um pai norte-americano que idolatrava o general Lee, líder sulista na Guerra de Secessão. Daí o segundo prenome da filha. Já Alda veio de uma família de imigrantes portugueses fugindo da guerra de Moçambique.

As duas adoravam questionar as estruturas vigentes, cada qual a seu modo; uma na música e a outra nas redações e na sala de aula. Rita levantou a blusa e mostrou os seios em um show de Mick Jagger no Maracanã. Alda fazia *topless* nas praias de Icaraí e Itacoatiara, em Niterói, até que o namorado careta restringiu o

ato de rebeldia à praia deserta de Santo Antônio, na Ilha Grande.

Rita e Alda escolheram dois cariocas para dividir o travesseiro; o músico Roberto de Carvalho, guitarrista nascido no Meier, e um jornalista desafinado de Laranjeiras, mas que gosta de música. O *rock* era um ponto de união entre as duas, apesar dos 11 anos de diferença.

Quando Rita Lee produzia e apresentava um programa na Rádio Cidade no domingo à noite, no final dos anos 1980, a então jovem radialista Alda não perdia um sequer como ouvinte. Pena que durou pouco.

Rita teve três filhos e dois netos. Alda, três filhos. Quando os netos chegarem um dia, ela vai olhar lá de cima e dizer: “Alô, alô marciano, isso é hora de chegar?”

As duas adoravam bichos, as duas eram capricornianas e tinham dificuldade para comemorar aniversário. Alda nasceu em 30 de dezembro e Rita, no dia seguinte. As duas fazem falta; são eternas no coração de quem as ama. Alda partiu primeiro para preparar um baseado para as duas lá no céu. Por aqui ficam as manias de vocês.



## Alda e o Dia dos Namorados

Acordei hoje pensando em que presente daria a minha namorada. Precisa ser algo diferente e surpreendente, que marque a data para sempre. Flores? Até poderia ser, mas tenho que sair cedo de casa porque senão acaba o estoque de rosas do quiosque ao lado do viaduto.

Uma vez, no Dia dos Namorados que caiu num domingo, demorei a descer e, quando cheguei, só havia cravos. Comprei mesmo assim. Pra quê? Passei décadas sofrendo *bullying* todo ano pela escolha inadequada. Ganhei um trauma que nenhum psicanalista freudiano seria capaz de resolver. Flores, não.

Pensei em comprar a nova antologia da Rita Lee, que minha namorada adorava pela música, estilo e rebeldia típicos do *rock in roll* dos anos 70, mas cada vez temos menos livrarias aqui em Laranjeiras. E essa história de encomendar pelo correio demora demais. Isso além do frete, que costuma custar mais caro que o livro.

Um almoço num restaurante português? Só se fosse junto com o produto do namoro, ou seja, os três filhos, mas dois deles estão trabalhando e outro está na Região dos Lagos justamente com quem? Com a namorada.

Passei um tempo matutando até enfim decidir. Resolvi comprar uma passagem pra Moçambique, o sonho de consumo dela. Quando adolescente, minha namorada morou lá e nunca mais voltou. Maputo ainda se chamava Lourenço Marques, com praias lindas e tubarões à volta.

Fiz melhor. Aluguei uma caravela e a despachei com passaporte da Comunidade Européia, para o caso de os ventos mudarem de direção. Como diz um certo Pessoa, navegar é preciso, viver não é preciso. Um dia embarco para encontrar com ela. Se Deus quiser. .



## Alda, três meses

Hoje faz três meses que Alda virou uma estrela. Uma imensa sensação de vazio se instalou em todos os cantos da casa. Mas por ironia ela parece estar presente em todos os lugares, pensamentos, tarefas e costumes do cotidiano, além dos afazeres para cuidar dos seis gatos órfãos, desde o café da manhã à hora de deitar.

Para contornar a ausência, tornei-me um espectador assíduo da reprise da novela “Mulheres de Areia” (1993), de Ivani Ribeiro, em que Glória Pires novinha interpreta o papel de duas gêmeas; uma boazinha e ingênua- Ruth - e outra má e esperta, Raquel. O sorriso delas é contagiante, porque mistura inocência e sensualidade.

Se houvesse espaço para trigêmeas, esta bem poderia ser a Alda, tal a semelhança entre as duas quando jovens. A diferença de idade é de apenas dois anos. No início dos anos 1980 o cartunista Ziraldo frequentava a livraria Pasárgada, em Icaraí, onde Alda trabalhava. Ele só a chamava carinhosamente de Glorinha.



Em outra ocasião, passeando com a mãe em Salvador, Alda foi confundida com a atriz por um fã insistente, que só sossegou depois que recebeu um autógrafo da sócia. Algo parecido aconteceu conosco numa viagem a Ouro Preto também na década de 80, quando éramos namorados.

Se tivesse que comparar, diria que Alda tinha 80% de Ruth e uns 20% de Raquel. E nada, absolutamente nada da personagem Irene, a mulher arrivista esposa do fazendeiro de “Terra e Paixão”. E que nos últimos tempos Glória e Alda ficaram diferentes.

Ver todos os dias na TV uma atriz que lembra a minha estrela caseira remete a um filme que vimos juntos em videocassete. “Em algum lugar do passado”, de Jeannot Szwarc (1980), conta a história de um homem (Christopher Reeve) do século XX que se apaixona perdidamente por uma mulher do século XIX e consegue voltar no tempo para rever a amada, correndo o risco de não mais voltar ao tempo atual.

A trilha sonora de John Barry é tão linda que nos faz sonhar. Às vezes tenho vontade de viajar no tempo como o personagem do filme.

## *Alda por...*

Dezenas de pessoas entre família, amigos e colegas de trabalho de Alda escreveram textos contando um pouco de suas vivências com ela.

No primeiro bloco estão os textos de familiares e agregados.



### **Minha mãe se chama Alda**

Alba? Alta? Como é? Alda!

E logo vinha a explicação de que ela era portuguesa e por isso o nome diferente. Sempre gostei de falar que eu era filha de portuguesa. E que a torta de bacalhau da minha mãe era a melhor que existia. Minha mãe era a portuguesa mais brasileira, não tinha sotaque, era friorenta, amava o calor do Rio de Janeiro, as praias, preferia praias mais afastadas como as de Ilha Grande ou Búzios, em que já fomos diversas vezes.

Ela não se importava com julgamentos alheios. Fazia o que lhe dava na cabeça, numa espontaneidade que encantava e divertia quem a conhecia. Gostava de conversar por onde passava (acho que puxei um pouco isso dela). Conversava com todos, desde os funcionários do bairro das Laranjeiras até as pessoas em situação de rua. Ela ensinou os filhos a tratar a todos igualmente e com respeito. Ensinou a se preocupar com o próximo, fossem pessoas, animais ou plantas.

Minha mãe cuidava de todos. Ensinou-nos a não abaixar a cabeça em situações de injustiça e não se calar nunca. Com ela aprendemos a nos posicionar e defender o que acreditamos. Foi ela que tomou a decisão mais importante da minha vida, que foi estudar no colégio Pedro II.



Precisei voltar um ano e fui estudar à noite aos 16 anos, o que gerou dúvidas sobre essa decisão, até que ela passou por cima das dúvidas, me matriculou e fomos comprar o uniforme, numa impulsividade tão firme que me encheu de coragem. Ela adorava falar que a filha dela era aluna do Pedro II, mesmo que essa escolha tenha feito não assistirmos às novelas juntas por três anos, paixão que dividíamos desde que eu era muito pequena.

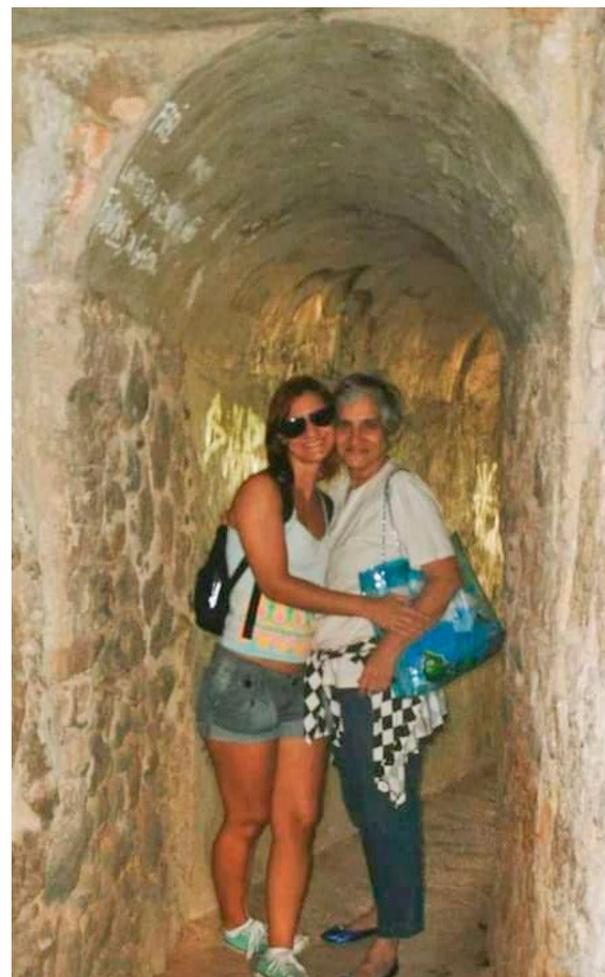
Teve época que sentávamos às 17h30min para ver *Malhação* e víamos todas as novelas em seguida. Ela sempre perspicaz com o que ia acontecer na trama. Aprendi muito com ela a analisar os personagens, sempre conversávamos sobre as novelas a que estávamos assistindo (até o último dia dela na Terra) e tínhamos a tradição de assistir ao último capítulo juntas, sempre muito emocionadas.

Ela sempre foi uma mãe aberta a conversar. Nunca precisei esconder algo dela, sempre me acobertou contra o machismo de uma família prioritariamente masculina e defendia minhas minissaias. Ensinou-me a ser feminista, me incentivou a tirar o título de eleitor com 16 anos e votávamos no mesmo lugar. Virou mais uma tradição nossa ir votar juntas. Sempre cheia de adesivos e com nossas blusas da Mafalda.

Minha mãe adorava o Natal, amava montar a árvore e o presépio. Passava um mês combinando o dia que ela montaria para ajudarmos. O dia da véspera de Natal era um evento. Eu já era acordada cedo para ajudá-la com a ceia. O grande dia da torta de bacalhau e foi assim até nosso último Natal.

Gostava da Páscoa também, que era o dia da bacalhoadada (a melhor que já comi também). Compartilhava comigo o amor pelo chocolate e vivia contando do deus do chocolate. Minha mãe adorava viajar e conhecer diversas culturas. Voltava de viagem mostrando as fotos e contando histórias. Era uma ótima contadora de histórias.

Sempre companheira, passeávamos muito sóa nós duas. Íamos muito à Rua da Alfandega, no Centro, e a *shoppings*. Aos 10 anos levou-me no show dos Backstreet Boys no Maracanã. Ela não gostava, mas sabia que era importante para mim.



Mas compartilhávamos alguns gostos musicais como Ana Carolina, Cássia Eller e nosso especial do Roberto Carlos que víamos juntas. Nos últimos anos ela começou a gostar de Marília Mendonça e Luan Santana. Assistimos às duas *lives* juntas na pandemia e ela sabia tantas músicas quanto eu.

Com o tempo fomos ficando ainda mais amigas. Passeávamos no Largo do Machado e almoçávamos no árabe. Mesmo eu não morando mais com ela nos falávamos todos os dias, às vezes nos esbarrávamos pelos mercados das redondezas e compartilhávamos promoções e receitas. Se não nos encontrássemos a gente se ligava.

Nunca fiquei mais do que dois dias sem falar com ela. Às vezes ela aparecia na minha casa sem avisar, como fez na sua última manhã consciente na Terra. Sentamos no sofá e conversamos. Ela estava alegre e serelepe, como de costume. Brincou com Lindinha, que ela chamava de netinha gata,

e disse que a colocaria na linha no mês seguinte, quando eu viajaria pra Bahia. Lindinha continua fora da linha.

---

por Mariana de Almeida  
Psióloga e filha

## Legado de mãe

**Verão de 2004.** Era noite de janeiro. Eu, então com dez anos de idade, estava em Paquetá com minha mãe para passar aquela semana quente. Foi nossa única viagem juntos. Só nós dois – pelo menos assim me lembro. Minha avó paterna levava meus irmãos para a cidade de Ubá, em Minas Gerais, para passar um tempo com nossa tia-avó e os primos. Meu pai havia ficado em casa, com o gato Bolinha, para realizar ajustes finais na tese de doutorado (algo assim, não me lembro bem).



Eu e minha mãe estávamos hospedados na pousada que antes fora a colônia de férias da antiga Mesbla, loja de departamentos que faliu nos anos 1990. Mamãe passou a tarde comigo na praia em frente à pousada, enquanto eu brincava com meus bonecos na beira do mar. Naquele dia, minha mãe passou um tempo falando da vida e de sua finitude. Com formação católica, mas com certa inspiração espírita (assim como meu avô paterno), acreditava em reencarnação. Dizia pra



mim que fui uma criança quieta e pouco sorridente até uns quatro anos de idade, especulando que a causa poderia ser um apego à vida anterior. Nos últimos anos, após o infarto na noite de Natal de 2017, minha mãe passou a frequentar de vez em quando centros espíritas no Meier.

Naquela noite em Paquetá, quando mamãe foi me colocar na cama, soltei uma curiosidade:

*– Mãe, você ainda vai ser minha mãe na próxima vida?*

*– Não sei, filho. - disse ela. E completou: “é possível que a gente nem venha a conhecer um ao outro.”*

*Com voz de choro, eu perguntei: “Quando você partir, nunca mais vou te ver?”*

*Sorridente, ela disse: “estaremos sempre juntos. Vou estar no seu coração!”*

Aquela noite me marcou. Passados 20 anos, ainda lembro bem daquele dia. Voltei a lembrar de um jeito ainda mais nítido desde que mamãe partiu em abril. Passei anos sem entender por que mamãe me ensinou sobre a morte tão cedo. Hoje sei que ela estava me protegendo, preparando meu coração de alguma forma. Como um ateu de formação, agnóstico em outros tempos, lida com a perda de alguém tão valioso como você, mãe? Como a maioria das pessoas: com muita dificuldade e repleto de saudade.

O que posso dizer, dona Alda, é que o seu legado é tal como meu amor por você: eterno. Vou levar seus ensinamentos de mãe e professora por toda a minha vida, até o meu último suspiro. Te amo muito e pra sempre!

---

*por André Almeida de Abreu  
Professor de Geografia, doutorando na PUC-RJ e filho*



## Lições de mãe

O que é ser filho de Alda de Almeida? É se enxergar o tempo todo nela. Minha mãe tinha um espírito rebelde, misturado com o coração mais gentil e generoso que pude conhecer na vida. Foi com ela que aprendi a ter empatia pelo próximo, a respeitar e tratar todos com dignidade. Mas também nunca baixar a cabeça quando não se concorda com a situação que aparece. Nos últimos anos de vida de minha avó paterna, cuidou dela como se cuidasse da própria mãe.

Todos os três filhos de Alda tivemos influências individuais com as coisas de que ela gostava. Para mim foi a série “Lord of the Kings”. Ela leu a trilogia quando tinha uns 13 anos e passou-me o amor pela saga. Assistimos à trilogia juntos, depois a do Hobbitt e, por fim, vimos todos os episódios da série recente. Um a um, a cada semana. Era um momento especial pra mim. Estávamos ansiosos pela segunda temporada e agora vai doer muito ver sem ela a meu lado.

*Uma das coisas mais fortes e marcantes de minha mãe era um dom que eu chamava de “toque de São Francisco de Assis. Por onde andava os animaizinhos a cercavam e pediam carinho. Ela sempre atendia. Algo mágico de se ver.*

Hoje nossos seis gatos aqui de casa procuram por ela em todos os cantos cada vez que alguém chega e esperam o momento em que poderão revê-la. Isso dói muito em todos nós.

Outra lição que minha mãe passou foi a de respeitar todas as religiões, todos os santos, entidades, orixás. Mesmo tendo sido criada como católica, ela não se prendia a uma só religião. Frequentemente ia a lugares diferentes, de religiões diferentes, para pedir proteção e auxílio aos seres de luz

Minha mãe sempre foi assim, mente aberta a novas experiências, novas histórias. Ela era nosso pilar de sustentação. Sempre estava lá quando precisamos. Guardo todos esses momentos e ensinamentos no fundo do meu coração, e sinto que ela permanece conosco, pois nunca conseguia ficar longe da família.

Sei que ela está no lugar lindo de que sempre falava, onde não há dor, nem sofrimento. De lá ela mantém firme a nossa família.

por João Marcelo, filho

## “Boadrasta”

A melhor madrasta que eu poderia ter estava na minha vida desde os meus quatro anos. Como disse minha irmã, sua filha mais velha, eu a conhecia há mais tempo que ela. Nessas horas, as pessoas se lembram dos filhos de quem se foi, mas nem sempre dos enteados. O laço de sangue nunca fez falta no nosso caso, com a relação tão boa que a gente sempre teve.

Quando criança, confrontado pelo clichê dos contos de fada, eu dizia que não tinha madrasta, mas “boadrasta”. De tanto que eu, ainda filho único, pedia por um irmãozinho, ela me deu logo três. O vazio que a Alda deixou nas nossas vidas não tem como ser preenchido: apenas será amenizado pelo tempo, pelas lembranças e pelo amor que, seguindo seu exemplo, vamos seguir cultivando em nossa família.

por Pedro Aguiar





### **“Donalda”**

Donalda me adotou como uma sobrinha postiça em 2005. Naquela época, ela disse à minha mãe: “Enquanto você estiver fora, Elluar está sob minha proteção como se fosse minha filha. Você pode ficar tranquila.” Essas palavras não apenas foram mantidas fielmente, mas também fizeram com que eu me sentisse amada e acolhida por uma segunda família - uma família que eu nunca tive e que ganhei na praia do Leme em novembro de 2005.

Desde aquele brinde com limonada e um pouco de mate em copos de plástico, foram anos ouvindo seus melhores conselhos amorosos, as dicas de jornalismo, os comentários sobre novelas da Globo e muitas risadas das críticas aprofundadas sobre erros cometidos por repórteres recém-formados. Donalda era a minha programação fixa de todos os domingos e Natais. Em Laranjeiras, me graduei como ajudante de cozinha e fiz um MBA em disputas por batata frita com João Marcelo, que sempre terminavam com ela nos chamando de chatos. A semana voava enquanto eu esperava ansiosamente pelo almoço seguinte, na esperança do cardápio ser o lendário arroz de forno ou a torta de bacalhau que sempre levava para a briga pelo último pedaço.

A partida de Donalda me deixou com a música de Oswaldo Montenegro na cabeça: “Faça uma lista de grandes amigos.” Ela partiu deixando uma lista extensa de pessoas que sentem saudade, desde amigos até os gatos da vizinhança. Minha maior dor é perceber que me afastei e não aproveitei os últimos cinco anos daquele sotaque que às vezes era um pouco português e às vezes um pouco baiano.

Deixo aqui a minha memória mais calorosa da minha tia quase como uma mãe postiça. A despedida deixou um peso no coração, mas não sem a pitada de humor que ela sempre carregava, com toda a sua ironia que sempre arrancava as minhas melhores gargalhadas.

---

Descanse em paz, Donalda!

---

*por Elluar Vidal*



### **Carta de apresentação para o Céu**

Há cerca de 70 anos, lá em Diamante – distrito de Ubá – meu avô Daniel surgiu com uma flâmula bicolor, verde e vermelha com um escudo central. Perguntei de que time de futebol era e ele respondeu que se tratava da bandeira nacional de Portugal. Quis saber o motivo de tê-la guardado e ele explicou que era de seu pai, José Calçado, português da aldeia de Fornos do Pinhal, em Trás-os-Montes, que emigrou para o Brasil no início do século XX e veio trabalhar como ferroviário.

Meu avô estimulou minha curiosidade sobre Portugal contando histórias, costumes e afins. Talvez tenha sido a motivação para fazer amizade com vários colegas portugueses no ginásio e na faculdade.

Tempos mais tarde meu irmão mais novo namorou e casou com uma portuguesa, Alda Maria de Jesus de Almeida, estudante de Jornalismo na UFF. Muito simpática, agradável com o seu diálogo, aumentou muito meu conhecimento sobre sua terra. Tornou-se uma nora prestativa que muito colaborou com minha mãe, conquistada por ela. É que meus pais só tiveram filhos homens.

Do casamento de João e Alda surgiram três filhos que muito alegraram a família. Pena que meu avô que já tenha falecido, pois certamente estes bisnetos luso-brasileiros muito o alegrariam. Queridos pais e avós, essa é a minha carta de apresentação que lhes faço para recebê-la aí no céu.

---

*por Daniel de Abreu,  
médico e cunhado*

## Minha melhor patroa

É uma honra escrever sobre a Alda. Mais do que patroa, foi minha amiga, sempre pronta a atender o que a gente pedisse. Achava lindo o carinho que ela tinha com os gatos. Lembro de uma gatinha que ela mandou castrar e a cirurgia não foi bem sucedida.

Alda não sossegou até conseguir operá-la novamente. Não posso esquecer as festas de Natal na casa da Dona Aparecida, em que a nora se lembrava de todos os detalhes. Sinto muita saudade e só tenho lembranças boas. O cuidado com a sogra era tão grande que quando fui trabalhar lá, pensei que ela era a filha da Dona Aparecida. As duas se gostavam muito.

Um abraço em todos

*por Edilia Jordão,  
acompanhante de Dona Aparecida*



## Um privilégio falar de Alda

Não sei falar palavras lindas Mas vou falar o que Alda foi pra nós Eu e Maria Edilia .uma amiga especial em todos os sentidos. Muito boa pra nós. Falar de Alda pra mim é uma dádiva Muito alegre, não tinha hora nenhuma que chegasse à casa de sua sogra, nossa patroa, Dona Aparecida que estivesse de mau humor. Estava sempre alegre

Ela não tratava a gente como empregada. Tratava como amiga. Muito carismática. Mãe muito dedicada aos filhos e ao esposo Toda tarde ela passava lá no apartamento para levar pão fresquinho pra gente E ia à rua tratar dos gatinhos de quem tanto gostava Todos os dias. Também queria saber como a sogra tinha passado à noite.

Quando viajava trazia pra gente uma lembrancinha, mas nem precisava. porque eu gostava dela de graça. .Falar de Alda pra mim é um privilégio muito grande.

Nunca me ofendeu em nada . Sempre feliz com a vida, bem humorada e sempre com um sorriso no rosto. Foi morar com papai do céu. Sinto muita saudade dela. Nunca atrasou nosso pagamento do mês.

Alda fez parte da minha vida. Trabalhei com a sogra dela cinco anos. Esse emprego pra mim foi uns dos melhores da minha vida. Ser tratada com uma pessoa tão boa como Alda sabia tratar a gente. Era aquela pessoa que, por onde passava, deixava sua existência. Sem palavras pra falar da minha amiga de todas as horas. De lá onde estiver receba nosso abraço. Tenho certeza que ela está em um lugar muito lindo. 🥹

*por Maria José Cândido,  
acompanhante de Dona Aparecida*

# *Alda por...*

Professores e colegas do IACS



*Alda, ao centro, embaixo, com as amigas da turma do IACS*

## ***É cor de rosa choque***

*Nas duas faces de Eva  
A bela e a fera  
Um certo sorriso  
De quem nada quer  
Sexo frágil  
Não foge à luta  
E nem só de cama  
Vive a mulher*

## ***Por isso, não provoque***

*É cor de rosa choque  
Não provoque  
É cor de rosa choque  
Mulher é bicho  
esquisito  
Todo o mês sangra  
Um sexto sentido  
Maior que a razão*

## ***Gata borracheira***

*Você é princesa  
Dondoca é uma  
espécie  
Em extinção  
Por isso, não provoque  
É cor de rosa choque  
Oh oh oh ooh  
Não provoque  
É cor de rosa choque*

*Rita Lee*





## Galhofeira

Conheci Alda quando era professor no IACS e ela se formava em Jornalismo. A lembrança é de uma jovem bonita, alegre, muito comunicativa e sempre pronta a sorrir, graciosa ou zombeteira. Por isso, no dia de sua homenagem a chamei de galhofeira, atenta a contrastes, paradoxos e imperfeições humanas das quais nos basta rir.

Mas, como depois descobri com surpresa, ouvindo os relatos de seu esposo e de amigos de sua convivência, que Alda possuía outras facetas tão marcantes quanto a da galhofa. Em contraste, Alda se indignava com firmeza diante de injustiças, assim como era ferrenha na defesa do que achava verdadeiro e correto.

Isso poderia fazê-la – como acontece muito conosco – apenas amarga e sisuda, mas Alda tinha justamente aquele seu recurso da ironia, da gozação e do humor para não sucumbir na tristeza de um mundo frequentemente assustador.

---

*por Antônio Serra,  
Professor de Filosofia da Comunicação da UFF*



## Alfacinha Brincalhona

Que anos seriam, a informação se perde na memória, mas de Alda guardo bem as primeiras lembranças. Aluna, na UFF, portuguesa embora sem sotaque, motivou-me o comentário afetivo “cachopa!”. “Não”, respondeu, brincalhona: “Alfacinha!” Trocando em miúdos, não era mocinha do interior de Portugal, e sim de Lisboa.

Era um tempo de descoberta de saberes e pessoas. Eu tinha sido um dos fundadores do IACS e me interessava particularmente em conhecer as motivações de quem buscava o curso de comunicação. Alda parecia ter o jornalismo na cabeça e uma certa inquietação à flor da pele. Lembro-me que sumia e reaparecia, mas sempre sociável e sorridente, com seu cabelo cortado à Príncipe Danilo.

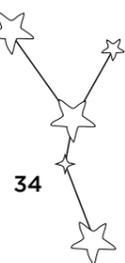
Durante muito tempo, não a vi mais no velho prédio da Rua Lara Vilela. E um dia, não mais que de repente, soube de seu casamento com o João Batista, também seu professor. Muito bem, eu me disse, o IACS é santo casamento, eu poderia fazer uma longa crônica das uniões que vi nascerem e se desfazerem em meus anos de permanência naquele Instituto.

Alda e João ficaram firmes, fizeram família. Uma boa vida se perfez.

A partida de Alda é o começo da memória forte de sua presença entre todos nós.

---

*por Muniz Sodré,  
Professor de Técnica de Redação da UFF*





## Fé na Utopia

O que dizer de Alda, a estudante de cabelos pretos, bem curtinhos, alegre, sorriso contagiante, inteligente, responsável, solidária e combativa. Tinha também a capacidade de se indignar com as mazelas da desigualdade social, intolerância, a discriminação de qualquer tipo e o abandono de bichos, sobretudo de gatos. Sim, os gatos eram uma de suas paixões.

Convivi pouco com Alda fora do ambiente universitário. Foi no Instituto de Arte e Comunicação Social – o nosso IACS, da UFF, a Universidade Federal Fluminense, em Niterói. Alda era aluna e eu, professora de Radiojornalismo. Alda sobressaia com suas observações e seu senso crítico aguçado. Fosse durante as aulas ou nos intervalos, no pátio do velho casarão da rua Lara Vilela, onde alunos e professores batiam longos papos, trocavam ideias, vislumbravam um futuro sem opressão – vivíamos nos anos de chumbo –, com liberdade, em que só seria proibido proibir, como cantava Caetano Veloso.

Alda formou-se em Comunicação, foi à luta, exerceu com ética e responsabilidade a instigante profissão de jornalista, e abraçou o magistério. Os colegas e ex-alunos não economizam elogios ao falarem dessa faceta: Alda: nasceu para também ser professora.

O tempo passou, mas não para Alda. Foram poucas as vezes em que a reencontrei. A última foi no 50º aniversário do IACS. Sentada do lado esquerdo, nos fundos do auditório, falava com entusiasmo sobre o IACS, no qual passou parte da sua juventude. Nas suas lembranças estavam colegas, professores, funcionários e até o alegre pipoqueiro Tião.

Nem mesmo os cabelos de Alda, então brancos, ainda curtinhos, a transformaram numa “senhora”. Estava ali a mesma jovem que um dia estudou no IACS, em que professores e estudantes compartilharam aflições, sonhos e acreditaram na utopia.

Houve o dia em que eu soube que Alda encontrara a paixão de sua vida, João Batista, com quem construiu uma bela história de amor, eternizada no amor de seus três filhos, Mariana, André e João. Marcelo, e Pedro, o enteado também fazem parte dessa história e ocupam um lugar cativo no coração dela. Quis a vida que eu só os conhecesse num dia triste, muito triste, em que a família, amigas e amigos tiveram de se despedir.

Foi no dia em que um anjo a levou. Fez de Alda uma estrela da constelação de seres humanos que foram imprescindíveis. De lá, ela brilha um brilho intenso que não se apaga, como não se apagam as lembranças que dela permanecem nos corações e nas mentes de quem com ela conviveu.

Alda é eterna, porque acreditou no amor...

---

*por EriKa Werneck,  
Jornalista e professora do IACS/UFF*



## Joana D'arc Lusitana

Não me lembro exatamente se fui professor de Alda. O que não me impede de ter uma vívida memória de sua presença no IACS, talvez única e exclusivamente como aluna de Jornalismo.

Alegre e animada, Alda tinha um humor característico, com fina provocação e ironia. Quando nos encontrávamos, tinha sempre uma saudação especial para mim. Raras vezes a encontrei fora do ambiente de trabalho.

Uma curiosidade é que, como ex-aluno dos anos 1970, marcado pelos dissabores da ditadura, me espantei muito quando soube que ela namorava abertamente o professor João Batista, o que me lembrava os rigores do decreto-lei nº 477, de 26 de fevereiro de 1969, chamado de “AI-5 das universidades”.

Por ele, pensava eu, estava totalmente interdita a relação íntima entre professores e estudantes. O que na época era um choque foi depois sendo atenuado pela verificação de que as leis duras tinham sido abrandadas... e ultrapassadas pela lenta chegada da democracia. A dupla Alda/João era a consolidação da certeza de novos tempos.

A portuguesa falante e divertida, ágil e despachada, virou pra mim também um símbolo de resistência e de determinação, algo assim como uma espécie de Joana Darc lusitana e imigrante que perdeu por pouco a Revolução dos Cravos para enfrentar e vencer a ditadura brasileira.

---

*por Tunico Amâncio,  
Professor de Argumento e Roteiro do curso de Cinema da UFF*



## Almas e Aldas

Conheci Alda quando o Brasil dava seus incipientes primeiros passos para voltar a ter uma vida democrática e depois de décadas de ditadura militar. Era o ano de 1983 e na antiga capital do Estado do Rio, agora fundido com a Guanabara, experimentávamos tudo o que havia de bom na vida universitária. No ar a promessa de uma abertura “segura, lenta e gradual”, mas qual o quê? Queríamos “anistia ampla, geral e irrestrita”. Queríamos tudo, mesmo com a pandemia da AIDS e a recessão econômica. Queríamos o mundo inteiro.

Tudo isso foi vivido no casarão rosa da rua Lara Vilela, no bairro do Ingá, onde funcionou até muito recentemente o IACS, nosso Instituto de Arte e Comunicação Social da Universidade Federal Fluminense. No meio de uma miríade de gente de todo tipo, uma em particular chamava a atenção. Falava um português sem sotaque, mas que tinha um quê de não sei lá o quê. Enfim, parecia diferente para mim, um jovem onde o mundo era bem pequeno e se expandia pouco além de São Gonçalo, populosa cidade dormitório onde morava.

Era a Alda. Portuguesa que viveu em Moçambique e deixou Lourenço Marques em 1974, quatro meses antes da Revolução dos Cravos, aquela derubou a ditadura salazarista. De uma ditadura para outra, Alda circulava por esses dois mundos, sempre pertencendo ao lugar onde se encontrava no momento, como se qualquer diáspora funcionasse mais como atração do que distanciamento.

Nesse ambiente, Alda se encantou por um professor simpático, de fala mansa e carinhosa, que tempos depois se tornaria parceiro de vida e pai de seus filhos. O professor Joao Batista de Abreu foi meu orientador da pesquisa que fiz ao concluir a graduação em Jornalismo antes de se casar com a Alda. Por isso sou testemunha da discreta aproximação entre os dois.

Formei-me, eles se casaram, tiveram filhos, me distanciei morando em outros lugares, frequentando paragens que não coincidiriam com o apartamento das Laranjeiras onde moravam. Mas sempre tive enorme carinho pelos dois. Longe fisicamente, mas com proximidade de almas.

Almas e Aldas, algumas semanas atrás soube da morte dela pelo amigo João Batista.

Quando a gente fica velho sempre acha que todo mundo vai cedo, mas a Alda realmente foi. Foi cheia de vida, sempre na batalha por um mundo mais justo, mesmo que a suas armas fossem feitas de argumentações e palavras.

Guardo as mais belas lembranças da Alda e guardo-a como a eterna companheira de um amigo, ex-professor, colega de profissão no jornalismo e na docência. Que a sua lembrança nos inspire a seguir adiante até que um dia todos nós nos encontremos de novo, como fazíamos nos bancos do casarão rosa do IACS durante os melhores anos de nossas vidas.

---

*por Caíque Novis,  
Jornalista e professor de Telejornalismo da Universidade de Brasília*



## Pelada na Festa de Calouros



1979. Início de uma nova fase. Instituto de Arte e Comunicação Social da UFF, o IACS. Tinha cursado um semestre apenas, mas logo me enturmei com os mais antigos e estava ajudando a recepcionar os novos calouros, os do segundo semestre. A ideia: uma choppelada, mas uma choppelada diferente.

Times exclusivamente femininos e distribuição de chope pra galera: jogadoras na concentração e público. Todo mundo se animou e os times começaram a ser formados. Apareceram quatro equipes dispostas a competir. Não me lembro quem sugeriu o nome do nosso, mas foi rápido. Já tinha futebol e mulheres, assim surgiu o “E as Biritas?”

Só tínhamos um problema: faltava uma goleira. Missão difícil, que foi logo abraçada com entusiasmo por uma novata. Seu nome: Alda. E agarrou bem, tanto que fomos vice-campeãs perdendo apenas para o “Sonhos Eróticos do Coutinho”, que jogava pesado.

Alda era assim. Quando se animava com uma coisa, abraçava de coração e fazia bem o que se dispunha a fazer. Na choppelada do segundo semestre de 1979 só faltou mesmo o chope. Não tínhamos dinheiro suficiente para bancar o barril e tivemos que nos contentar com vinho. Garrafões de vinho...



A marca era Sangue de Boi, que manchava tudo em que encostava, especialmente nossos dentes. E na concentração, entre uns goles e outros, ainda enfrentávamos as “ameaças” do massagista voluntário, Lauro Faria, aluno veterano de Cinema: “Aviso logo: se ninguém se machucar no jogo, eu vou machucar uma de vocês porque quero fazer massagem. Estou aqui pra isso”, dizia às gargalhadas.

A concentração era na cantina do IACS, ao lado da quadra. O espaço ficou fechado por anos pela administração e não tínhamos onde comer. Arrebentamos o cadeado, limpamos toda a área e passamos a vender ali sanduíches a preço de custo para os alunos e alguns doces e chicletes até que a direção fechou de novo a cantina.

Os anos se passaram e seguimos caminhos diferentes. Alda casou-se com o professor João Baptista – lembra, João, quando em uma das suas aulas de Radiojornalismo fizemos uma guerra de bolinhas de papel e você nos passou uma descompostura digna de um professor ranzinza, o que você não era? Hahahahaha.

Depois de trabalhar na tribuna de Niterói e no grupo Fluminense, Alda seguiu carreira no Rio. Também fui trabalhar no Rio, mas nunca tive a sorte de esbarrar com ela em uma redação. Às vezes, nos encontrávamos em eventos festivos. Mas nunca esqueci a nossa goleira de cabelos tão pretos, lisos e curtos que tinha um humor, por vezes, ácido e uma risada muito boa.

Ah, Alda, Lauro Faria também está por aí. Não se esqueça de avisar logo que não precisa de massagens. Fiquem com Deus!

---

*por Solange Duarte,  
Jornalista formada no IACS/UFF*



## Ruínas do Tempo

– Trouxe a cachaça, Giovanni?

As alunas Irany Teresa, Solange Duarte e Alda de Almeida nem me deixaram respirar direito no final da rampa de acesso à sala onde seria realizada a festa dos calouros em 1979, no já velho prédio do IACS, em São Domingos, Niterói.

Abaixei a mochila das costas e tirei o garrafão de cinco litros que trouxera de minha cidade, Nova Friburgo, onde conhecia bem os alambiques.

Causei muitos porres, inclusive próprios, na rua Lara Vilela 126. Assim conheci Alda, aquele espírito alegre que seria companheira de turma – a primeira da chamada – do curso de jornalismo. Ela, extrovertida. Eu, tímido com aquele ar de interior. Tínhamos algo em comum – os fartos cabelos pretos, quase indígenas, e a origem portuguesa. Ela, original da terrinha mesmo, da Lisboa que adoro. Eu, descendente dos Pinto de Faria da Ilha da Madeira.

Alda construía raciocínios profundos e complexos em sala. Certa vez, na aula de Epistemologia, travou um bom duelo de ideias com o professor Neiva. Portuguesa arretada e admirada. Juntos, encenamos em sala uma minipeça escrita pelo amigo Mário Queiroz.

Também me lembro dela trabalhando na livraria Pasárgada, em Niterói. Era muito versátil, agradável, conversadeira. Falava de tudo, opinava até mesmo sobre futebol numa época em que isso era pouco comum entre as mulheres. E jogava bola na quadra. Se não me engano, goleira. Em minhas caminhadas diárias, sempre passo em frente ao velho IACS. Impossível não olhar para aquelas quase ruínas do tempo bom com carinho e saudade. Acho até que consigo ouvir o sotaque lisboeta-alfacinha a sussurrar: - Trouxe a cachaça, Giovanni? Um brinde a você, querida Alda!

---

*por Giovanni Faria,  
Jornalista, “cachacier” e professor de  
Radiojornalismo da PUC*



## Mulher Forte e Apaixonada

Jovem, sorridente, engraçada, inteligente, solidária e graciosa. Assim era Alda quando fomos estudantes do Instituto de Arte e Comunicação Social, o IACS da Universidade Federal Fluminense. Na época, a ditadura nos fazia amadurecer mais rápido. No prédio da rua Lara Vilela, em Niterói, o curso de Comunicação enfrentava as vicissitudes democráticas com uma cumplicidade combativa de professores e estudantes. As reuniões de departamento eram abertas à participação dos alunos. Conquistávamos às ruas para protestar.

Um dia a minha amiga Alda me confidenciou que tinha um novo namorado. Ela ainda não sabia que João Batista seria o seu grande amor – aquele que lhe proporcionaria conhecer a paixão. Eu tive a honra de ver que Mariana, sua primeira filha, instantaneamente a transformou em uma mulher forte e totalmente apaixonada. E essa paixão cresceu ainda mais quando nasceu João Marcelo. E mais ainda com o nascimento de André.

Nossos filhos foram companheiros na infância. Naquele tempo, João e o Moacy Cirne, pai de minhas duas filhas, eram colegas de departamento na UFF. Coincidentemente, Alda e eu casamos com professores do IACS. Na casa da Alda e do João, os jogos de futebol eram vistos em estado de festa. Minhas filhas lá eram recebidas com muito carinho. Isadora, minha menorzinha, e André são camaradas até hoje. Botafoguenses, frequentam juntos estádios de futebol para ver o Foooogo.

Alda jornalista, Alda esposa e Alda mãe, todas elas admiradas por mim, e mais os dois Joãos, o André e a Mariana, durante anos me deram a certeza de que a cumplicidade e o amor que os unia também os blindava. Volta e meia Alda adoecia e como fênix se recompunha. E foi assim até que inacreditavelmente deixou de ser.

Hoje Alda, que foi tão repleta de risadas e gentilezas, e também tão plena de realizações e amores, nos prova que se vive para sempre no coração de quem nos ama.

por Analéa Rego,  
Jornalista formada no IACS/UFF



## Bela Filha de Santo

Quando recebi o convite para escrever sobre a Alda, a primeira sugestão foi um texto sobre a antológica chopelada de 1979, no velho casarão do IACS/UFF. Em plena proibição do futebol feminino no Brasil, dois times de alunas se enfrentaram, desafiando o decreto-lei 3.199, de 1941. Como a norma só foi revogada em 1979, fica a dúvida sobre a influência que elas e a chopelada tiveram na revogação.

Porém, como a memória etílica daquele dia não me permite ir muito longe, vou contar outra história com a Alda. Em 1981, havia uma passadeira – alguém que ia nas casas de família passar as roupas lavadas – que trabalhava na casa de minha mãe e era filha de santo em um terreiro de umbanda pra lá de Madureira.

Haveria uma comemoração no terreiro e, como eu gostava bastante dessas festas de santo, fomos a Alda, outra jovem que trabalhava como empregada doméstica na casa da mamãe e eu. Sábado à noite, saímos de carro os três de Niterói, encaramos a ponte, enfrentamos a Avenida Brasil e entramos pelos subúrbios cariocas, ainda tranquilos sem

as guerras entre traficantes, milicianos e policiais. Enfim chegamos ao terreiro, lugar ermo e escuro.

A festa começou, as filhas de santo girando, ogãs tocando os atabaques e cantando os pontos, mãe de santo em seu trono, recebendo homenagens e saudações dos fiéis. Nós três estávamos na plateia quando ouço um grito ao meu lado. Para minha surpresa, Alda desabou, incorporada com um orixá que não me lembro qual. Rapidamente, as filhas de santo acudiram a Alda. Levada para o interior do terreiro, retornou em transe com adereços do orixá. Ela participou ativamente da gira até o santo subir. Refeita, Alda voltou para meu lado como se nada tivesse acontecido. Não comentamos nada nem durante o restante da festa, nem no caminho de volta. Não sei se ela havia recebido santo antes ou se recebeu outra vez depois daquela noite.

Portuguesa de nascença, moçambicana na adolescência, baiana por adoção, se ela não continuou participando de cultos das religiões de matriz africana, o mundo perdeu bela filha de santo.

por Roberto Petti,  
Produtor Audiovisual

## Boas Recordações

Minhas boas lembranças com Alda vêm do segundo semestre de 1979, quando começamos a Faculdade de Comunicação Social na UFF.

Era uma alegria ir para o IACS no final da tarde e encontrar pessoas tão bacanas, porque sem dúvida foi uma turma muito especial. Foram dois anos sensacionais. Depois precisei trancar a matrícula e quando retornei meus colegas já estavam quase terminando.

Então quero prestar minha homenagem a amiga Alda, lembrando os momentos em sala de aula e as boas conversas e risadas. Que sua família lembre sempre dos momentos felizes e possa celebrar com Gratidão a Vida de Alda!



---

por Mário Queiroz,  
Jornalista formado no IACS/UFF;  
Estilista de moda e Doutor em Semiótica pela PUC-SP



## Quando a Água e o Azeite se Juntam

Oi, Alda.

Saudades...

Como vão as coisas por aí?

Aqui na Terra estão jogando futebol, tem muito samba, muito choro e rock and roll. Exatamente como nessa canção do Chico Buarque e do Francis... A coisa aqui tá preta! Mas não se preocupe. Fique tranquila que a gente dá um jeito. Como o Buarque disse, “a gente vai levando só de birra, de pirraça”.

O tempo passa rápido. Cinco meses e três dias desde que você ficou encantada (ave, Guimarães Rosa!). Inexoravelmente, os grãos de areia caem na ampulheta. Envelhecemos. E ficar velho é sempre melhor que a outra opção.

Quem parte leva saudades e deixa memórias, lembranças, que, com o tempo, sempre ele, a gente vai tentando encaixar como um puzzle. Quando foi mesmo que eu te vi pela primeira vez? O que me vem à mente, curiosamente, não é em uma das salas do velho prédio da Lara Vilela. Nossa primeira aula, naquele agosto de 1979, foi Língua Portuguesa. O local? No ICHF do Valonguinho. Com o grande, enorme e, infelizmente, saudoso professor José Fernando.

E com minha mente, um tanto fatigada, lembro de você, cabelo curto, franjinha, com um sorriso cativante. Chegou e sentou numa das carteiras do canto da parede. Não estava olhando pra frente, deslizava o olhar por todos, dedicando fragmentos de sua atenção a cada um presente. Como lembro disso? De algo que aconteceu há mais de 40 anos? Não sei. Só sei que foi assim.

As minhas lembranças de você, Alda, na turma de Comunicação, sempre são do ponto de vista do meu grupo de amigos que fiz na época (Cristina Dissat, Sergio du Bocage, Marcelo Meira, Sidney Puterman entre outros), olhando para o seu grupo: você, sua amiga de fé, Mariângela, América Cupello, Mário Queiroz, e Carlos Eduardo. Não éramos rivais, de jeito nenhum. Cada qual no seu quadrado, só isso.

A maior lembrança que tenho de você no curso foi num trabalho passado pelo sempiterno José Fernando. Ele nos recomendou que escrevêssemos um conto curto, baseado num personagem à nossa escolha. Depois, pediu que nos juntássemos em grupos com quatro pessoas. Tínhamos que reunir os quatro personagens num conto só. Lembra disso?

Não foi tarefa simples no meu grupo (eu, Sidney, Sergio e Marcelo). Egos inflados, alguns se achando, mas fizemos o tal conto. Ficou um bom trabalho. José Fernando nos elogiou. Em seguida, ele pediu a todos que apresentássemos o conto em outro formato. Escolhemos roteiro de cinema. O seu grupo optou por uma peça de teatro.

Aldo Céu! A representação que vocês fizeram... Não vou esquecer nunca. Estará sempre em minhas retinas e nas paredes da memória. No trabalho, você e Mariângela apresentando a alegre porralouquice característica nas duas. Mário e Cadu tentando pôr ordem no caos. Tudo representação. Então começaram a narrar a história, com personagens! Mário apagava e acendia a luz da sala, imitou um vendedor de colchas de chenille. Você e Mariângela transpirando talento, fazendo ações teatrais muito interessantes. Seus olhos, Alda, brilhavam intensamente. Aquilo era vida!

Outros fragmentos de memória me visitam neste instante em que espremo meus neurônios, tentando lembrar de nossa vida na UFF. Mas quero recordar do seu sorriso que vi, pela primeira vez, e de sua atuação como atriz no trabalho do saudoso José Fernando.

Essa coisa chamada vida nos separou depois do fim das aulas, do curso. Soube que você tinha se casado com o nosso professor João Batista. Inicialmente, ri. Como a água e o azeite se juntaram? Num dia de



saudades de vocês, os convidei para vir à minha casa. Foi em setembro de 2005. Eu comemorava mais uma volta em torno do Sol e quis ver meus amigos de faculdade.

Nem sei como consegui o seu telefone. Liguei, o João atendeu, não lhe reconheci a voz, pedi que te chamasse. Fiz o convite, você topou. Aqui, na reuniãozinha que promovi, você contou que ele tinha ficado com ciúmes, querendo saber quem eu era. Esclarecimentos feitos entre sorrisos, passamos uma tarde muito feliz. Eu, Sylvia, minha namorada, você, João, seus filhos e nossos amigos. Foi bom, não foi? Ah, sim. No jeito como você e o João se falavam, se olhavam, entendi que vocês não eram água e azeite. Eram... Amor.

Saudades de você, amiga. Tive muito, muito prazer em te conhecer. Seus filhos estão bem, seus amigos também, Cristina e Sergio mandam um beijo. Sentimos sua falta. Mas tem alguém que sente mais. Você sabe quem é, né? Num dia desses, apareça nos sonhos do João Batista. Chegue de mansinho. Deite a cabeça no colo dele, ouça ele falar, sorria o seu sorriso mais luminoso. Ele vai ficar contente.

Comecei estas mal tecladas linhas com um trecho de música e termino com outro.

“Qualquer dia, amiga, a gente vai se encontrar.”

Um beijo do seu colega de UFF.

---

por Marcos Santos,  
Jornalista formado no IACS/UFF; Ator e Professor de Teatro.



## A Voz do Rádio

O que seria mais importante para contarmos sobre Alda de Almeida, esta portuguesa que chegou ao Brasil adolescente após passagem por Moçambique. Tudo, concluímos. Ou seja, vai ser difícil caber neste pedaço virtual.

A Alda que conhecemos no início dos anos 80, naquele casarão rosa do Ingá que abrigava a faculdade de Comunicação Social da UFF, é a da nossa primeira imagem e ainda ocupa nossa memória. A colega viva, vivaz, que viveu naquela Niterói ainda meio bucólica os últimos anos da ditadura brasileira. Logo ela, que tinha vivido a experiência na infância de outra ditadura, a portuguesa.

Era a Alda que sempre fez ouvir sua voz, como numa foto de turma da faculdade que ilustra este texto e na qual aparecemos também. Esta voz da Alda que se fez presente, principalmente no rádio, embora tenha também trilhado outros campos do jornalismo. E a voz da Alda também se fez ouvir nas salas de aula, como professora em universidades públicas e instituições privadas.

Mas a voz da Alda era a voz do rádio, uma de suas paixões ao lado da família, do Fluminense, dos gatos, de Paquetá... Porque a voz do rádio é múltipla e única ao mesmo tempo, e Alda também foi e continua sendo múltipla e única.

*por Roberto Falcão e Emília Ferraz, jornalistas formados no IACS/UFF;  
Roberto é Professor da Facha e Emília, Editora da EBC.*



## A mais Brasileira das Portuguesas



A primeira vez que vi Alda foi na cantina da faculdade de Comunicação da Universidade Federal Fluminense. Em meio a um pequeno grupo de colegas, lá estava ela, rindo junto. Lembrava muito a atriz Glória Pires.

Nossa formatura foi ao final do primeiro semestre de 1985 e a imagem que eu tinha dela era de uma pessoa divertida e de bem com a vida.

Nunca fomos próximos, mas no dia que posamos para uma foto de capa do jornal da faculdade, alguém me chamou de “baiano” e ela, que estava próxima, me perguntou se eu era de Salvador, onde ela já tinha morado.

Falei que era do interior, mas que me mudara para a capital aos 15 anos.

Ela mal sabia que nesse tempo eu não tinha afinidade nenhuma com a cidade, onde vivi as agruras da adolescência, longe de meus pais, estudando num colégio de jesuítas. Eu só pensava em completar 18 anos e mudar para o Rio para fazer Cinema e Teatro.

As redes sociais nos aproximaram e Alda sempre curti e comentava as postagens das minhas fotos da cidade, para onde retornei depois de 28 anos morando no Rio. Foi aqui em Salvador que a reencontrei, antes da pandemia, em companhia de seu parceiro e meu professor João Baptista. Bastaram três dias acompanhando o casal em alguns passeios para nos tornarmos quase amigos de infância.

Com a minha volta para cá, através da fotografia, criei vínculos afetivos com Salvador e nossa gente. Enfim, eu poderia falar de igual para igual com ela sobre o encantamento com nossa capital primeira. Foram dias de muitos passeios, um aprazível café da tarde, almoço temperado a dendê e uma parada para olhar o quebra-mar invernos do Farol da Barra...



Mesmo com alguns dias nublados, nada diminuía a sua alegria em poder reviver mais uma vez as boas lembranças do tempo em que por aqui aportou e ficou. Todos os seus sentidos estavam sintonizados com as ambiências que gostava de contemplar, o aroma das comidas típicas que apurava o seu apetite, os ritmos que embalavam seu coração e a fé, inabalável, a ponto de ter toda disponibilidade do mundo para, num domingo, às oito em ponto da manhã, assistir, na Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos, à missa sincrética, de culto católico e cânticos afros.

É essa a lembrança que quero guardar da amiga tardia. Queria poder desfrutar por muito mais tempo da alegria e do humor singular de quem, para mim, era a mais baiana das portuguesas. Ou seria a mais carioca das portuguesas? Melhor e mais justo é lembrar de Alda como a mais brasileira das portuguesas.

---

*por Douglas Tourinho,  
Dramaturgo formado em Cinema e Jornalismo no IACS/UFF*



## Amor Lusitano

Estive pessoalmente com a Alda apenas uma vez, mas a sensação é de que foram muitas, tantas são as coincidências que unem a nossa trajetória e as palavras de amor que sempre tão bem a descreveram, declamadas docemente pelo meu querido professor João Baptista.

Cheguei ao Rio pela primeira vez em fevereiro de 2009, então com 20 anos de idade, estudante de Jornalismo e uma expectativa imensa com os seis meses de intercâmbio que se seguiriam na UFF. Tive o privilégio de escolher uma matéria lecionada pelo João, Planejamento Editorial, em que aprendi muito sobre a prática da profissão que projetava pra mim, mas também fiquei a conhecer uma narrativa que inspirava realmente o que eu sentia no momento.

Cerca de três décadas antes, outra jovem alfacinha chegara à Cidade Maravilhosa e por aqui aportara o coração.

A lisboeta Alda era a esposa do meu querido professor e eu senti-me encorajada pela sua história. Também eu estava apaixonada pelo Rio, queria ser jornalista e havia de arrumar um jeito de voltar depois daquele intercâmbio. Não sem antes me deliciar com a melhor punheta de bacalhau que já comi, confeccionada carinhosamente pela Alda para presentear o último dia de aulas do semestre, celebrando a minha presença e a do meu amigo Zé, amigo português que viera também fazer intercâmbio no IACS.

Foi uma surpresa inesquecível para dois jovens lusitanos longe de casa, com saudades de uma das melhores coisas que Portugal deu ao mundo: a nossa culinária. Alda sabia-o e, mesmo sem se fazer presente em pessoa, enviou a lembrança carinhosa ao nosso paladar. Voltamos mais felizes e saudosos para a terrinha.

Anos mais tarde, ganhei coragem e consegui vir pra ficar. Não me tornei jornalista profissional, como imaginava nas aulas do João, mas hoje sou intérprete da canção popular brasileira. Também eu escolhi o Rio de Janeiro como casa, deixando Lisboa, cidade-berço, e fincando novas raízes por cá.



Fiquei um bom tempo sem ver o João, mas o reencontro se deu da melhor forma possível: em um dos meus shows, tive a ilustre presença na plateia do meu ex-professor, que chegou acompanhado da famosa e querida Alda. Foi como se sempre nos tivéssemos conhecido. Agradei a deliciosa punheta de bacalhau de anos antes, conversamos sobre memórias da terrinha, sentimentos de quem emigra e sobre, claro, o nosso amor em comum pelo Rio e pela cultura brasileira.

Carrego comigo a memória do casal amoroso, cúmplice e apaixonado daquela noite - João e Alda, um exemplo invejável de díade romântica e parceria de vida. Emociono-me com os caminhos de Alda nesta Vida e neste plano.

O seu legado de amor e cuidado é uma inspiração e está vivo no João, nos filhos queridos, em todos os tantos corações que flechou habilidosamente (como boa portuguesa), incluindo o meu, que nunca esquecerá o amor lusitano colocado na melhor punheta de bacalhau de que se tem notícia.

---

*por Inês Carreira,  
Jornalista e Cantora*



## Há pessoas que iluminam sem perceber

Por volta de 1986, eu era moradora da Reça – República Esocléctica Casemiro de Abreu –, menção à rua em que estava localizada. O estilo do apartamento era tal qual o nome e ali veio viver conosco a Alda, trazida pela Geni, amiga do IACS. Parte dos moradores era de Minas Gerais, como eu e meus irmãos, e os demais do Estado do Rio.

Como boa mineira, acanhada e desconfiada, tocou-me logo compartilhar o quarto com a nova moradora. Nem preciso dizer o quão assustador me pareceu inicialmente. Alda era uma pessoa de espírito tão forte que chegava a quase me apavorar, mas ela era tão peculiar que me ganhou o coração e a confiança logo de início.

Embora aparentasse um caráter forte, sobretudo pelas histórias que contava – por exemplo, de haver jogado ao chão o namorado João Batista, em golpe estilo judô na praia de Charitas, numa discussão da relação – ela se mostrou tão companheira, e distraidamente amorosa, que nos adotou como sua segunda família.

Meus pais que frequentavam a casa com certa regularidade passaram a ser acolhidos e tolerados pela Aldinha, como a chamávamos na intimidade. Comigo, em especial, apesar da nítida diferença de estilo e temperamento, caí nas graças daquela moça incrível e nos tornamos companheiras. Cada uma em seu pedaço do quarto, mas sempre com respeito e cumplicidade.

Meu namorado argentino foi igualmente incluído no rol dos amigos e se tornou um morador sazonal da RECA – sempre nos verões. Quando ele estava no Brasil, Alda gentilmente costumava nos ceder o quarto, mas pedia apenas um tempo pra fumar tranquilamente seu quase sagrado baseado assim que chegava do trabalho.



Esse clima sempre gerava uma boa e longa prosa entre nós. Ele costumava chamá-la carinhosamente de Escandalusa, menção ao seu jeito expansivo e sua origem lusitana. Isso nos rendia boas e cúmplices risadas. Vale ainda acrescentar que Alda foi a minha corretora ortográfica do tão temido TCC.

Ainda que tenhamos perdido a convivência rotineira no decorrer da vida, Alda nunca deixou de ser a pessoa querida e admirada por mim e pelo Román. Comigo ela marcou fortemente o meu universo de afetos verdadeiros. Isso é inesquecível!

Sempre me chamou a atenção a amorosidade contida naquele caráter aparentemente duro e extremamente forte.

Tive a sorte de com ela compartilhar boas conversas de fim de noite, histórias pessoais de bastante intimidade. Sua ausência terrena faz falta ao mundo, ao planeta, porque pessoas como ela iluminam sem perceber que sim.

Deixo esse registro em meu nome, no nome do Román e de cada morador esoclético daquela república esoclética - Cacau, Tarciso, Luiz (meus irmãos) e sobretudo a Geni Pareto, amigona da Alda, mãos que a trouxeram para nossas vidas. Também registro o amigo Fernando Grilo e meu cunhado Ricardo, que eram amigos e frequentadores assíduos da RECA. Estou certa que esse relato é parte do que cada um gostaria de dizer. Profunda Gratidão à vida pela Feliz oportunidade desse encontro!

por Goretí Hübner,  
Assistente Social e Moradora da RECA

## O Coelho de Alice no País da Maldita



1987. Estava colocando um disco, (LP, se lembram?) no pickup para posicionar a próxima música, que tocava naquele momento na Rádio Fluminense FM. De repente a porta se abriu. Ao som de uma música calma do Led Zeppelin Alda adentrou ao estúdio dizendo:

– Oi, sou a Alda, nova redatora. Trarei as notas para você ler durante o seu horário.

E esticou o braço para me entregar as folhas de papel.

– Aqui tem duas, estão numeradas, leia primeiro a que fala do trânsito e no próximo intervalo a previsão do tempo.

– Beleza, respondi.

E continuamos o papo. Mas o fim da música já anunciava que precisaria interromper nossa conversa para dar as notícias. Fiz sinal para que esperasse um momento, desanunciei as músicas e li a nota que ela havia trazido. Alda agradeceu com um lindo sorriso que fazia uma covinha a la Glória Pires. Falei pra ela sobre a impressionante semelhança com a atriz. Ela respondeu que todos comentavam isso. Os cabelos extremamente lisos e pesados reforçavam a semelhança. Ela não tirava os olhos do relógio, como o Coelho de Alice, apressada para voltar à redação e continuar seus textos.

Em outras ocasiões, irritada com alguma situação, colocava um pezinho na frente do outro, e com a mão agitada e dedo em riste reclamava do que a incomodava.

Tenho boas lembranças de Alda no pequeno estúdio da Rádio Fluminense. Convivemos por um tempo, trocamos ideias, contamos histórias, falamos da vida. Beijos, Alda

por Mylena Ciribelli,  
Jornalista, radialista e locutora



## Arte de escrever para os outros

Conheci Alda em 1987, quando ela começou a trabalhar no jornalismo das rádios Fluminense FM e AM. Eu ainda estava na Universidade, mas já trabalhava na empresa com carteira assinada como auxiliar de escritório. A jornalista oficial das rádios era, portanto, a Alda, embora ambos escrevêssemos as notas jornalísticas lidas pelos locutores e comunicadores das duas rádios.

Nossos turnos eram diferentes: eu trabalhava pela manhã e ela, à tarde. Apesar de Alda e eu diariamente nos encontrarmos na hora de ela me “render” – este era o termo que usávamos para descrever a situação em que eu somente poderia deixar o meu posto de redator das “notinhas” no momento em que ela chegasse -, o contato que tínhamos, mesmo que de breve duração, era igualmente intenso e de grande valia pra mim.

Na época, eu era um aspirante a cantor e compositor muito sonhador e com pouquíssima experiência de

como o mundo realmente funcionava do ponto de vista social e das relações interpessoais. Minhas canções eram experiências estéticas em que a ênfase estava na renovação da linguagem verbal e musical. Meu conteúdo era a forma. Não que eu fosse um alienado social; mas simplesmente imaturo.

Alda, por outro lado, tinha um grande entendimento sobre a vida, uma sabedoria evidente em relação ao que realmente importava para as pessoas em sociedade. Esse tipo de compreensão sobre o mundo é característica imprescindível para um bom jornalista. A atividade de escrever para os meios de comunicação não se restringe à técnica. Ninguém escreve para a generalidade das pessoas sendo apenas técnico. O bom jornalista tem que escrever o que interessa aos infinitos leitores – no caso da Alda, ouvintes -, esses ilustres desconhecidos.

Ainda que Alda desconhecesse a maioria de seus ouvintes, os conhecia profundamente, talvez até mais do



que esses conhecessem a si mesmos. Grande parte do sucesso daquilo que as locutoras da Fluminense FM diziam era graças a esse talento da Alda. Por essa razão, nossas conversas contribuíram muito para o desempenho de meu trabalho naquela época. Sou muito grato por isso. Aprendi com ela, a escrever para o outro.

Em rádio, o primeiro “outro” de uma notinha jornalística é o próprio locutor que a lê antes ~previamente antes de ir ao ar.

Aprendi com Alda que deveríamos escrever primeiro para os locutores, a fim de que estes pudessem ler melhor para o público, como se fosse

deles próprios as palavras que escrevemos. Assim seriam mais convincentes na hora de ler para os outros

Mas quando a Alda me dava conselhos nesse sentido, não falava exatamente como se estivesse me dando conselhos. Conversava comigo sobre as reações em relação ao que escrevíamos, como se fosse um resultado de uma atividade de equipe, assumindo um tom de autocrítica do “nosso” trabalho. Essa era a sua característica mais admirável, o seu senso de coletividade, de companheirismo e de colaboração. Era alguém que ficava muito feliz em ajudar o outro. Uma profissional admirável, uma amiga com quem eu sabia que poderia contar.

---

*por Carlos Mauro Naylor,  
Jornalista formado no IACS/UFF;  
Cantor, compositor e colega de trabalho de Alda*



## Portuguesinha espevitada

— Que portuguesinha mais espevitada.

Foi isso que pensei cá com meus botões de camisa social para dentro da calça de tergal na primeira vez em que Alda Maria surgiu diante de mim. Aqueles cabelos curtos bem pretos pousados sobre a pele muito clara, a voz altiva, o sorriso largo e um sotaque que me alcançava lá de longe não deixavam dúvidas sobre as raízes lusas. Mas, diferentemente do seu Ferreira, do armazém lá perto de casa, a postura dela não era sisuda. Tudo bem que por trás daquela pretensa rabugice o seu Ferreira era um doce de pessoa. Mas havia nele um recato, um protocolo que aprendi desde cedo a não esperar da Alda. Era expansiva, espaçosa. Espevitada, pois.

Cheguei um pouco antes dela ao mágico casarão do Instituto de Artes e Comunicação Social da UFF. Minha carteirinha de ingresso, até hoje guardada, não me deixa mentir: primeiro semestre de 1979. Tinha lá eu 18 anos recém-completos. Como cismeiei de trabalhar assim que passei no vestibular, saía de casa cedo, pegava na labuta ali na Praça Pio X às 8h, ia até as 17h, corria para pegar a barca e estar a postos para a primeira aula no IACS às 18h. O curso ia até as 22h. Em muitas ocasiões, ainda comia um prato de angu do Gomes na barraquinha da Praça 15 antes de voltar para casa no Catete — a pé, por vezes. E todos os dias, pelo dever do ofício, vestia calça de tergal e camisa social. Só mesmo nas aulas de sábado me dava o fresco das camisetas.

Conto essas minúcias porque foram elas que me aproximaram da Alda e que, por caminhos transversos, me ajudaram a conquistar o coração da Ilda, minha namorada da faculdade inteira. Ilda e Alda, com esses nomes siameses, eram duas das sete gatinhas que habitavam uma cobiçada e florida república de moças ali pelas cercanias do Ingá. Como admirasse minhas duras jornadas

de trabalho antes da faculdade — conversávamos sobre isso, ela curiosa de uns detalhes bobos lá do serviço —, e ainda elogiasse as vestimentas compradas a prestação na Impecável Maré Mansa, a Alda ajudou bastante aquele gentil rapaz do Catete em suas pretensões amorosas. Acrescentava-se o fato de que Ilda também tinha raízes portuguesas. “Seja sempre gentil e a mãe dela vai amar você”, recomendou-me a Alda antes de minha primeira incursão a Olinda, em Nilópolis, para a visita aos pais da Ilda, o seu Manoel e a dona Maria.

Segui à risca o conselho. Supremo ato de gentileza, comprei flores na descida das escadarias da estação de trem de Olinda e as ofertei à dona Maria no portão, ela ainda de avental preparar as inesquecíveis sardinhas na brasa do almoço de domingo.

O namoro com a Ilda durou o curso inteiro, e resistiu algum tempo depois que saímos do IACS. Já a amizade com a Alda durou enquanto estávamos os dois aqui neste plano. É para sempre que se diz, né? Éramos vizinhos em Laranjeiras. As agruras da saúde já então a faziam caminhar mais devagar, os cabelos brancos agora emolduravam o rosto de pele clara, mas o sorriso aberto ainda se entrevia nos encontros casuais no bairro. Em um dos últimos, por sinal, eu a vi discutindo com alguém por conta de um gato de rua, ela em defesa do animal com dedo em riste. Tinha ímpetos de ajudar, mas quem disse que ela carevia? Sei lá, voltou na hora uma lembrança lá de trás:

— Que portuguesinha mais espevitada.

---

por Alexandre Medeiros,  
Jornalista formado no IACS/UFF;



## Alda, em três atos

### Alda I, a musa

Foi no portão de entrada da faculdade que, no dia da matrícula, a vi pela primeira vez. Eu tinha 18 anos. Ela, uns 25. Eu era calouro. Ela, veterana. De aparência, ela tinha cabelo curto, quase negro, a pele clara e um nariz francês que, sob os olhos amendoados, lhe emprestava um ar de inteligência e audácia. De repente, entre amigas, abriu um enorme sorriso, fazendo o mundo para mim deixar de existir. Alda, se chamava. Portuguesa, me informaram, com passagem pela África, o que só lhe conferia um charme ainda mais exótico.

Uma pena que, mais tarde, eu pouco a veria. Alda já estava formada. Suas ocasionais visitas à faculdade permaneceriam um mistério para mim. Um doce mistério. Sim, Alda, a primeira das musas inalcançáveis (muitas) que me motivavam a atravessar a Baía de Guanabara todos os dias, para tentar entender Adorno e Walter Benjamin, depois de oito horas de trabalho como office-boy.



### Alda II, a mãe

Nos arredores de Lisboa, há um bairro chamado Linda-a-Velha, distrito de Algés. Nome contraditório para um bairro de edifícios residenciais construídos às pressas a partir de meados da década de 1970, quando os colonos portugueses retornavam das recém-independentes colônias africanas – diferentemente de Alda e seus pais que trocaram Moçambique pelo Brasil. Foi ali, em Linda-a-Velha, que eu, enfim, acabaria por conhecer melhor minha antiga musa, agora esposa do mestre e amigo-para-toda-vida João Batista. Ali, curiosamente, a poucos quilômetros de Caxias, onde a própria Alda nascera, havia 32 anos.

O ano era 1991. Eu morava no apartamento de uma família angolana, que me alugava um quarto, além de me encher de carinho e atenções. Imigrante na terra dos emigrantes, eu recebia, em Linda-a-Velha, a visita de João e Alda, que, viajando pela Europa, carregavam malas e duas crianças: Mariana, arriscando suas primeiras frases, e João Marcelo, ainda engatinhando.

Dina, minha senhoria angolana, mãe solteira do espevitado Elson Marlon, recebeu Alda, João e as crianças com o mesmo carinho que reservava a todos os brasileiros. O encantamento entre aquela família africana e o jovem casal e seus filhos foi imediato. Melhor: Dina, grande fã da mais romântica música brasileira, encontrou em João e Alda a cumplicidade que ela não encontrava em mim. Talvez João e Alda não chegassem a compartilhar de seu entusiasmo por Nelson Ned e Aguinaldo Timóteo, mas, definitivamente, faziam coro Dina quando a música era *Burbujas de amor*, de Juan Luis Guerra, gravada em português por Fagner, com letra de Ferreira Gullar..

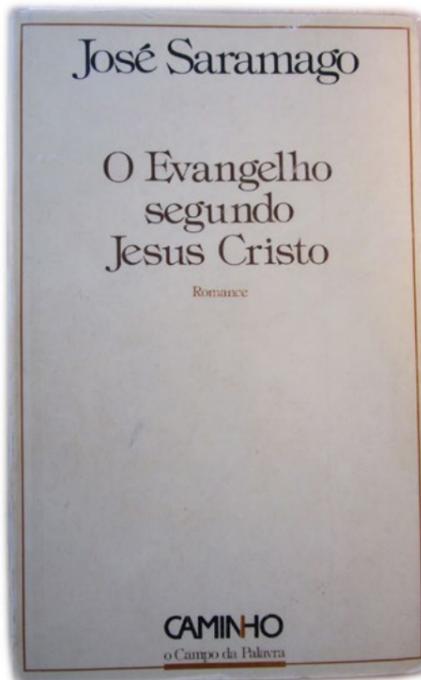
Selado, desde a primeira visita, o pacto de amizade afro-luso-brasileiro, surgiu a ideia, cujo autor me escapa da memória. O problema: João e Alda partiam de trem, em breve, para um pequeno tour por Barcelona, Florença, Roma e Paris. Levavam a pequena Mariana, mas não tinham com quem deixar o desavisado João Marcelo. Solução: Dina faria com prazer o serviço de babá, em tempo integral, acolhendo o pequerrucho em sua casa. Foi assim que João Marcelo, que só babava, tornou-se, por algum tempo, meu companheiro de acomodação, no seio de uma família angolana, num afastado subúrbio de Lisboa.



Na volta da viagem, Dina e eu escutávamos deleitados as descobertas e aventuras do casal, que reencontrara o pequeno João Marcelo são, salvo e mimado pelos carinhos da angolana. Numa dessas conversas, passamos de Paris para a literatura, quando Alda me questionou: “Você já leu o Saramago?”. Que vergonha... O que diria eu? Eu que, até então, só tinha lido Agatha Christie... Tive que assumir minha ignorância, anotando discretamente o nome do autor e o título do livro, Jangada de Pedra.

Meses depois, quando Alda e João já haviam voltado ao Brasil, José Saramago lançou o mais polêmico de seus livros, O evangelho segundo Jesus Cristo, que o levaria, por fim, a se autoexilar na Espanha em reação aos protestos da sociedade e da Igreja Católica portuguesa. Antes de partir, porém, fez questão de participar de um debate com um frei dominicano, na Capela do Rato, a respeito da obra recém-lançada.

Seguindo os conselhos de Alda, não só comprei o livro novo, como fui assistir ao debate na capela. Lá, Saramago, muito gentilmente, autografou o meu exemplar. Por isso, graças à Alda, guardo em minha biblioteca uma primeira edição de *O evangelho segundo Jesus Cristo*, assinada pelo autor que, sete anos mais tarde, seria mundialmente consagrado com o Prêmio Nobel de Literatura.



### *Alda III, a portuguesa*

Fui morar em Londres, as décadas se passaram e o contato com o mestre João Batista foi-se limitando às visitas de verão que eu fazia à minha família no Rio de Janeiro. Numa dessas estadas, João me convidou para o chorinho que, aos sábados, anima a feira livre da General Glicério, em Laranjeiras. Lá, enfim, reencontrei Alda, agora com os cabelos grisalhos, bela e patusca, como as ternas tias portuguesas de minha infância.

Entre um pastel e um caldo de cana, falamos de literatura, de Mariana e João Marcelo, do tempo que passa, enfim, do tempo curto diante de uma estante infinita de livros ainda por serem lidos. Que delícia poder revê-la bem, feliz, acompanhada do homem que a amava havia tantos anos.

Hoje, João me conta que, pouco antes de se internar, Alda dedicava-se à leitura de *Cafeína*, meu primeiro romance, um exemplar autografado para “João & Alda”. Sinto uma mistura angustiante de orgulho e arrependimento. Orgulho, pela obra lida à metade pela mestra. Arrependimento por não lhe ter dito o quão importante aquelas poucas semanas em Lisboa e aquelas rápidas conversas foram para mim. O quão bonito foi descobrir José Saramago e a literatura portuguesa através do encantamento de Alda, da sua preferida Jangada de Pedra.

Bravo, Alda! Bravo para você que foi professora até de quem não foi seu aluno. Bravo, e obrigado por tudo!

---

*por Maurício Torres Assumpção,  
Jornalista formado no IACS/UFF;*

# Alda por...

Colegas de trabalho

## Uma aprendizagem ou O livro dos prazeres

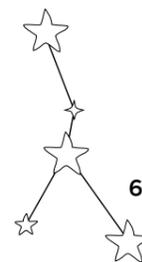


Sentou-se para descansar e em breve fazia de conta que ela era uma mulher azul porque o crepúsculo mais tarde talvez fosse azul, faz de conta que fiava com fios de ouro as sensações, faz de conta que a infância era hoje e prateada de brinquedos, faz de conta que uma veia não se abriera e faz de conta que ela não estava em silêncio alvíssimo escorrendo sangue escarlate, e que ela não estivesse pálida de morte mas isso fazia de conta que estava mesmo de verdade, precisava no meio do faz de conta falar a verdade de pedra opaca para que contrastasse com o faz de conta verde-cintilante, faz de conta que amava e era amada, faz de conta

que não precisava morrer de saudade, faz de conta que estava deitada na palma transparente da mão de Deus, (...) faz de conta que vivia e não que estivesse morrendo pois viver afinal não passava de se aproximar cada vez mais da morte, faz de conta que ela não ficava de braços caídos de perplexidade quando os fios de ouro que fiava se embaraçavam e ela não sabia desfazer o fino fio frio, faz de conta que ela era sábia bastante para desfazer os nós de corda de marinheiro que lhe atavam os pulsos, faz de conta que tinha um cesto de pérolas só para olhar a cor da lua pois ela era lunar, faz de conta que ela fechasse os olhos e seres amados surgissem quando abrisse os olhos úmidos de gratidão, faz de conta que tudo o que tinha não era faz de conta, faz de conta que se descontraía o peito e uma luz douradíssima e leve a guiava por uma floresta de açudes mudos e de tranquilas mortalidades, faz de conta que ela não era lunar, faz de conta que ela não estava chorando por dentro (...)



Clarice Lispector





## Um cometa chamado Alda

Este dia é de grande tristeza para todos nós, amigos comuns da Alda, principalmente Cláudia, Izaura, Fernando e eu. Parceiros e jornalistas cientes da importância do nosso papel no mundo. Luz, verdade ética.

Dividimos com Alda horas, alegrias, histórias e o prazer de estarmos juntos, sempre renovado no dia seguinte. Nós guardamos doces e amáveis lembranças dela.

Eu tinha um perfil de seriedade na Rádio MEC e o bigodão ajudava. Mas quando me conheciam, este olhar costumava ser substituído por outro mais suave ou menos sério.

Um dia a Alda sentou-se no meu lugar, colocou um bigode e assumiu-se como Borges, o chefe sério. A redação riu muito e eu também. Ela surpreendeu e quebrou aquele cara meio sisudo.

Outros momentos permanecem não só ao olharmos para as fotos, mas no lugar onde só entra quem possui a senha: coração e alma. Amigos comuns, entre eles Alda, conheciam de cor e salteado.

João, o Deus em que acredito não tira a dor. Até pode, porém se não o faz é para respeitar nossa humanidade. Em algum momento – não sei qual nem quando – ele promete dar o consolo. Assim seja, para todos nós, em particular para a família.

“O Cordeiro que está no centro do trono será o seu Pastor; ele os guiará às fontes de água viva e Deus enxugará dos seus olhos toda a lágrima”.

Alda era muito espontânea e ao mesmo tempo intensa, principalmente com o programa que produzia e apresentava, o “Além da Notícia”. A responsabilidade, desde a pauta até a hora do programa, a deixava tensa. Era um vulcão.

Costumo dizer que algumas pessoas são semelhantes a um cometa. Riscam o céu com seu brilho e desaparecem, deixando um rastro de luz. O rastro luminoso permanece.

---

por Carlos Borges,  
Chefe da redação da Rádio MEC



## Celebração inusitada

*“Eu, quando olho nos olhos  
sei quando uma pessoa está por  
dentro ou está por fora.*

*Quem está por fora*

Esse famoso poema de Paulo Leminski descreve bem o firme olhar de Alda pra tudo e todos à sua volta. Reforça ainda que, ao existir interesse, os fatos, as sensações, as experiências fixam-se fortemente nos arquivos da vida, os da mente e da sensibilidade, sendo jamais esquecidos.

Assim, Alda permanece na nossa memória afetiva desde 11 de novembro de 1999. Foi ela quem reuniu a equipe de Jornalismo da Rádio MEC não em torno de uma pauta, mas da celebração inusitada de nosso casamento entre uma e outra edição do noticiário depois da nossa ida ao cartório para oficializar a união.

Com seu faro amigo e foco imbatível, captou que, quando duas pessoas se dispõem a se unir a despeito de todas as dificuldades que a convivência traz, quem está em volta suspira.

A cerimônia foi inusitada sim, mas a motivação cá segue a mesma. Ano que vem, bodas de prata e Alda vai celebrar de onde estiver.

---

por Izaura Alice e Fernando Faria,  
Jornalistas da Rádio MEC



## Coleguinha de alto nível

O Jornalismo é uma profissão diferenciada, na medida em que reflete uma sociedade ou um indivíduo. Somos porta-vozes do meio como mensagem.

Invariavelmente, nossos anseios e comportamentos transcendem e permeiam o particular e o coletivo; tudo por um dever de ofício. Ao longo dos meus 40 anos de atividades, deparei-me com os mais diversos ambientes, os bastidores das redações e estúdios afins.

Aí vem a lembrança de alguns companheiros de profissão, os “coleguinhas “ da convivência em múltiplas jornadas pela busca da notícia; seja em plantões ou no cotidiano do dever de informar.

Alda, redatora e mestre em Comunicação, é uma dessas “coleguinhas” inesquecíveis com quem tive o prazer de trabalhar. Era, sem dúvida, uma profissional de alto nível pelo seu texto brilhante.

A convivência com Alda foi relativamente curta, mas o suficiente para construir empatia, respeito e admiração. Há um ditado oriental que expressa uma verdade absoluta: “ as pessoas entram em nossas vidas por acaso; mas não é por acaso que elas permanecem”!

Pra mim, a saudosa Alda é uma delas.

---

*por Jota Carlos,  
Jornalista e radialista*



## Carta para Aldinha, minha amiga!

Você sabe que eu não acredito que a morte seja o fim absoluto que parece, e sei que você me entende. E é por isso que te escrevo cantando essas palavras de modo que a energia e a vibração de cada letra, em acordes, te alcancem no plano espiritual onde você está. A morte enquanto bilhete de partida solitário faz doer pacas, tanto no corpo, no coração e/ou na alma de quem precisa ir, quanto no corpo, no coração e/ou na alma de quem embarcará depois.

Fato é que todos partiremos, obedientes, em algum momento. Pois bem, mas, ao contrário do que seria o fim, é uma estranha ressignificação dos relacionamentos. Veja a minha situação! Eu não consigo escrever SOBRE você, mas é enorme a vontade de escrever PARA você. Porque eu consigo te ver, te sentir bem aqui. Aos meus ouvidos chega a sua voz forte, grave, pausada, a pontuar: “É, Carlinha...” E quanta coisa cabe nestas suas reticências, não é minha flor?

E como faz um bom tempo que a gente não se encontra, bora lembrar o vivido, e confesso que eu estou megacuriosa para saber o que andas fazendo por aí. Você sabe que eu sempre gostei de cuidar de pessoas pelo Tarô, esse oráculo lindo, mas hoje compartilho com sua filha Mariana a dádiva da Psicologia. Menina, um chamado antigo que resolvi atender.

Mas sinto saudades do nosso tempo na Rádio MEC. Você, com o programa *Além da Notícia*, e eu com o *Revista*. Mas, verdade seja dita, Alda: você produzia e apresentava o *Além da Notícia*, mas fazia matéria para todos os noticiários. A gente se encontrava em plantões nos fins de semana e eventuais feriados. Alda, você jogava em qualquer posição e goleava, minha querida tricolor portelense. Chegava à redação com passos mais lentos,

sem correria, com um cafezinho na mão, acomodava-se e a máquina de escrever cantava bonito, produzindo textos impecáveis.

Mas a gente curti muito falar sobre os gatos e os totós, também nossos filhos. Aldinha, eu tenho três belezuras: Chico, Malu e Fred, adotados nas ruas de Niterói, cidade também sua (porque você tem raízes em muitos lugares, desde a origem, Lisboa).

E como é que vamos falar em morte, no sentido absoluto do senso comum, se consigo te sentir tão presente? Isso é vida, sim, senhora! É você, em nós, e eu creio que estamos em você igualmente. É bem verdade que, enquanto encarnados (não generalizo achando que todo mundo faz isso), combinamos um monte de encontros e raramente concretizamos unzinho sequer.

Nós fizemos isso, Aldinha. Conversamos pelo telefone, pelo *facebook*, e cadê que nos encontramos para tomar o café juntas, cadê que jogamos aquele carteadado, ou abrimos o celular no *tête-à-tête* para mostrar fotos das nossas crianças! Realmente, enquanto encarnados, não podemos vacilar se a gente sabe que vai partir em algum momento cuja agenda, embora nossa, não somos nós que fazemos!

Eu tenho uma amiga, já desencarnada também, que me ensinou que as chances de a gente se reencontrar no plano espiritual são grandes se houver sintonia. Fala sério, Alda, sintonizar é coisa de radialista! Você me aguarde para o abraço que ficou faltando, ou melhor, teve que ser adiado pela tal agenda nada democrática. Olha, você já deve estar sabendo, mas vale lembrar que aquele que você chamava de “Boçal Nato” ficou inelegível e o bicho continua pegando. Não estamos mais diante de nossa máquina de escrever, mas seguimos de olhos e antenas superligados nas notícias!

Sinta-se abraçada com todo o meu carinho e saudade, minha amiga capricorniana!

---

por Carla de Oliveira Trigueiro,  
Jornalista e psicóloga



### Sinceramente, Alda

“Gente fina, elegante e sincera. Com habilidade, pra dizer mais sim do que não”. O trecho é da letra de *Tempos Modernos*, composta por Lulu Santos em 1982. Mesmo como fã do compositor e cantor – as músicas dele integram a trilha sonora de meu relacionamento de 22 anos com Luciana –, considerava contraditório esse trecho da canção.

Em tese, dá muito mais trabalho e requer mais habilidade dizer não do que sim. É mais desgastante contrariar. Também é mais desconfortável dizer para um amigo que não posso apoiá-lo em algum projeto.

O sim com habilidade e o comportamento, simultaneamente, elegante e sincero passaram a fazer muito mais sentido quando conheci a amiga Alda de Almeida. Ainda nos anos 1990, quando João Batista apresentou sua amada, percebi que com Alda não existem meias palavras. Com ela, ou você é inteiro, íntegro e direto ou perde pontos na casa e na acolhida portuguesa, com certeza.

Em uma de minhas visitas ao apartamento deles, em 2019, mencionei um problema que vivia na relação de trabalho com um grupo do meio acadêmico. Era um desses desabafos que fazemos para, recorrentemente, ouvir comentários ao estilo “calma... você está exagerando... não desista do projeto por causa disso”.

Com seu estilo direto, Alda nem esperou o comentário de João. “Marcus está certo! É assim mesmo que a coisa funciona”.

Aqui não se trata de dizer quem tinha razão. Eu e ela poderíamos estar equivocados na análise e a fala de Alda poderia me desestimular. Mas era exatamente o que ela sentia. Se fosse comedida, se pusesse a prudência à frente da sinceridade ou se fosse dissimulada... não seria Alda de Almeida.



## Alda e os hermeneutas

Uma das formas de falar sobre Alda é imitar os hermeneutas. De imediato esse nome de sonoridade aberta exige uma dose extra de ar para ser pronunciado logo depois de um golpe só, como um mantra cheio de energia típico de guerreiras. Alda era vibração e energia aplicadas para o bem dos outros.

Foi assim, durante todos os anos em que trabalhamos juntos. Não media esforços para conduzir o laboratório de rádio do curso de Jornalismo da UVA. Com ela não tinha porém. Podia não gostar de alguma diretriz, mas expunha seus argumentos, apontava possíveis problemas e seguia adiante para executar o que se pedia. E quase sempre, lá na frente, ela retornava para dizer: “eu avisei que não ia dar certo!”.

Não falava por falar, sem refletir ou apenas para agradar a alguém. Muitas vezes eu via nos olhos dela muitas dúvidas sobre algumas ações no curso. Deixava que amadurecesse as ideias para vir depois com soluções mais práticas e adequadas do que as inicialmente formuladas. E sempre dava certo porque Alda pensava o tempo todo nos alunos, em ações que pudessem realmente trazer benefícios à formação dos futuros jornalistas.

Sabe aquela pessoa em que você pode confiar de olhos fechados? Essa pessoa era a Alda. E atualmente está tão difícil encontrar pessoas assim. Tinha prazer em estar com os alunos, vê-los crescer como estudantes e profissionais. Quantas vezes presenciei a Alda falando, quase em lágrimas, de ex-alunos se revelando no exercício da profissão, principalmente se fossem radiojornalistas.

E uma coisa que vem à memória quando se pensa ou fala da Alda é o seu riso aberto, sacudido, que fazia vibrar tudo à sua volta. Pessoas assim não nos deixam, mesmo quando partem na nossa frente em direção ao Todo. Permanecem dentro da gente. Deixam parte de suas energias para nos ajudar no caminho. Alda vive!

Sincera, solidária e sempre disposta a ajudar. Não suportava ver pessoas e animais abandonados. Alda não veio ao mundo para abandonar. Veio para acolher e dizer verdades. Jornalista e professora de Comunicação, apaixonada pelo rádio, esteve nesse plano para locutar, não para ocultar.

Em 2017, fui convidado por ela e pela professora Silvana Lemos para dar uma palestra sobre o cenário do rádio no Brasil. Na sala de aula da UERJ, cerca de 40 estudantes. Bem no fundo da sala, de pé, a professora. Sou cego no olho direito desde que nasci. Tenho 10% de visão no olho esquerdo. Mesmo assim, fiz de Alda o ponto de referência para avaliar meu desempenho. A cada 10 minutos, “esticava” o olho até o fundo da sala e tentava analisar as caras e bocas da atenta amiga. Se virasse a cara, se saísse para fumar, se ficasse inquieta, eu teria certeza de que a palestra havia perdido o rumo.

João Batista, Pedro Aguiar (que para ela também era como um filho), André, Mariana e João Marcelo têm muito mais a dizer, é claro. Para mim, como amigo e admirador da professora e jornalista apaixonada pelo rádio, Alda pode ser definida desta forma: “a mulher da generosa elegância sincera... Incondicionalmente sincera”.

---

*por Marcus Aurélio de Carvalho,  
professor de Comunicação, jornalista e radialista*

---

*por Luiz Bittencourt,  
Professor de Comunicação Social da UFRJ e ex-coordenador do curso da  
Universidade Veiga de Almeida (UVA)*



## Uma professora que fazia acontecer

Quando recebi o convite para escrever sobre a Alda, me veio a lembrança dos encontros na sala do Centro de Produção e das conversas sobre equipamentos e recursos para apoio às aulas de Radiojornalismo ministradas, brilhantemente, por ela. Eu ainda não tinha ingressado na carreira docente quando a conheci.

Alda foi uma docente que me inspirou na profissão porque gostava de realizar projeto, colocar a mão na massa. Uma profissional apaixonada pela profissão e pelo fazer docente. A voz rouca, ora enérgica, ora doce, dava o tom das longas conversas que aconteciam na sala de TV UVA.

Entre um gole e outro de café ficávamos planejando como seriam as aulas práticas da disciplina, dos alunos talentosos e os que não queriam produzir nada. Ela gostava de realizar projetos. Incentivava os alunos a produzirem pautas dos programas no laboratório de rádio, convidarem personalidades para entrevistas, gravarem vinhetas, enfim, o dia a dia da redação de uma emissora de rádio.

Vários alunos se revezavam naquele estúdio ávidos por aprender cada detalhe transmitido. Fazia acontecer! Com os livros e provas nas mãos, ia de um lado para outro e, quando o encontro acontecia nos corredores da instituição, era certo o riso frouxo depois de uma colocação sua sobre algum assunto determinado.

Que sagacidade! Rápida no raciocínio e destemida nas conclusões. Eu apreciava essas virtudes. Quando tinha um tempinho, falava da vida, das viagens, dos estudos, das notícias porque jornalista sempre precisa estar atenta com tudo ao redor. Quis a vida que ela fosse apurar novos fatos e fosse ministrar aula em outro plano, mas a **Amiga, Lépidia, Divertida e Amorosa** estará sempre nas nossas doces lembranças.

---

*por Mônica Miranda,  
jornalista e professora do curso*

## Minha eterna gratidão



“Oi Alda, sei que você não me conhece, mas acredito que irá resolver os meus problemas” e ela disse: “Diga folgado, mas fale lá fora po que eu preciso fumar”. E foi assim que nossa amizade começou.

Eu não era aluno das aulas de Jornalismo que ela ministrava, mas a paixão que tenho pelo rádio (e hoje, acredito que ela tenha culpa nisso), me fez optar por este tema na minha monografia. Logo, sabendo que ela era a professora especializada no assunto, fui convidá-la para ser minha orientadora. A resposta foi: “Você tem certeza?”. Naquele momento comecei a rir acenando que sim e ela, a partir dali, me deu as primeiras instruções do que precisava ser feito.

Foram poucas as conversar sobre o trabalho de conclusão de curso, mas todas eram em algum lugar, de preferência em uma escada onde ela poderia fumar. Eu sempre estava cheio de folhas rabiscadas e ela brigando comigo sobre algo que deveria ser incluído e por que eu ainda não sabia sobre aquilo. Por isso ela me dava, ali mesmo, as aulas que nunca tive.

No dia da defesa, não havia professor ou profissional para julgar a monografia. Ela disse: “Deixa comigo que eu resolvo”. Pegou pela mão alguns professores que estavam por lá, aguardando outras bancas, os colocou no laboratório de rádio e me disse para começar antes que eles desistissem.

Depois da minha apresentação, senti-me um personagem daquela série mexicana, “Chavez”. Alda começou a me defender falando mal de mim, que eu era teimoso, que cismeí fazer daquele jeito, que tinha temas a mais do pedido e outras pontuações. Eu repetia apenas uma frase na naquela reunião: “Calma, não precisa me elogiar muito”.

Não tenho dúvidas que aquele nosso *stand-up* foi crucial para que eu conseguisse a aprovação. Engraçado lembrar desse acontecimento agora, porque parece que dali comecei a encarar essas apresentações

de outra maneira e entender que cada profissional tem um jeito de se comunicar... Até naquele dia, a professora estava me ensinando algo.

A partir dali, com o tema daquela monografia, Alda veio com a ideia de montar uma rádio para os alunos na Universidade Veiga de Almeida (UVA). Ela queria que eu encabeçasse esse movimento. Como eu não recusava nada que ela pedisse, fomos em frente. Depois de muitas conversas e chateações com a instituição de ensino para aquilo ocorrer, nos ofereceram um espaço que era, literalmente, um pequeno depósito, com os restos de materiais da TV da faculdade.

Ali ficava um antigo estúdio de rádio que estava há anos abandonado. Sempre olhando com aquele olhar de desdém, Alda reclamava de tudo e ficava indignada com o descaso do setor de comunicação conosco. Mas quem disse que desistimos? Brincávamos que um pouco de anarquia não fazia mal a ninguém.

Nós arrumamos aquilo, passamos todas as fiações com ajuda dos amigos e funcionários da UVA, e começamos a criar algo que não sabíamos a proporção que tomaria.

Os alunos da faculdade começaram a participar do projeto e o número de pessoas que se interessavam pela rádio aumentava exponencialmente. Todos querendo aprender mais sobre o assunto. E pasmem, estudantes de outros cursos que não tinham nada a ver com Comunicação, como Direito, Nutrição, Enfermagem, começaram a participar do nosso dia a dia, administrando a rádio ou apenas visitando para “jogar conversa fora”.

À noite, entre uma e outra, Alda fugia para dentro da rádio, que já estava amarrotada de gente e ficava contando histórias. Dizia o que aquele povo deveria fazer. Sabe o que é pior? Todo mundo embarcava nas doideiras que ela apresentava. Mal sabíamos que essas doideiras, anos depois, chamaríamos de empreendedorismo. Eu e aquele bando. Administrávamos aquilo lá como se fosse o nosso próprio negócio.

Alda teve a audácia de nos desafiar a fazer um evento de rádio na faculdade e a galera foi para o desafio sem medo. Afinal, para quem fazia

barulho com um pequeno espaço, iria ter medo disso? Ela corria atrás dos nomes e mandava a gente ir convencê-los a vir se apresentar. Fora a parte de montar os espaços, divulgação, etc. Trouxemos muita gente bacana e o evento foi um sucesso.

Na noite do último dia estávamos todos no “ISOBAR”, um boteco de rua que ficava de fora da faculdade, comemorando o sucesso do evento. Aquele dia deu para ver como ela estava orgulhosa da gente.

Outro momento marcante foi quando ficamos sentados na rádio nós dois, depois de alguns anos. Eu comentava quantos por ali passaram e já estavam encaminhados no mercado de trabalho, a partir da experiência que tiveram na rádio. A alegria dela era algo único. Afinal, era um projeto que fizemos “na marra” que deu certo e não só formou profissionais, mas também pessoas bacanas para a vida.

Ali ela disse: “Será que agora é a sua vez?”. Eu já estava no final da minha segunda graduação, e ela era novamente minha orientadora. A apresentação do projeto foi muito mais tranquila, até porque naquela oportunidade eu já sabia como me portar melhor. Novamente fui aprovado e, a partir dali, comecei a apresentar aquele projeto de rádio para outros lugares. Trabalhei em rádios de todos os estilos e hoje tenho minha empresa de comunicação.

Olha como é a vida. Meu sócio era uma das pessoas que passaram por lá e juntos estamos há 10 anos trabalhando do jeito que nos foi ensinado. O que aprendi com ela, mesmo que para muitas pessoas parecesse estranho, foi fundamental para o profissional que sou hoje. Eu sou muito grato por tudo que passei por ali e ela sempre está nas minhas orações. Tenho certeza que a professora Alda sempre estará olhando por nós.

Minha eterna gratidão,

---

por Pedro Amorim,  
Jornalista e radialista formado na UVA



## Lute como uma Jornalista

Conheci Alda por intermédio do João, amigo dos bancos da UFF, como estudantes. Nossa amizade em de longe. Desde o primeiro encontro – não lembro quando nem as circunstâncias – senti que tínhamos afinidades, além da profissão de jornalista. Professoras de jornalismo e gateiras (descobri depois).

Como professoras temos o compromisso com a qualidade do ensino. Um momento marcante foi quando fomos a Vila Velha (ES) participar do III Encontro Rio-Espírito Santo de Professores de Jornalismo com a responsabilidade de organizar, no ano seguinte, o evento no Rio de Janeiro.

Alda ficou com a maior parte, pois professora da Universidade Veiga de Almeida, assumiu junto com outros professores do curso a responsabilidade local do IV Encontro Rio-Espírito Santo de Professores de Jornalismo. Eu, da diretoria do então Fórum Nacional de Professores de Jornalismo (hoje ABEJ), dei o respaldo. Hoje não lembro detalhes mas guardo na memória que naquele sábado de novembro de 2008 tudo funcionou com planejado, desde a programação a infraestrutura da UVA. Nos encontramos em outros eventos acadêmicos e também profissionais. O 32º. Congresso Nacional de Jornalistas, em Ouro Preto (MG), em 2006, é um deles.

Mas a memória mais afetiva é como gateiras. Não sei quando ela começou a cuidar dos gatos abandonados de Laranjeiras. Mas foi pelas redes sociais que acompanhei mais de perto seus cuidados. Foram inúmeras postagens ora indignada com o abandono dos animais ora pedindo ajuda para socorrer os mais vulneráveis. Fui solidária nos apelos indignados, seja “curtindo” seja compartilhando. E, sempre que possível, atendi a seus pedidos para ajudar a amenizar a dor daqueles que estavam doentes, seja com medicamentos, consultas, entre outras despesas.

Sei que onde estiver Alda continua lutando pela volta do diploma em jornalismo e cuidando dos animais abandonados de Laranjeiras. Saudades!!!!

---

por Carmen Lucia Pereira

## Homenagem da Rede Alcar na UFF

Pediram-me pra escrever sobre Alda, essa moça charmosa que conheci como aluna, depois namorada, companheira e, desde abril, uma estrela.

Alda Maria de Jesus de Almeida, alfacinha porreta nascida em Caxias, no concelho de Oeiras, freguesia de Paço d'Arcos, na periferia de Lisboa, chegou ao Brasil aos 15 de idade, em janeiro de 1974, quatro meses antes da Revolução dos Cravos.

Antes viveu 12 meses em Moçambique com os pais. Como ela conta em uma de suas crônicas veiculadas na Rádio MEC, foi lá que perdeu a ingenuidade ao se deparar com a crueldade dos colonialistas portugueses contra os africanos. Viu empregados domésticos negros sendo açoitados pelos empregadores, enfrentou a carência de alimentos em uma colônia que lutava por sua independência.

A primeira cama em que Filomeno, o empregado da família, dormiu foi presenteada pela mãe de Alda. O padrasto era mal visto por alguns vizinhos porque dava carona em seu carro para cidadãos negros. Como refresco para tanto amargor, foi em Moçambique que ela bebeu Coca-cola pela primeira vez. No Portugal salazarista o refrigerante estrangeiro era proibido.

A portuguesa mais brasileira que conheci, a leitora de livros mais voraz com quem convivi, a mulher mais carinhosa com quem tive o imenso prazer de estar por 40 anos, dos quais quase 35 como parceiros de amor e admiração, dividindo a mesma casa.

Esta homenagem acontece no lugar certo. Acontece na UFF e em Niterói. Alda estudou aqui e começou no jornalismo também aqui, na cidade onde morava desde os 17 anos. Trabalhou como redatora da Rádio Fluminense, a maldita, a primeira emissora a abrir espaço para o rock brasileiro. E antes que eu me esqueça, devo dizer que Alda era uma grande roqueira e dançava de fazer inveja;



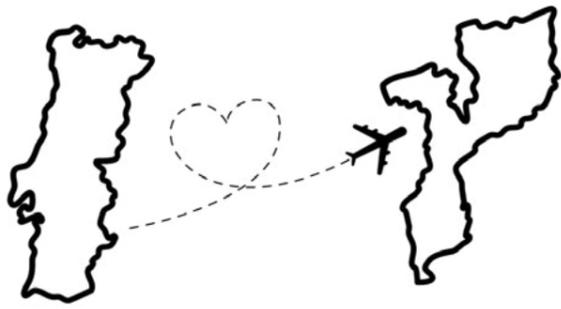
Ainda em Niterói trabalhou nos jornais *Lig*, *A Tribuna* e *O Fluminense*, como repórter de cultura. Também foi assessora parlamentar na Câmara de Vereadores. Pela Tribuna viajou até Oriximiná, às margens do rio Trombetas, para conhecer o trabalho do *campus* avançado da UFF no interior do Pará. Na volta, viajando junto à janela, percebeu um dos motores do avião havia entrado em pane, mas os tripulantes exigiram que ela ficasse quieta para não amedrontar os outros passageiros. A repórter aguentou calada, mas quase enfartou.

Depois atravessou a Baía de Guanabara e foi trabalhar na

Rádio MEC. Uma das entrevistas que ela mais adorou fazer foi com seu patricio, o escritor José Saramago, quando ele recebeu o título de professor honoris causa da Universidade Federal Fluminense.

A repórter também passou por alguns sufocos. Em 1986, quando cobriu a inauguração do CIEP Geraldo Reis – hoje colégio de Aplicação da UFF –, o lugar estava tão cheio que a moça magrinha acabou levando um empurrão e foi parar justamente nos braços do governador Leonel Brizola, que a segurou e reclamou dos jornalistas.

Alda amava o livro *Jangadas de Pedra*. De certa forma a história do



livro tem a ver com a vida dela. A jangada de José Saramago é a Península Ibérica, que se desprende da Europa e parte para singrar os mares. Alda partiu de Portugal, foi morar em Moçambique, ainda colônia africana, atravessou o Oceano Atlântico e veio parar no Brasil Morou no Rio, em Salvador, Santo Amaro da Purificação, terra de Caetano, até fixar âncora em Niterói. Quando se casou comigo, atravessou a Baía e aportou no bairro de Laranjeiras;

Sempre brincamos muito. Sempre nos provocamos, talvez uma forma de testar nosso bom humor e trocar confidências. Como professor eu a reprovei por falta na disciplina de Radiojornalismo. Era uma longa greve de professores. A mocinha viajou ao Nordeste com os pais e ficou por lá. Não voltou para as aulas de reposição. O jeito foi reprová-la por falta. Não estava sozinho nessa maldade. O professor Muniz Sodré fez a mesma coisa.

No semestre seguinte, dia da matrícula, estava eu lá sozinho na mesa. Revoltada, a mocinha portuguesa refez a inscrição. Antes de sair, aproveitou que a sala estava vazia e me tascou um bico na canela. O susto foi maior que a dor.

Mas este não foi o pior castigo recebido por aquele jovem professor que fingia ser durão. Meses depois ela começou a me paquerar e tempos depois efetivou seu maior castigo. Casou-me comigo.

Foram quase 35 anos dividindo o mesmo cobertor, repartindo as contas e cuidando dos três filhos e de seis gatos. Isso além do enteado, Pedro, com quem ela oferecia o mesmo amor dedicado aos filhos. A ponto de ele dizer que nunca teve “madastra”, mas sim “boadrasta”.

Alda sempre foi teimosa. Não aceitou a pressão da comunidade portuguesa e não quis torcer pelo Vasco. Escolheu o clube que tem as cores da bandeira de Portugal, verde e vermelho: o Fluminense. Na primeira vez que o tricolor foi rebaixado, fez questão de ir trabalhar vestindo a camisa do clube. E foi de metrô pra todo mundo ver.

Portelense de coração, a galeguinha era fã de Paulinho da Viola. Um dia, cobrindo o desfile na avenida, emocionou-se só de ouvir a música



composta por ele no “esquenta” da concentração.

Formada em Jornalismo na UFF em 1985, aos 26 anos, só foi tirar o registro profissional de jornalista oito anos depois, quando trabalhou com o repórter fotográfico Alberto Jacob Filho, na época presidente do Sindicato de Jornalistas do Município do Rio de Janeiro. Dizem que santo de casa não faz milagre. No caso dela, é pura verdade. Nunca levou a sério meus conselhos para tirar registro.

Lecionou Radiojornalismo por 11 anos na Universidade Veiga de Almeida e foi professora substituta na ECO da UFRJ e depois na UERJ. Por onde passou conquistou a simpatia e a admiração de colegas e alunos. Várias vezes recebeu homenagem nas formaturas. Participou de pesquisa sobre a mulher na redação, escreveu artigos sobre rádio e história da mídia, a maioria deles apresentados na Intercom e aqui na Rede Alcar.

A aposentadoria, primeiro, e depois a pandemia nos tornaram ainda mais próximos no cotidiano do isolamento. Acordávamos juntos, tomávamos café juntos assistindo ao Bom Dia Rio e ao Bom Dia Brasil juntos. Eu elogiava as repórteres bonitinhas e ela rebatia, avaliando os repórteres gatos. Nada que não passasse de uma provocação de duas pessoas que se amavam.

Quando a idade foi avançando, eu mexia com ela chamando-a de “Donalda” e ela rebatia: “Donalda é a mulher do Pato Donald”.

Alda era devota de Santo Antonio. Toda semana na feira eu tinha que comprar uma rosa que ela depositava na imagem do santo português na cabeceira da cama. Algo que funcionava quase como

religião, a religião do bem, que tornava o cotidiano mais ameno, afetivo e bonito. Claro, eu não abria mão da provocação. E dizia “Não sei por que você reza tanto pra esse santo? Pediu tanto um bom casamento e nunca conseguiu?”

Com o tempo tornou-se a filha que meus pais nunca tiveram. Nora e sogra se entendiam às mil maravilhas. Se entendiam tanto que ela me provocava: “Posso ter errado de marido, mas de sogra eu acertei”.

Aldatinha as mesmas qualidades do rádio. Compartilhava a atenção com todos, era atraente, gostava de prestar serviços aos necessitados e, acima de tudo, era companheira, Uma grande companheira..

Em abril, metade de mim viajou para o céu. Ficou só a outra metade. Ficou uma saudade infinita. Uma lembrança dos momentos bons, das viagens, das histórias compartilhadas e também das tristezas que vivemos juntos.

O poeta Fernando Pessoa, ou Alberto Caieiro, um de seus heterônimos, escreveu:

*“O amor é uma companhia.  
Já não sei andar só pelos caminhos,  
Porque já não posso andar só.”*

Fica muito mais difícil descobrir o caminho quando se está sem a companhia do amor. Quem anda só corre mais risco de tropeçar.

O último show que vimos no Vivo Rio foi o do cantor e compositor português Antonio Zambujo, poucas semanas antes das eleições do ano passado. Olha o Antonio aí outra vez. A cantora Carminho deu uma canja e cantou uma canção que nós dois não conhecíamos. “Estrela”. Que música linda.

Foi uma espécie de premonição. Alda virou estrela e eu, mero peregrino. Dizem que as imagens valem mais que mil palavras, mas as palavras complementam os sentimentos de amor, paixão e saudades. Alda foi uma pessoa terna e hoje é eterna.



## **Alda e seu namorado: amor e parceria não invisibilizam a mulher**

Alda deixou tantos legados a tocar nossos corações e mentes nas suas trajetórias como jornalista, docente, pesquisadora, mulher, mãe, colega, amiga... Foi, é e continuará a ser fonte e inspiração inesgotáveis para artigos, perfis, debates teóricos, profissionais e conversas sobre a vida.

Ao ser convidada para falar sobre ela aqui, logo selecionei um aspecto de sua vida que pode parecer apenas singelo, mas, para mim, é um dos que mais encantam, inspiram e imprescindíveis também de se destacar: o que Alda me mostrou da sua relação com o namorado João Batista. Não tive uma convivência cotidiana com ela e ele. Encontrava, conversava, debatia e compartilhava experiências e pesquisas, principalmente nos encontros acadêmicos, em que, ainda bem, não se partilham só conhecimentos, como igualmente afetos e vidas. Por isso, acho que tive o privilégio de conhecer Alda para além da jornalista, professora e pesquisadora.

Não lembro quem conheci primeiro, se Alda ou João Batista, ou se ela e ele ao mesmo tempo. Realmente não importa, pois mesmo que a maioria das vezes tenha convivido com ambos, juntos, nunca encontrei Alda apenas e simplesmente como a mulher de João Batista. Inclusive quando trabalhavam em parceria ou coautoria, sempre me foi possível observar e compreender o protagonismo ou o cunho de Alda.

As trajetórias de Alda são de Alda. Foi o que sempre me transpareceu a cada encontro, debate, conversa, a cada troca. E que mulher inspiradora! Tanto quando debatia suas pesquisas, suas experimentações acadêmicas, seus trabalhos profissionais e de docência como quando falava dos seus afetos: os filhos, o enteado, os/as alunos/as, amigos/as e, evidente, do seu namorado.

E sempre com humor, por vezes até irônico, eloquência, expressando um jeito de ser rebelde, revolucionária e, sobretudo, de luta. Características que, nas minhas percepções sobre ela, mais constituem o seu perfil. Alda – era minha impressão - estava sempre pronta para lutar as boas lutas.

As trajetórias de Alda são de Alda. Seu amor e parceria com João Batista não a fizeram ser sombreada, apagada, invisibilizada. Agora, querida Alda, inclusive com a ajuda do seu namorado, vamos continuar mostrando os seus percursos. Assim, como inspirou a mim e a tantas outras que te conheceram, permanecerás lutando com a gente para que as mulheres reconheçam e sejam reconhecidas no seu devido lugar na história, em especial da comunicação e do jornalismo. Com suas trajetórias, Alda me representa!

*por Valci Zuculotto,  
professora de jornalismo nos cursos de graduação e pós-graduação da UFSC*



*Alda e João no centro do mundo*



## **Alda de Almeida: companheirismo e defesa do rádio**

2023 foi um ano cruel. No dia 13 de abril, ele nos tirou Alda de Almeida. Portuguesa de nascimento, Alda tinha o Brasil no coração. E claro, o Brasil também a tinha – a tem – no coração. Ainda jovem, a ditadura de Salazar a levou a sair de Portugal, rumo a Moçambique e depois, ao Brasil. Aqui construiu uma vida, sua família de sangue e uma enorme família de afetos.

A ausência de Alda é sentida por nós, pelas pessoas, mas também pela comunicação. comprometida, engajada, amante do rádio e do jornalismo. Olhando para sua história vemos que o sorriso largo e constante era acompanhado pela paixão e pelo comprometimento. Defendia a democracia e a justiça social com unhas e dentes.

Alda entendia o papel do rádio na sociedade porque viveu o rádio. Trabalhou nas rádios Fluminense, Globo e MEC. Passou também pelos jornais *A Tribuna*, de Niterói, e *O Fluminense*.

A paixão pelo rádio e a compreensão de que podemos fazer mais para mudar a sociedade e melhorá-la também a levaram à sala de aula. Alda foi professora na Universidade Federal do Rio de Janeiro, na Universidade do Estado do Rio de Janeiro e na Universidade Veiga de Almeida.

A menina portuguesa – a portuguesa bem brasileira – inspirou na sala de aula, como inspirou no Grupo de Pesquisa Rádio e Mídia Sonora com suas preocupações cotidianas com a formação, com o jornalismo. Alda defendia o jornalismo na rua, observando o mundo. Ela nos ensina que o rádio se faz com sorrisos, mas também com batalhas cotidianas. E que nosso compromisso, neste meio companheiro como ela, é ter empatia e compreender nosso lugar de agentes de mudança.

Alda Maria de Jesus Almeida. Jornalista. Professora. Pesquisadora, defensora do rádio e da democracia. Amiga. Sentiremos sua ausência física, mas a teremos sempre conosco. Seu legado segue conosco. Sua voz nos acompanha através de sua trajetória no rádio. E seguiremos defendendo o lugar do rádio como agente social também em seu nome.

*por Debora C. Lopez e Alvaro Bufarah,  
Representantes do grupo de pesquisa rádio e mídia sonora da Intercom*



## Um texto de Alda

*O mundo da gente morre antes da gente.* A frase, da jornalista norte-americana Joan Didion, foi feita título de um belo texto de Eliane Brum, há uns dez anos, que fala deste sentimento de perda crescente que vamos tendo na medida em que envelhecemos<sup>1</sup>. E de que, quanto mais vivemos, mais vemos se perder o mundo que nos forneceu as referências e motivou a nossa interferência nele.

A frase me vem à mente agora, relendo o texto de Alda de Almeida que compartilhei nas redes sociais no instante em que soube de sua partida. *O gênero debate e o mito da superficialidade do rádio: a experiência do programa Além da Notícia* foi originalmente uma comunicação que assisti Alda apresentar no Grupo de Rádio do Congresso da Intercom em Campo Grande, em 2001<sup>2</sup>. Pedi a ela para publicar o texto no dossiê sobre rádio que inaugurou a revista *Estudos em Jornalismo e Mídia* da UFSC, que fundei três anos depois.

Neste meio tempo eu já usava o texto de Alda em minhas aulas de radiojornalismo, e ele motivou a criação de uma disciplina optativa, *Debate em Rádio*, que ofereci à graduação em Jornalismo da UFSC durante vários semestres como tópico especial. Debates memoráveis foram produzidos na disciplina, que depois ouvíamos e analisávamos sempre tendo como referência as lições de Alda naquele texto. Lições que eu avalizava com minha própria experiência de produção de debates na Rádio Gaúcha e na Rádio Jornal do Brasil.

1. [https://brasil.elpais.com/brasil/2014/08/18/opinion/1408367710\\_653831.html](https://brasil.elpais.com/brasil/2014/08/18/opinion/1408367710_653831.html)

2. <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2001/papers/NP6ALMEIDA.pdf>

Alda foi muito feliz ao traduzir naquele texto toda a sua experiência no comando do programa da Rádio MEC. Suas dicas são preciosas quanto aos detalhes técnicos da produção, do planejamento à colocação no ar, passando pelo enfrentamento de imprevistos. E vão muito além de um manual ao criticar o empobrecimento do jornalismo em rádio com sua redução apenas às notícias ligeiras, incapazes de explicar qualquer coisa, diagnosticar que isso já ocorria na época pela miopia da motivação comercial das emissoras e apontar o debate radiofônico como um caminho factível de superação desta limitação.

Mas o que nos envolve mesmo no texto é a paixão de Alda pelo jornalismo bem feito, sua coragem de enfrentar o poder para conseguir realizá-lo, seu testemunho pungente e honesto de como perseguir isto a cada edição do programa, enfrentando toda a sorte de dificuldades. Uma postura potente para motivar seus leitores e alunos.

Haverá alguém que, conhecendo hoje o texto de Alda, o considere ultrapassado por ter sido escrito numa outra época, anterior à que agora é marcada pela lógica da “produção de conteúdo” e do domínio das redes sociais. De fato, aquela parece ter sido uma época diferente, marcada pela presença na vida acadêmica de muitos jornalistas, como ela, com experiência significativa de redação e compromisso sagrado com a dignidade do diploma de nível superior na profissão. Foi o tempo de Alda de Almeida, daquele mundo da gente que vai morrendo antes da gente.

---

por Eduardo Meditsch,  
Professor de jornalismo e pesquisador permanente da UFSC



## “Dáiel” ou dial? O Botafogo e o Guaíba

Conheci a Alda e o João Baptista nos congressos da Rede Alcar. Para quem não conhece, trata-se da Rede Alfredo de Carvalho, fomentada pelo professor José Marques de Melo para dar conta de diversas pesquisas realizadas sobre a história da mídia.

*No primeiro deles, em Niterói/RJ, confesso, não tive boa impressão dela. Quando eu apresentava um artigo, em plena sessão em que a maioria dos expositores fica muito nervosa, a Alda não resistiu quando eu pronunciei a palavra “dial” como está escrita.*

- É dáiel, é dáiel, é dáiel !!!

Apartou, sem pedir licença...

Talvez por respeito, talvez por pena do apresentador, ela tenha empregado o tom exclamativo na manifestação, evitando proferir uma frase mais completa que me passou pela mente naquela hora: “é dáiel, é dáiel, é dáiel” seu gaúcho burro.

Poxa, que autenticidade, pensei.

Uma vermelhidão tomou conta do meu rosto e não sabia se continuava. Paralisei. Reconheci a pronúncia correta em inglês, mas tentei explicar que, em Porto Alegre/RS, grande parte dos comunicadores das emissoras usava mais a palavra abasileirada.

Piorou! Olhei nos olhos dela, de onde crispava um ar de total desaprovação. Do jeito que foi possível, consegui chegar até o final.

Quando a sessão terminou, rapidamente tentei sair da sala, aproveitando meu título de campeão dos 100 metros rasos na adolescência. Não adiantou. Ela foi mais rápida. Trouxe o JB a tiracolo e me alcançou, no corredor, para continuar o assunto.

*1. Quadrante graduado dos aparelhos de rádio, com ponteiro indicador de sintonia.*



- Não pode ser dial (porque isso, porque aquilo)

Nem lembro mais as justificativas. Só queria sair dali.

(Desligar o dial...)

Nos reencontramos em Porto Alegre/RS. Ela e seu indefectível parceiro JB. Uma dupla, que se via de longe, funcionava como Batman e Robin. Tenho certeza que ela era o Batman, pois dava as ordens!

Levei-os até à beira do Guaíba, para ver o pôr do sol, falarmos de rádio, de jornalismo, do mundo, do Grêmio, e claro do Botafogo. Ganhei do JB um uniforme completo do Botafogo, para os meus netos.

Meu neto Theo, vestiu e jogou com ele. Agora, a camiseta está na coleção do irmão dele, o Pedro, o Pedroca. O Theo desistiu do futebol e foi para o surfe. O Pedroca está firme nas quatro linhas, honrando o presente que ganhei do JB.

Volte e meia lembro dessas passagens. Um grande sorriso toma conta da minha alma. Recordo bem dos olhares entre a Alda e o JB à beira do Guaíba. Vejo o pôr do sol de felicidade nos olhos deles, vejo a importância dos encontros e da lembrança dos amigos que vão permanecer para sempre no coração da gente.

*por Luciano Klöckner,  
Jornalista e professor da PUC-RS*



## O despertar de paisagens sonoras

A impossibilidade de a Universidade pública suprir a carência de professores com a velocidade que gostaríamos, por incrível que pareça, pode nos proporcionar gratas surpresas e encontros marcantes. Foi nesse contexto que Alda foi selecionada como professora substituta para assumir a cadeira de Comunicação e Rádio na Faculdade de Comunicação da UERJ.

Chegava à Universidade mais ousada do país a portuguesa mais brasileira que conheci. Em muitos aspectos Alda tinha essa capacidade de nos surpreender. A já senhora tinha uma vitalidade e energia pra lá de jovem. A aparente seriedade guardava uma amabilidade e carinho no trato com alunos e colegas. Rapidamente os alunos de sua turma entenderam que seriam cobrados sim, mas que teriam o privilégio de aprender com alguém que realmente se importava com a formação de cada um deles.

A disciplina era o primeiro contato dos alunos de Jornalismo e Relações Públicas com o rádio. O trabalho desenvolvido por Alda, exercícios de construção de paisagens sonoras, as primeiras noções de texto radiofônico, despertou em muitos o interesse pelo meio e a vontade de estagiar no Laboratório de Áudio da FCS, o Audiolab.

Para os alunos que tiveram a oportunidade de tê-la como professora, ficaram o exemplo, a aprendizagem e a oportunidade de criar, amparados por alguém com tanta bagagem, mas pronta para novas viagens.

Para os colegas a presença de Alda era a certeza de uma boa conversa no meio da tarde entre uma aula e outra. Hoje para nós resta a saudade.

---

*por Gisele Sobral,  
Coordenadora de Jornalismo do Laboratório de Áudio FCS/UERJ*



## Meus encontros com a querida Alda

Lembro dela com muito carinho e admiração. Eu a vi muitas vezes nos congressos da Intercom e da Alcar. Não sei exatamente em que edições ou em quais anos. Nesses encontros a percebia como uma mulher forte, rosto sempre elevado e, quando falava, era num tom de voz ameno. Não precisava se impor. Começava a falar e todos, sim, praticamente todos, prestavam atenção. Era carismática. Naturalmente atraía olhares e atenção quando tinha algo a declarar, contestar, sugerir. Sim porque nos eventos científicos cada trabalho apresentado abre espaço para muitos debates. E Alda sempre tinha uma contribuição.

Mas só quando bolsista Qualitec e pesquisadora ao lado dos queridos Marcelo Kischinhevsky e Gisele Sobral, no Laboratório de Áudio da UERJ, entre 2014 e 2018, é que pude conhecer mais a querida Alda. Fomos colegas como professoras da universidade com a qual ela mais se identificava pelo perfil social dos alunos e por causa do pessoal do estúdio de rádio, segundo o eterno namorado e marido João Batista.

O pessoal do rádio éramos nós, Marcelo, Gisele e eu, além dos alunos e/ou estagiários e técnicos, que sempre a recebíamos de braços abertos no espaço pequeno mas acolhedor. Foi ali onde dávamos aula, gravávamos as notas radiofônicas, reportagens e programas que ficamos mais perto uma da outra. E assunto não faltava.

Além das aulas e encontros compartilhados que reuniam as turmas, tínhamos dois temas que nos uniam: gatos e carnaval. Além dos gatos que sempre teve em casa, Alda também cuidava dos gatinhos da rua. E ficava furiosa quando sabia de maus-tratos aos bichanos.



## De corpo e alma

Em 2012 fui convidada a fazer parte de uma pesquisa sobre mulheres nas redações. “Informe global sobre a situação da mulher nos meios noticiosos” seria uma investigação patrocinada pela *International Women’s Media Foundation* (Fundação Internacional sobre Mulheres na Mídia), coordenada pela pesquisadora Carolyn Byerly, da Universidade de Washington, conhecida por seus estudos de gênero.

A pesquisa se concentraria nas mulheres que trabalham em redações jornalísticas em vários países da América Latina, entre eles o Brasil, como também na Europa, América do Norte, Ásia e África. Partia-se da constatação de que o contingente feminino nas empresas de mídia tinha aumentado, mas a ocupação de postos de comando pelas mulheres ainda parecia ser escassa. O estudo utilizaria entrevistas em profundidade com jornalistas em diferentes funções na indústria jornalística.

Fui encarregada de coordenar a pesquisa no Brasil, com a aplicação de questionários nos meios jornalísticos e, para isso, precisei montar uma equipe. Fiz contato com colegas jornalistas, pesquisadores e professores nas universidades do país. No Rio de Janeiro, consultei meu amigo João Batista – companheiro no **Jornal do Brasil** e na Universidade Federal Fluminense – que, na impossibilidade de tocar o trabalho, indicou a Alda. Foi assim que nos conhecemos. De início pelo telefone e e-mail. logo encarou a tarefa. Não teve dificuldade em compreender a importância e a complexidade do trabalho.

Era preciso aplicar à chefia dos veículos e a algumas jornalistas um total de 54 questões, algumas delas minuciosas, delicadas. Pela natureza da investigação e afinidade com o tema, eu dava preferência às pesquisadoras.

Alda e eu tivemos umas duas conversas por telefone – apenas o necessário para ela entender a profundidade da coisa. Lembro-me de que, em algumas capitais, as pesquisadoras apresentaram grande dificuldade

Agora, escrevendo essas linhas, me vejo fazendo a mesma coisa. Tenho uma gata que se chama Preta Pretinha e cuido dela com todo o amor possível. Mas também cuido de gatos que moram num espaço abandonado perto da minha casa, na cidade de Imperatriz, no Maranhão. Eis que agora percebo que a compaixão dela pelos bichanos aflorou em mim. Que alegria perceber esse legado deixado por ela.

Alda gostava de falar de carnaval, das escolas de samba, os sambas-enredo. Mesmo não torcendo pela mesma agremiação, vibrávamos com as conquistas de cada uma. Eu mangueirense; ela portelense. O importante é que falávamos como se tivéssemos propriedade e conhecimento de causa com profundidade. Hoje me dou conta de que éramos apaixonadas por samba, pela percussão, o ritmo que nos dá vontade de viver e se sentir viva.

É isso! Alda vivia com intensidade, com amor e dedicação pelo que fazia. Tinha amor pelos gatos, pelo samba, pelo Rio de Janeiro que a acolheu quando veio de Portugal, pelo amor da sua vida, João Batista, os filhos e a profissão escolhida: professora.

Obrigada, querida Alda pelos ensinamentos! Sou privilegiada por ter desfrutado algumas horas ao lado desta mulher forte, amável e carinhosa.

---

por Gisele Sobral,  
Coordenadora de Jornalismo do Laboratório de Áudio FCS/UERJ

em conseguir ser atendidas. Alda deu conta do recado rapidamente. Com grande eficiência, colocou no papel aquela montanha de dados e ainda me ajudou a tabulá-los para enviar a Washington.

Depois, junto com a professora da Universidade de Brasília Zélia Leal Adghirni, compusemos um capítulo do livro "The Palgrave International Handbook of Women and Journalism": publicamos o artigo "Brazil: Need for National Debate on Women in Journalism", feito com os resultados de pesquisadoras que, como Alda, contribuíram tão dedicadamente ao estudo.

Foi, sem dúvida, com esse trabalho de formiguinha – reunindo um por um dos dados em 15 empresas de mídia de 11 estados – que traçamos este painel da situação da mulher nas redações brasileiras. Alda era uma delas e se envolveu de corpo e alma na pesquisa, adicionando sua própria experiência aos números que coletava.

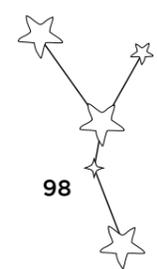
Conheci Alda pessoalmente mais tarde e conversamos sobre os resultados da pesquisa e a situação da mulher no Brasil. Mais do que o perfil de jornalista e pesquisadora, pude perceber sua doçura e o imenso amor pela terra que a acolheu. Foi assim que a vi e que ela me contou como chegou ao país. Casou-se com o João e teve os filhos que adorava.

---

*por Thaís de Mendonça Jorge,  
Jornalista, professora da Universidade de Brasília e ex-professora da UFF*

## *Alda por...*

Amigos e vizinhos de Laranjeiras





*All Star*

*Estranho seria*

*Se eu não me apaixonasse por você*

*O sal viria doce para os novos lábios*

*Colombo procurou as Índias*

*Mas a terra avisto em você*

*O som que eu ouço*

*São as gírias do seu vocabulário*

*Estranho é gostar tanto do seu All Star  
azul*

*Estranho é pensar que o bairro das  
Laranjeiras*

*Satisfeito sorri, quando chego ali*

*E entro no elevador*

*Aperto o 12 que é o seu andar*

*Não vejo a hora de te encontrar*

*E continuar aquela conversa*

*Que não terminamos ontem*

*Ficou pra hoje*

*Nando Reis*

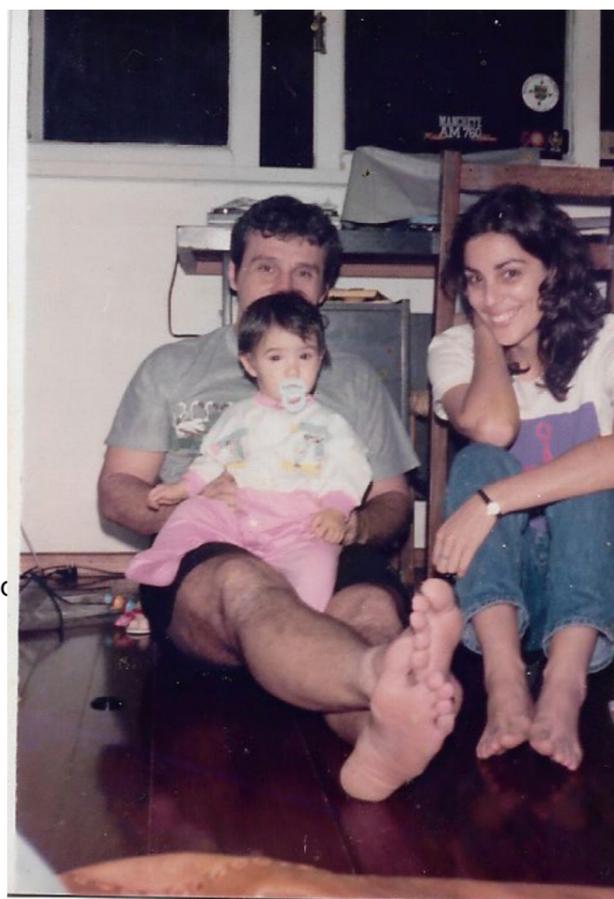
## Conhecia Alda muito antes de a encontrar

Alda entrou no meu radar quando ainda era namorada do João, mas antes disso já sabia de sua existência, através do nosso saudoso amigo em comum, Aníbal Bragança, sem saber que se tratava dela.

Alda trabalhou na livraria Pasárgada, do Aníbal, assim como Sávio, um amigo que conheci no “trem da morte”, rumo à Bolívia passando pelo Pantanal, no final da década de 1970. Sávio me falou que trabalhava em uma livraria em Icaraí, que mais tarde descobri que era a mesma do Aníbal, o que me falou da Alda, que namorava o João. João nunca me disse que conhecia o Sávio!

Convivi pouco com a Alda, mas nos víamos sempre que eu ia ao Rio. Algumas vezes fui hospedada no apartamento deles. De minha parte, a recebi uma vez em Porto Alegre, quando veio para um congresso de Comunicação, juntamente com o João.

Foi muito divertido, pois João colocou uma garrafa de cachaça na mala para me presentear, a qual chegou a tampa estava aberta e o líquido derramado. Alda “subiu nos tamancos”, esbravejou, mas sem terem o que fazer saíram com a roupa do corpo para o congresso. Enquanto isso, suas roupas encharcadas de cachaça eram lavadas na esperança de que secassem para o dia seguinte.



Quanto às minhas hospedagens na casa deles, na primeira vez Alda ainda não tinha filhos. Era Carnaval e João foi para a Avenida cobrir o desfile, ficando nós em casa, papeando e assistindo às escolas de samba pela TV. Viramos a madrugada aboletadas em puffs espalhados pela sala.

Na segunda vez já existia a Mariana, que deveria ter uns três ou quatro anos. As conversas entabuladas no primeiro encontro tomaram outro rumo, pois a filhota absorvia toda sua atenção. Quando não podia nos acompanhar, ela liberava o João para me levar aos seus botecos favoritos em Laranjeiras.

Os outros dois rebentos, João Marcelo e André, foram conhecidos em duas outras visitas, quando passei a me hospedar no apartamento de Dona Maria Aparecida, sua sogra, pois já não havia quarto de hóspedes na morada do casal, que também acolhia o Pedro, filho do João com a Sônia, que mais tarde também tornou-se minha amiga.

*A última vez que encontrei com a Alda foi ao visitá-la, especialmente para levar meu abraço após o enfarte que a acometeu. Já estava com a saúde frágil, mas sua fortaleza permanecia quase intacta.*



Logo após seu falecimento, sua filha Mariana esteve hospedada aqui em casa, quando conversamos muito sobre sua mãe, que continuará em nossas memórias da forma como marcou a vida de cada um de nós.

por Nilda Jacks,  
Professora titular do curso de Comunicação Social da UFRS

## Alda faz falta



D. Aparecida, minha amada amiga e vizinha insuperável, sogra de Alda. Após seu falecimento, Alda e a família se mudaram para o apartamento. Virou minha nova vizinha, apesar de conhecê-la há tempos.

Assim que se mudou, pediu-me para colocar tela na área de serviço em comum, por conta dos gatos que moravam com a família. Hesitei muito porque era meu local de encontro com D. Aparecida, onde colocávamos banquinhos, conversávamos por horas e apreciávamos a vista linda do nosso hall de frente para o Corcovado. Tampouco, gostaria de

me sentir presa. Mas a delicadeza da Alda, o cuidado e o amor por esses gatos eram tão grandes, que não foi difícil me convencer. Ela amava também as plantas, apesar de não poder tê-las em seu apartamento. A prioridade eram os gatos. Então, ela cuidava das minhas plantas. A preferida era a “flor de maio” Quando brotava, Alda enlouquecia. Conversava e fazia carinhos! Muito lindo de apreciar esse cuidado e amor.

Um fato trágico mas engraçado. Alda não estava bem e precisou ser internada. Quando soube, decidi que precisava vê-la. Corri para o hospital e não permitiam mais visitas naquele horário. Problema algum. Quando o segurança se distraiu, entrei para visitá-la e rimos muito quando cheguei ao quarto. Burlei todas as regras. Precisava vê-la, estar com ela. Era isso. Não tínhamos muita intimidade, mas nossa conexão era grande. Alda era uma pessoa muito generosa! Cabiam todos em seu coração!

*Faz falta. “Você estará sempre presente em meus pensamentos”.*

por Alice Salles,  
professora de balé e de alongamento

## Um Ser de Luz



Nós nos conhecemos em Laranjeiras e viramos mais amigas por causa dos nossos filhos. Morei no Rio de 1988 a 2000 e os meninos faziam futsal no Fluminense. Amizade certa. Estávamos lá nos campeonatos, festas de carnaval, nos churrascos. Dividimos as notícias da escola, desempenho e dúvidas dos meninos. Uma grande conselheira. Sempre tinha algo sério ou bem humorado para compartilhar. Linda.

Alda adorava flores, como eu. Ela ia a uma feira mais perto da Rua das Laranjeiras e eu, na General Glicério. Entre verduras, legumes, frutas e peixes sempre estavam as flores.

*Um dos nossos temas também era a injustiça. Ela foi uma mulher que sempre teve um grande envolvimento com os que têm pouco ou nada. Estava sempre disposta a ajudar.*

Gostava muito de seu jeito firme e alegre, suas tiradas com misto de sarcasmo e bom humor. A imagem ainda vive em minha mente.

Nossos encontros geralmente eram aos domingos, quando as duas estávamos de folga. Sentadas em casa ou caminhando, pouco importava. Nossas alegres conversas eram sobre a vida, a família, o jornalismo e os amigos. Adorava a vida em família.

Um ser lindo que Papai do Céu resolveu ter como companhia. Ele também deve gostar desse tipo de pessoa. Minha linda amiga!

por Jô Mazzarolo, de Recife





## Uma Gaja das boas

A poetisa angolana Alda Ferreira Pires Barreto de Lara Albuquerque – simplesmente Alda Lara- me traz a imagem de farto sorriso e olhar cativante de Alda que nos deixou sem pedir licença.

Alda guerreira, de quem aprendi a gostar; portuguesa, gaja das boas e na qual identifiquei meus pendores lusitanos, e, acima de tudo, lisboetas.

Alda Maria de Jesus de Almeida chegou ao Brasil aos 15 anos de idade, em janeiro de 1974, quatro meses antes da Revolução dos Cravos, e logo se tornou brasileiríssima.

Jornalista de corpo e alma, casou-se com a profissão e com um companheiro, ambos amantes do rádio, ambos professores de Jornalismo. De notícia em notícia estiveram juntos 40 anos e tiveram três filhos.

Alda, amiga e cliente, se foi e me resta divagar na poesia de outra Alda, que sonha “se embriagar uma vez mais o olhar, numa alegria selvagem, com o tom da tua paisagem que o sol a dardejar o calor, transforma num inferno de cor”.

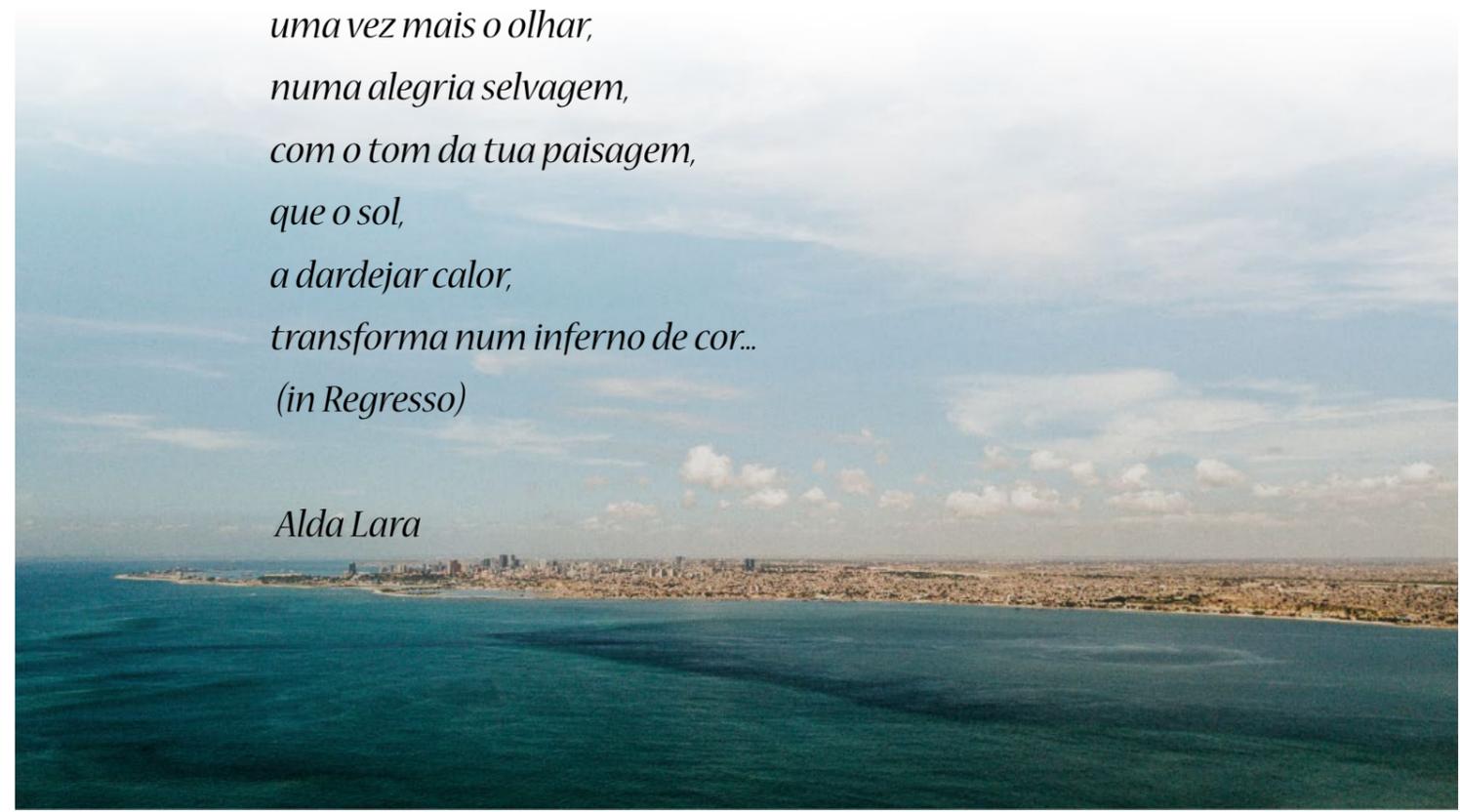
*Ainda que nos sonhos, na lembrança de teu  
sorriso e da força da mulher guerreira, retorna.  
Não nos esqueça.*

---

por Antero Luiz Cunha,  
Jornalista e Advogado

*Quando eu voltar  
que se alongue sobre o mar  
O meu canto ao criador  
porque me deu vida e amor  
Para voltar  
Voltar... Ver de novo baloiçar  
a fronde majestosa das palmeiras  
que as derradeiras horas do dia,  
circundam de magia...  
Regressar...  
Poder de novo respirar,  
(oh!...minha terra!...)  
aquele odor escaldante  
que o humus vivificante  
do teu solo encerra!  
Embriagar  
uma vez mais o olhar,  
numa alegria selvagem,  
com o tom da tua paisagem,  
que o sol,  
a dardejar calor,  
transforma num inferno de cor...  
(in Regresso)*

*Alda Lara*





## Uma Aventura Vitoriosa

Alda, uma mulher e amiga verdadeiramente notável. Aventureira, tinha um pouco de cada lugar onde viveu, Portugal. Moçambique, Bahia, Rio de Janeiro. A determinação inabalável e energia incansável a levaram a abraçar desafios.

Quem conheceu Alda sabe que ela tinha a capacidade de impactar positivamente a vida dos outros: amigos, alunos, companheiros de trabalho. Tinha uma profunda consciência social. Esta era a Alda a quem conheci e de quem fui amiga. Uma vitoriosa.

*Procurei e encontrei o significado do seu nome, de origem germânica: "aquela que é nobre" ou "a sábia". Um significado que reflete perfeitamente quem era Alda. Uma pessoa rica em sabedoria interior, fonte de inspiração para todos que tiveram, como eu, a sorte de cruzar seu caminho.*

Poderia lembrar quando nos conhecemos ou quando trabalhamos juntas na Petrobrás, na cobertura da Rio-92, ela como prestadora de serviços de assessoria de imprensa. Momentos de que não vou esquecer. Prefiro traduzi-los em como via Alda. Essa Pequena grande portuguesa arretada que soube viver e deixar cada um de nós felizes e orgulhosos de ter feito parte de sua vida.

Salve Alda!

---

por Lia Blower,  
Jornalista e ex-gerente de Relações Institucionais da Petrobras



## Minha Amiga de Alto Astral

Eu a conheci há muito tempo, num imbróglio condominial no bairro de Laranjeiras. que ambas amávamos. Isso deu o que fazer, pois o casal se apropriou do prédio, numa votação para lá de suspeita, bem a la Bolsonaro. Autoritária, a mulher do síndico é quem mandava, escamoteava dos moradores as contas, entre outras coisas. Ameaçava as todos com processos, e pasmem, estão até hoje à frente do condomínio. São 30 anos de poder.

Na época, conhecia poucos vizinhos, mas Alda no seu jeito amigável conhecia bem mais pessoas. Guardava nomes e apartamentos, o que eu não conseguia por puro desinteresse. Ela era daquelas que faziam visita para os que ficavam doentes, sempre com uma palavra de conforto.

Depois de um tempo, as brigas no prédio se acalmaram, o grupo que se formou contra a administração do casal se desfez. Alguns se mudaram e outros cansaram. A justiça não ajudava também. Mas a amizade se estreitou.

*Descobri nessa amiga uma inteligência ímpar, sempre com soluções práticas e sem muito mimimi. Mas o que fazia mudar o rumo de sua rotina era saber que havia gatos ao redor em abandono. Isso não.*

Ia em socorro deles, alimentava os bichanos todos os dias, seja nas ruas vizinhas, no INES (Instituto de Educação de Surdos) e até no clube Fluminense, inclusive com parcerias com outras gateiras. Cheguei a hospedar em casa, por pouco tempo, dois gatinhos a pedido dela.

Passei a conhecer o outro lado da Alda: o de jornalista. Sempre me mostrava os artigos que escrevia em algumas revistas. A partir daí, eu não fazia um trabalho como professora sem conversar com ela, que tinha sempre uma ideia ou viés para melhorá-los.

Certo dia, passando na rua a vi conversando com um casal que morava embaixo do viaduto há uns bons anos. Tinham pego uma cachorrinha, caramelo com o dorso preto. Duquesa fora abandonada por um morador problemático nas adjacências. Alda levava ração e outra vizinha a medicava.

Após alguns meses, o casal se desentendeu. O marido alegava traição da mulher com outros homens. Desolado, não queriam mais ficar com a Duquesa. Acabei adotando a cachorrinha que tinha um ano e pouco.

Sim, com a Alda minha vida era mais movimentada, sempre uma novidade. Passei a conhecer e conversar com outros moradores de rua, inclusive briguei com um, que, bêbado, bateu na mulher, me meti e o proibi de tal violência. Ele me obedeceu prontamente. No dia seguinte contei a Alda que riu da situação, e me contou um pouco mais sobre eles. Afinal éramos vizinhos, tínhamos esse direito. Alda era assim, promovia mudanças e vivia com simplicidade, respeitando a todos.

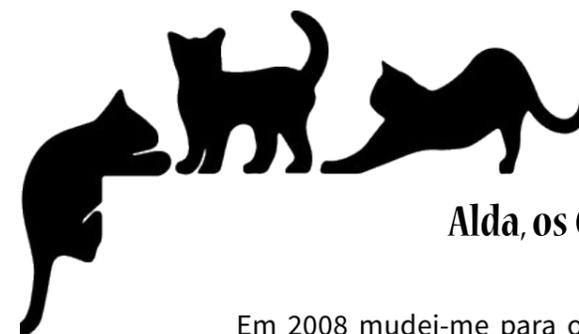
Minha vizinha gostava de visitar a Duquesa, que logo se adaptou à nova mãe, eu. Ficávamos conversando por horas no sofá da sala com a cachorrinha deitada em seu colo. Alda cuidava da Duquesa sempre que eu precisava. O papo sempre era divertido. Projetávamos viagens para o futuro. Ela me fez querer muito conhecer o Equador, viagem realizada com o João, seu marido, acho que um encontro de jornalistas e professores. Contava com riqueza de detalhes das comidas e do lugar. Assim era Alda, sempre de bom astral.

Lembro-me de um aniversário dela, comemorado em um dos bares da praça São Salvador, onde compareceram diversos jornalistas e amigos do casal. Foi divertido adentrar num meio desconhecido para mim.

Após a pandemia e a perda da Duquesa, nos encontramos novamente na rua. Ela, ainda se convalescendo, me falou que passaria na minha casa mais tarde, talvez para me confortar pelo luto, o que não aconteceu. Na despedida, de repente, eu a abracei longamente, como se soubesse que ela iria embora desse mundo em poucas semanas. Até hoje, quando desço a rua das Laranjeiras ao passar pelo Zacatecas, automaticamente olho lá pra dentro do prédio, na esperança de ver a Alda descendo a calçada. Quando me avistava, apertava o passo em direção ao portão de saída para trocarmos as novidades. Enfim nos resta a saudade.

---

por Áurea Romero,  
Professora de Língua Portuguesa



## Alda, os Gatos e o Amor



Em 2008 mudei-me para o mesmo edifício em que Alda morava, em Laranjeiras. Com pouco tempo livre, fazendo mestrado e trabalhando, eu não tinha tempo para vida social. Conhecia apenas a vizinha da frente.

*Até que Alda tocou a campainha da minha casa e se apresentou. Educadíssima, inteligentíssima, amável, fazia o que nossas mães nos ensinavam: apresentando-se e se colocando à disposição.*

*Impossível não admirá-la de imediato.*

Com regularidade, costumava passear com meus cães pela vizinhança e via os gatos lindos e bem tratados que moravam nas proximidades. Vi que eram cuidados e alimentados. Meus cães deitavam na rua para brincar com alguns deles, dóceis e maravilhosos.

Essa beleza, saúde e docilidade dos animais não era por acaso. Um grupo de moradores do qual Alda fazia parte cuidava deles. Era conhecida e querida por vários vizinhos da rua por seu trabalho em cuidar e castrar os animais. Conhecia as pessoas e os animais pelo nome.

Não demorou para que eu arrumasse meu primeiro gato – um gatinho preto de uns 45 dias que parecia estar doente. Do socorro veterinário para minha casa como lar temporário e depois definitivo – minha cadela o tomou como seu filhote – deu início minha convivência com os gatos e, por conta de regularmente eu observar os gatos da rua, o estreitamento de amizade com Alda.

Infelizmente um malfeitor envenenou quase todos os animais da área. Vimos os corpos de gatos lindos de todas as cores – “azuis”, amarelos, tigrados, rajados, pretos – e de animais silvestres – gambás, pássaros – mortos envenenados no meio da rua. Tomamos medidas para identificar o malfeitor e decidimos por acolher fêmeas grávidas e providenciar castração a adoção de filhotes.



Nossa saga mal começava. Mantivemos inúmeras ninhadas em lar temporário, inúmeros filhotes saudáveis foram adotados. Não foi fácil. Certa vez Alda monitorava as crias de uma gata que estavam em uma casa e que os donos não estavam deixando que a gata-mãe entrasse para que os filhotes fossem amamentados. Ela soube que eles iriam para o lixo e, às 5 da manhã, flagrou um funcionário colocando a ninhada de pouco mais de duas semanas na caçamba de lixo.

Claro, ela os salvou e, juntas, cuidamos deles que estavam lotados de pulgas e quase mortos. Alda me ensinou a amamentar bebês muito pequenos, tirar pulgas, fazer massagem com algodão na barriga e nas partes para eles fazerem as necessidades e os cuidou no meu horário de trabalho.

Resultado: todos sobreviveram e, se me lembro, dessa empreitada ela adotou um gatinho amarelo lindo e fofo, além da Tetê, uma gata que ela fez lar temporário, adotou mas que já partiu. Esses ensinamentos foram essenciais para que, mais tarde, eu conseguisse salvar outros bebês e orientasse pessoas nos cuidados de gatinhos abandonados muito pequenos.

Mas o que a movia? O que movia Alda era a indignação. Indignação contra maus tratos, descaso, crueldade e com a indiferença social, seja para animais ou para pessoas abandonadas, que sofrem e morrem bem na nossa frente, sem que ninguém faça nada. Ela optou por agir e fazer diferença na vida de pessoas e de animais invisibilizados e em vulnerabilidade.

*Alda tinha a verdadeira noção da responsabilidade comunitária, de que todos somos responsáveis pelo que acontece à nossa volta, e pelos motivos que devemos atuar. Porque não adianta desejar um mundo melhor, é preciso criá-lo. Alda, minha querida amiga, nossa vida foi melhor com você e por você.*

Obrigada pelos seus ensinamentos, pela parceria, carinho, convívio e pelas conversas. Você partiu cedo, mas sua vida fez diferença para muitas vidas, inclusive a minha. Você iluminou com inteligência, amor e maestria todos os caminhos por onde trilhou. Obrigada por tudo!

---

por Maria Lúcia Felix,  
Pedagoga e oficial de Marinha



## Uma Cronista

Quando vim morar no Zacatecas reencontrei o João Baptista com quem havia trabalhado na Folha de São Paulo. E conheci a Alda, os filhos e a filha.

Nossa amizade se desenvolveu aqui no prédio e voltamos a trabalhar juntos quando ele era o editor da revista do SECOVI.

Foi então que me aproximei mais da Alda, pois fizemos matérias para a revista.

Nessa revista tinha uma crônica dela sempre criativa e de agradável leitura.

A convivência com a Alda era muito prazerosa. Pela inteligência, pela perspicácia e pelo humor. E muito também pelas suas indignações!

Vê-la pelo pátio cuidando dos gatos era uma cena que apaziguava nossas inquietações.

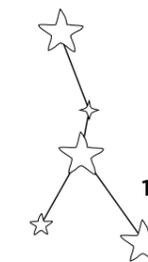
Quando a encontrava a caminho das compras, ou na volta, eu brincava: “gastando dinheiro, hein?”. Ela sorria e dizia “não foi muito não”.

E a sua história de vida, que já me era interessante, ficou ainda mais com os detalhes que vim a conhecer ultimamente depois da sua partida.

A Alda faz falta!

---

por Zeca Guimarães,  
Fotógrafo





## Encontro e Vizinhança: Como é bom viver o cotidiano

*Nós nunca conseguimos determinar a data exata, ou mais ou menos precisa, quando algumas pessoas que encontramos nos seduzem e se tornam importantes, tomando um lugar cativo para sempre em nossas vidas.*

Esses encontros podem acontecer – e foram cotidianos no Edifício Zacatecas, em Laranjeiras – assim como aconteceram em experiências várias, em momentos de muito prazer e em situações para mim curiosas, quando Alda descia às 3h e meia da tarde e era religiosamente aguardada no pátio do prédio pelo gato Sushi, que ela alimentava com gosto.

Também permanecem na memória a vivência de situações que poderiam ser comuns, mas que no momento e na conjuntura em que ocorreram tinham algo de extraordinário, digo extraordinário mesmo.

Foi assim que o nosso encontro de corpo e alma, do qual não consigo precisar a data, se tornou múltiplo e cotidiano. Podia ser no elevador, debaixo da árvore em que Alda colocava o pratinho com a comida do gato ou na ida ao supermercado – e são muitos os aqui em volta.

Dividimos aqueles momentos terríveis de pandemia e a sensação de esperança na fila para tomar vacina no Museu da República. Este não foi casual. Havíamos combinado, pois tínhamos a mesma idade, e fomos juntas.



Essa combinação e a ida de táxi, e de mãos dadas literalmente, para tomar a primeira dose da vacina da COVID foi um dos nossos pactos que pode ser lido de diferentes formas. Pacto pela crença na ciência, pacto contra o absurdo da política e das fakenews do governo anterior, e, sobretudo, pacto pela vida.

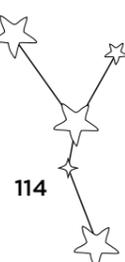
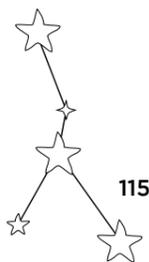
Aldina tinha um verdadeiro pacto com a vida. Seu sorriso, a disposição, a ironia, sua generosidade – inclusive com os gatos, entre eles, desculpem-me a brincadeira a que não posso me furtar... com o João.

Alda era pura vida. Vida que se foi, mas continua viva em todos e todas nós, em seus três filhos, de barriga e de coração, o enteado, em seu amor maior, João, em seus gatos e no Sushi, expulso pelos outros para o convento do Cenáculo, na rua Pereira da Silva aqui ao lado, em seus vizinhos e vizinhas do Zacatecas, como em mim.

Creio que sentimos muito a passagem e a falta de pessoas importantes e conhecidas, por exemplo, mundialmente ou até mesmo nacionalmente. Porém o sentimento do não encontro com Alda no nosso cotidiano me faz falta. E, desculpem se posso parecer fútil, mas não é nada disso. Sinto falta de encontrar Alda no Zacatecas com os seus vestidos compridos e esvoaçantes.

*Essa era Alda para mim, deslumbrante e esvoaçante. Que ela esteja esvoaçando em algum outro lugar, mas estará para sempre perto de nós e de todos os gatos e gatas, animais e humanos que ela tanto amava.*

por Maria Fernanda Bicalho,  
Professora titular de História da UFF





## Aroma de Paixão

Faz sete anos que João e Alda vieram visitar o México e entre os muitos presentes que trouxeram um em particular me fascinou: um pequeno vidro com um líquido laranja. Alda me disse: “é um perfume de maracujá, a fruta da paixão”.

Não sei por que uso este perfume em quase todas as manhãs como amuleto para ter um dia feliz que nunca termine. Descobri que este é o aroma da Alda, que sempre me acompanha nas ocasiões mais importantes.



*O aroma me leva ao Brasil e às aventuras que juntos tivemos, Alda, João, Enrico e eu.*

*Maracujá cheira a Samba e Ipanema, cheira a Ilha de Paquetá e a Prainha, a preferida de Alda no Rio de Janeiro.*

Tem o cheiro desse país distante com cachaça, onde vi meu querido e bonito poeta João, que me mostrou um dia seu país mágico e eu lhe mostrei o meu. Eles passaram uns dias em minha casa e eu a conheci a deles, com sua música e o baile da gafeira.

Eles se perderam em meio ao bulício mexicano da festa de San Miguel, com suas danças. Não termina, nem terminará jamais o aroma de Maracujá, a fruta da paixão, como me disse Alda antes de virar poeira de estrela.

*Te quero, Alda, te quero, João, a cada manhã.*

por Dora Guzmán Treviño,  
Cineasta e Produtora de Rádio e TV



## De volta ao Caneco

Pela primeira vez desde que minha namorada virou estrela, fui ontem à tarde ao Caneco Gelado do Mário. O bar fica na rua Marquês de Caxias, a duas quadras da sede do jornal **O Fluminense**, no centro velho de Niterói. Bar é uma forma carinhosa de dizer, porque o Caneco agora possui três salões de restaurantes. Ontem, por volta de 13h30min, estavam todos cheios. Resolvi parar no balcão do bar e pedi o de sempre: pastel de siri, regado a cerveja e batida de limão.

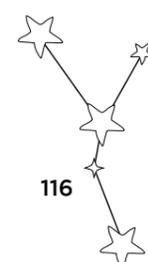
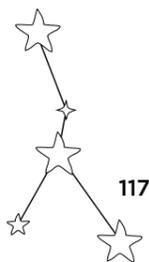
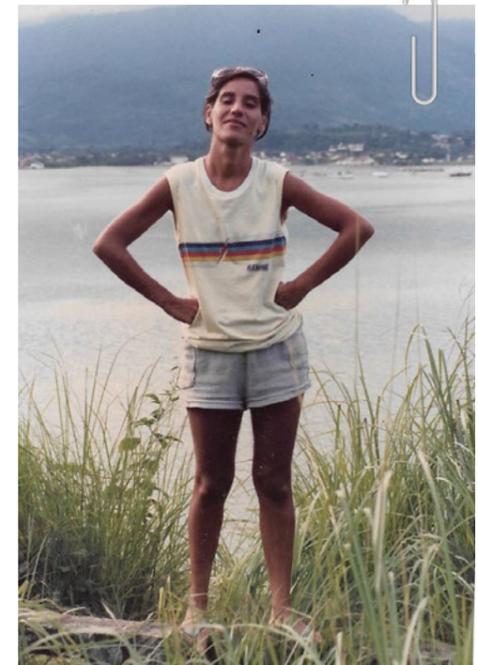
Foi Alda que me apresentou o Caneco do Mário, em 1987, quando trabalhava como redatora da **Rádio Fluminense**. Hoje o lugar tem 53 anos, ganhou prêmios como melhor botequim de Niterói, especializado em peixe e frutos do mar, e faz parte do roteiro gastronômico da cidade.

Dizem que de vez em quando personagens como Amaral Peixoto e Roberto Silveira aparecem por lá disfarçados. A diversidade da clientela está entre as qualidades do bar-restaurant, frequentado por trabalhadores dos estaleiros, prestadores de serviço, profissionais liberais, juízes, promotores, jornalistas e, claro, professores da UFF, como este humilde escriba.

Uma vez levei um amigo para conhecer o Caneco, Dante Gastaldoni, meu colega de Universidade. Ele ficou olhando o movimento uns 10 minutos e concluiu: “Este é o primeiro bar que eu entro em que o dono cuida da cozinha e os empregados, do caixa”. E era verdade., tal o esmero de Mário com a qualidade da comida.

Hoje, Seu Mario, 81 anos, português natural de Braga, na região do Minho, está fora de combate. Tomou um tombo e está descansando em casa. Um descanso merecido.

Alda e eu tínhamos um acordo. Toda vez que um de nós passava sozinho no Caneco depois do trabalho levava pelo menos dois pastéis de siri para o outro. Ontem trouxe cinco, um pra cada filho, outra para a nora e outro para a jovem veterinária, uma gatinha que cuida da nossa gatinha. Será que Alda ficaria com ciúmes?



## Lambendo a cria

Depois de quase dois anos, voltamos juntos a Niterói ontem à tarde. Fomos de Uber, que estava com um preço bem em conta: R\$ 40, pouco mais que a soma da passagem do ônibus especial e de um táxi até o Instituto de Geociências, no campus da Praia Vermelha, uma das vistas mais bonitas da cidade de Paulo Gustavo.

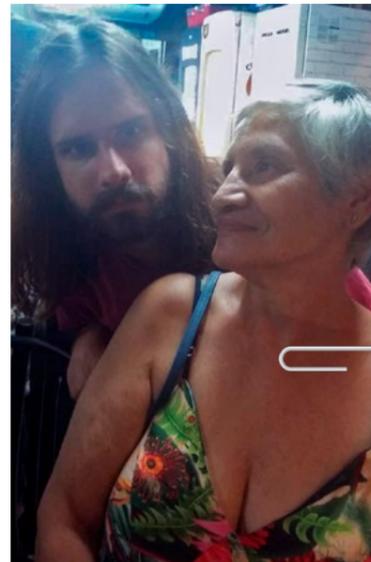
Alda e eu fomos lambe a cria. Era a primeira vez que o professor André, o caçula, dava uma palestra para estudantes de graduação sobre a Geografia e a uberização das relações de trabalho, tema da pesquisa em andamento do doutorado dele na PUC.

Assim que chegamos à sala de aula, tivemos uma surpresa bonita. Estava lá estampado na primeira tela do power point. Nome do palestrante: André Almeida. A homenagem do sobrenome fez cair uma lágrima dos olhos da homenageada. “E pensar que eu carreguei ele no colo”, cochichou baixinho no meu ouvido.

Foram quase duas horas de fala, com algumas intervenções dos 28 alunos de Geografia. Alda ficou lá o tempo todo, sem sair uma vez sequer para fumar. Foi na UFF que André Almeida de Abreu cursou a graduação e o mestrado em Geografia. Foi nesta universidade que o pai e a mãe cursaram Jornalismo. Foi no velho casarão do IACS que eles se conheceram na década de 1980, cada qual de um lado do balcão da sala de aula.

Foi também em Niterói nos anos 30 que o avô paterno de André e sogro de Alda formou-se em Odontologia, em uma faculdade particular que seria incorporada à UFF quando de sua criação, em 1960.

No final da palestra, hora dos aplausos, Alda preferiu aplaudir em silêncio. Missão cumprida. Na volta ficou combinado. Ela estará presente no dia da defesa da tese.



## Saudade dos artistas da bola



Após um ano de recesso voluntário, voltei ontem à noite ao Engenhão. Não dava pra dispensar a mordomia. O amigo e *designer* Amaury Fernandes, professor da UFRJ, se ofereceu pra me buscar e deixar em casa. Só faltou pagar o ingresso, o que foi feito pelo caçula André. Alda ficou em casa vendo o programa do Luciano Huck. Ela adora a “Dança dos Famosos”.

Arquibancada cheia, clima de euforia com a liderança isolada no campeonato brasileiro, gente preta e branca de todas as idades e origens aplaudindo o ato de combate ao racismo antes da partida. Tudo como nos tempos do meu pai quando a gente ia ao Maracanã pra ver artistas da bola, como Garrincha, Didi e Nilton Santos. E em outra geração, Gerson, Jairzinho, Roberto Miranda e Paulo Cesar.

O único senão do espetáculo de ontem, que terminou 2 a 0 contra o América Mineiro, foi um babaca que soltava bombas do tipo cabeça de negro no meio da arquibancada lotada do setor Leste Superior.

Na saída ficou o sentimento de que valeu a pena o esforço. Meu coração é alvinegro e o dos filhos também. Em casa Alda não gostou nada da derrota do seu time. Antes da “Dança dos Famosos”, quem dançou foi o Fluminense, que perdeu para o Corinthians também por 2 a 0. Quando cheguei em casa, no meio do **Fantástico**, já tinha ido dormir.

Quando acordei de manhãzinha, não estava mais aqui. Na próxima vitória do Fluminense ela volta.

por João Batista,  
namorado de Alda e pai de André



## Copo Vazio

Dizem que um copo meio vazio também está meio cheio. Tenho lá minhas dúvidas quando este copo simboliza a vida a dois, algo que se evapora de repente como água no deserto ou uma pia sem tampa.

*Duas semanas depois da partida da Alda, a sensação que fica é a de um imenso copo vazio.*

Ao acordar, o braço estendido sem resposta faz da cama um latifúndio improdutivo, tamanho o abismo de sensualidade. O sol não penetra na veneziana entreaberta e o despertar soa sem razão. Até mesmo o carinho matinal negociado desapareceu como nuvem que se dissipa ao alvorecer.

Esquentar a água no bule, pôr a mesa do café da manhã e deitar as xícaras, com o pão, a manteiga; o biscoito e a geleia preferida, assim como ligar a TV para ver o Bom Dia, Rio e o Bom Dia, Brasil, comentar as matérias, elogiar o desempenho do repórter, criticar as gafes, enfim compartilhar comentários e gargalhadas.

O ciúme despertado com elogios à repórter gatinha de um lado, e do outro os suspiros mal disfarçados pelo repórter gato.

Tudo terminava num beijo, beliscão ou puxão de orelha, digno de registro na delegacia da Mulher. Não precisa ter lido Sartre, nem Baudelaire para descobrir que o ciúme da utopia amplifica o amor. Assim

como qualquer semente, ele precisa ser semeado a cada manhã para florescer. As novelas em série desde as seis da tarde descansam a mente até o sono chegar, cada vez mais cedo por causa dos remédios.

O comentário trocado sobre uma cena bonita, enquadramento e sequência criativos, o uso da luz, a interpretação do ator pouco conhecido.

Eu, um reles editor de telejornal, enquanto ela flertava com o cinema na faculdade. Foi Alda que me apresentou o longa “O baile”, de Ettore Scolla, que conta uma história sem diálogo e tendo como locação apenas um bar em Paris. Lindo. Filmes, livros e música, tudo nos aproxima.

Aos domingos a revista do Globo, a audiência fiel do Globo Rural. No meio de semana as colunas de Cora Rónai, Aguazuza, Joaquim Ferreira dos Santos. Tudo parece ter perdido o sentido.

A vida a dois fez do cotidiano da casa algo inócuo, como se buscássemos em vão a motivação para cumprir as obrigações do cotidiano. As brigas dela com João Marcelo por causa das garrafas geladas de água mineral disputadas a tapa, o mau humor com os gritos histéricos do André durante os jogos do Botafogo na TV, a cobrança pela devolução dos vestidos emprestados à Mariana que nunca mais seriam usados, mas que ela fazia questão de guardar no armário como troféu de tecido. Tudo se esvaiu na lembrança.

Nos últimos anos a aposentadoria e a pandemia nos aproximaram na rotina da casa, como se buscássemos um novo sentido para prosseguir em meio a tantos óbitos e tanta negligência. Ficar em casa virou o mote da resistência e da sobrevivência. O afeto se estreitou, assim como as brigas de longos cinco minutos.

Alda deixou órfãos seis gatos, dos quais quatro dormiam na nossa cama. Animais sentem a ausência talvez até mais do que os humanos. Procuram pela casa um cheiro, voz, alguma coisa que os faça encontrar a tutora amorosa que lhes dava comida, remédio e afeto.

Cada prato, cada xícara, objeto, enfeite, tudo faz lembrar a metade que se foi. A caneca do café aposentou-se no fundo do armário. O romance “Cafeína”, do amigo comum e meu ex-aluno Maurício Assumpção, asilado em Paris, permanece deitado na estante à espera da retomada da leitura interrompida.

Na mesa de cabeceira, jazem as caixas dos oito remédios que a acompanhavam todas as manhãs nos últimos meses para combater a hipertensão, a pneumonia, a diabetes, a anemia e a gastrite. Ao lado, uma boneca em homenagem a Iansã

Na mesma mesa a imagem de Santo Antonio parece não esboçar a mesma reação de felicidade quando recebe a rosa da semana comprada depois da feira. Logo a Alda que rezava tanto à espera de um bom casamento. Será que o santo perdeu a fé? Será que a vida ainda faz sentido?

O quadro repleto de fotos em frente ao computador fica dizendo pra mim o tempo todo: “Ei, eu tô de olho em você. Fui embora não”.

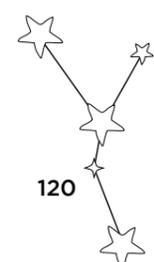


Alda, Mariana e eu na mureta da Urca, outra com João Marcelo no colo, comigo novinho, os filhos e mais Pedro, o sogro e André no ventre. E ainda nos Jogos Olímpicos do Rio, em Ouro Preto, Mariana, na foz do Rio Negro no congresso da Intercom. No exterior em Machu Pichu, México e em Quito, nós dois com um pé em cada hemisfério. As revelações eternizam a saudade. No alto do quadro a foto em close com uma floresta ao fundo realça a luz do rosto bem esculpido.

Alda escolheu o outono para fazer a passagem, uma estação de transição. Se ela ainda morasse em Lisboa, estaríamos na primavera. Bem que a gente podia ganhar mais seis meses, né? Daqui a três domingos temos o Dia das Mães. Desculpem o desabafo.

Hoje cedo, depois de muito tempo fui visitar o horóscopo do meu signo, Peixes, e dei de cara com a seguinte recomendação:

*“Ainda que visitar o passado nem sempre seja uma tarefa simples, uma viagem através do tempo lhe revelará talentos e sonhos adormecidos que darão mais força para quem você é agora. Vá ao seu encontro”.*



## Cinzas no Parque Guinle

Nesta segunda-feira levamos parte das cinzas para o Parque Guinle, um lugar que Alda, eu e as crianças adorávamos passear nos fins-de-semana e feriados.

O parque está muito bem cuidado por iniciativa não da Prefeitura, mas de um grupo de moradores dos prédios vizinhos. Romeu e Julieta, o casal de cisnes assassinado pela ignorância, estão sepultados lá e os filhotes, protegidos pela mãe Goiabinha, seguem enfeitando o lago.

Um ponto de sonhos em Laranjeiras que atravessa o tempo. Meus pais, meus irmãos e eu frequentávamos o parque desde quando Juscelino Kubitschek ocupava o palácio.

Mariana e João Marcelo Jogaram as cinzas em uma planta conhecida como espada de São Jorge em um dos canteiros entre a entrada principal e o local dos aparelhos de ginástica. Quando foi minha vez de jogar, tive uma surpresa. Bem ao lado jazia um ovo enorme, que, segundo um zelador do parque, seria de ganso.

De acordo com a tradição cristã, o ovo representa o renascimento da vida, daí a associação com a Páscoa e a ressurreição de Jesus.

Sáimos de lá com a esperança de que nossa estrela esteja brilhando em outra vida, onde quer que seja.



## SobrenaturAlda no Beira Rio

Mariana estava ontem à noite no Beira Rio e arrumou um jeito de levar a Alda escondida na bolsa tricolor. No momento do apito inicial, ela abriu o fecho éclair para a mãe assistir à partida. Sem ingresso.

Não me lembro de mãe e filha terem ido sozinhas a um jogo do Fluminense no Maracanã. Foram uma vez para o show do Backstreet Boys e, segundo Mariana, a mãe dançou e cantou mais do que a menina adolescente.

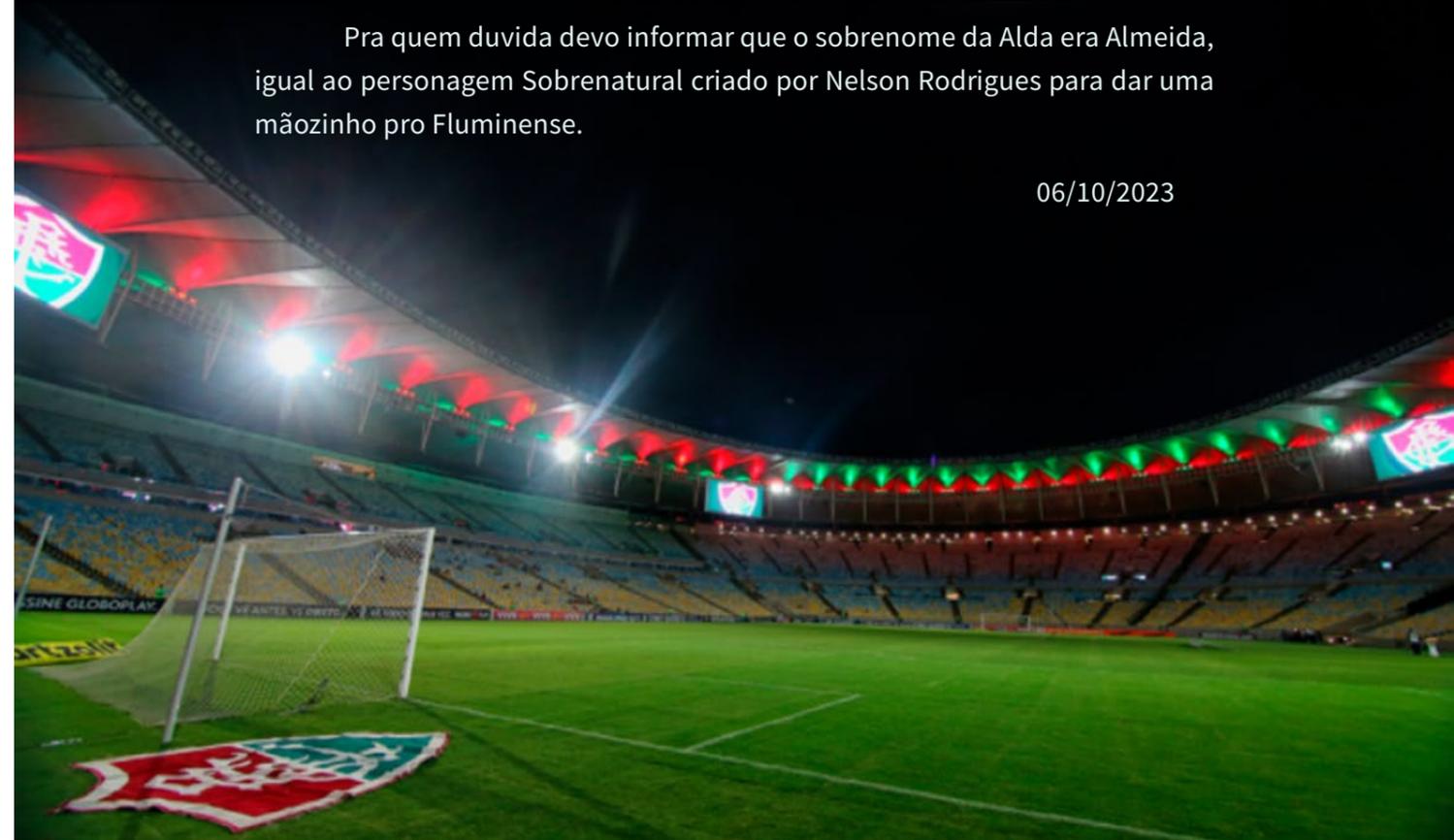
Ontem foi diferente. Ficou ali quieta vendo o jogo pela tampa aberta da bolsa. Mas lá pelos 40 minutos do segundo tempo, Alda não se conteve. Pulou da bolsa, invadiu o campo e no ataque do Fluminense deu um leve empurrão em John Kennedy para não atrapalhar o chute certeiro de German Cano. 2 x 1 de virada.

Foi a vingança da Alda diante das desclassificações impostas pelo Internacional ao Fluminense no passado.

O VAR não viu, a torcida também não, as câmeras não mostraram, mas foi assim que eu vi daqui de casa. E ponto final.

Pra quem duvida devo informar que o sobrenome da Alda era Almeida, igual ao personagem Sobrenatural criado por Nelson Rodrigues para dar uma mãozinha pro Fluminense.

06/10/2023

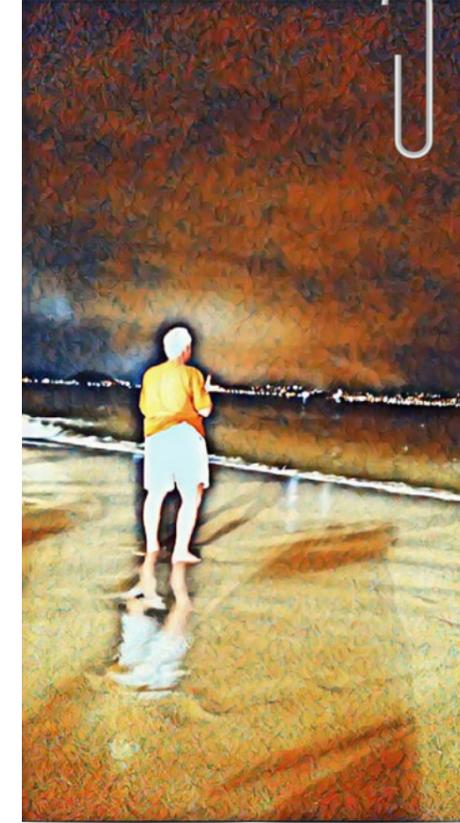




### *Sin tu latido*

Canção de Luiz Eduardo Aute, compositor espanhol, que fala do amor pelo cachorro de estimação que se foi. Aute tinha um cão que teve que deixar em Moçambique quando veio para o Brasil.

Nascido em Manilla, nas Filipinas, em 1943, filho de pai espanhol, Aute foi um crítico da ditadura franquista na Espanha. Morreu em Madri, em 2020. [Nesta gravação Aute canta ao lado do cubano Sylvio Rodriguez.](#)



<i>Hay algunos que dicen Que todos los caminos conducen a Roma Y es verdad porque el mío Me lleva cada noche al hueco que te nombra Y le hablo y le suelto Una sonrisa, una blasfemia y dos derrotas Luego apago tus ojos Y duermo con tu nombre besando mi boca Ay, amor mío Qué terriblemente absurdo es estar vivo Sin el alma de tu cuerpo sin tu latido Sin tu latido Que el final de esta historia Enésima autobiografía de un fracaso No te sirva de ejemplo</i>	<i>Hay quien afirma que el amor es un milagro Que no hay mal que no cure Pero tampoco bien que le dure cien años Eso casi lo salva Lo malo son las noches que mojan mi mano Ay, amor mío Qué terriblemente absurdo es estar vivo Sin el alma de tu cuerpo sin tu latido Sin tu latido Aunque todo ya es nada No sé por qué te escondes y huyes de mi encuentro Por saber de tu vida No creo que vulnere ningún mandamiento Tan terrible es el odio Que ni te atreves a</i>	<i>mostrarme tu desprecio Pero no me hagas caso Lo que me pasa es que este mundo no lo entiendo Ay, amor mío Qué terriblemente absurdo es estar vivo Sin el alma de tu cuerpo sin tu latido Sin tu latido Ay, amor mío Qué terriblemente absurdo es estar vivo Sin el alma de tu cuerpo sin tu latido Sin tu latido Ay, amor mío Qué terriblemente absurdo es estar vivo Sin el alma de tu cuerpo sin tu latido Sin tu latido Ay, amor mío Qué terriblemente absurdo es estar vivo Sin el alma de tu cuerpo sin tu latido Sin tu latido</i>
---	--	---

*Hoje o dia amanheceu já noite  
E nessa noite dia sem sol  
Uma irmã amiga se foi.  
  
De meus olhos brotam lágrimas  
E nelas não se reflete a lua  
Será que amanhã haverá sol  
Posso até vê-lo daqui  
Mas hoje quero apenas a proteção  
desse doce veludo  
Onde quieta me aninho para  
chorar  
Lágrimas de amiga*

## Presépio e árvore de Natal

Conto aqui uma tradição caseira de Natal; parte verdade, parte ficção, como soem ser as boas histórias natalinas. Todo ano, no primeiro sábado de dezembro, Alda tomava a iniciativa de montar a árvore de plástico comprada na Saara, com iluminação e tudo, e armava o presépio que os pais trouxeram de Portugal.

Subia sozinha na escada e retirava do alto do armário do banheiro todos os badulaques e personagens que simbolizam a festa do Pai Natal, como é conhecido o Papai Noel lá na terrinha. Fazia isso com uma alegria contagiante.

Este é o primeiro ano sem a nossa Mamãe Noel lusitana. O que fazer então? Montar a árvore e o presépio. Mariana decidiu seguir os passos da mãe e buscou as peças da árvore no armário. Tudo perfeito se não faltasse justamente a base de apoio da árvore. Procura-se daqui e dali durante dias seguidos até que João Marcelo, guiado pela mãe, encontrou a peça no fundo do armário.

Árvore erguida, eis que os personagens do presépio começam a esboçar ciúmes. Afinal de contas, por que só eles ficariam guardados na caixa, sujeitos a poeira e esquecimento?

Antonio, o pastor de ovelhas do Alentejo, reclamou do preconceito, no que



teve o apoio de Helena, a varina, e Nuno, o amigo alentejano.

O levante mereceu o apoio dos três reis magos, o velho Belchior, o jovem Gaspar e o mouro Baltazar. Os animais que aqueciam o berço do menino Jesus ruminavam alto em apoio à reivindicação dos companheiros de presépio. Maria e José aprovaram a manifestação com os olhos. Pois estão lá a árvore de Natal e o presépio junto à janela da sala, como todos os anos.

Na noite de 24 de dezembro, Alda vem nos visitar para distribuir os presentes e avaliar a comida. Deve criticar a qualidade da torta de bacalhau preparada pela primeira vez pela filha Mariana e reclamar da minha roupa esfarrapada, mais como brincadeira do que a sério.

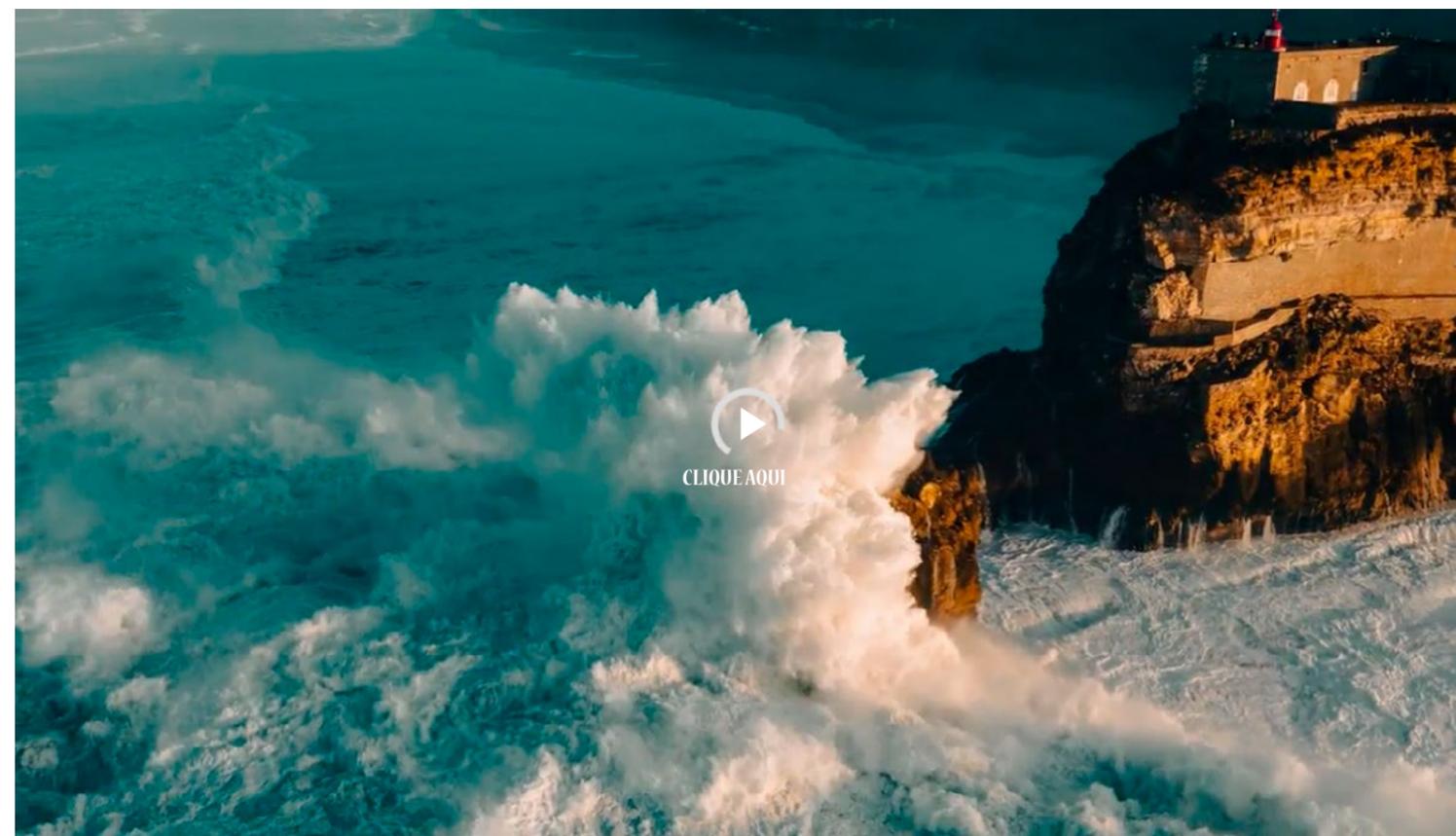
De manhã cedo voltará a ser estrela, no coração de todos nós.

*Em agosto, na UFF, em Niterói, os organizadores do congresso de História da Mídia resolveram prestar homenagem a uma colega, professora e pesquisadora, que durante anos apresentou trabalhos e participou dos debates sobre rádio e jornalismo.*

*Não havia lugar melhor para a homenagem. Alda morou na antiga capital fluminense e lá começou a trabalhar.*

*O vídeo, exibido em primeira mão, emocionou a todos.*

A seguir o vídeo pode ser conferido a partir de um link de visualização. Ele foi editado pelo amigo Ricardo Porto e tem como trilha sonora as canções *Haja o que houver*, por Madredeus e *Estrela*, por Carminho. Por favor, não compartilhe nem use trechos das obras.



*Para Alda,*  
com amor

